

MUZA CLARA CHAVES VELASQUES

A LAPA BOÊMIA: UM ESTUDO DA IDENTIDADE CARIOCA

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Fluminense como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em História Social.

Orientadora: Professora Doutora Ângela de Castro Gomes

BANCA EXAMINADORA

---

(Presidente da Banca)

---

---

Niterói  
1994

Aos meus dois amores, João e Marcelo

## **RESUMO**

Ao longo deste século as identidades da cidade do Rio de Janeiro e do carioca foram sendo construídas e reafirmadas. Uma cidade e um povo ligados ora ao carnaval e à boêmia, ora ócio e à desordem, tornaram-se as visões mais recorrentes sobre o Rio. As lembranças evocadas sobre os anos 30 e 40 trazem à luz a afirmação de um forte espaço boêmio da cidade: a Lapa. Nosso trabalho procura, percorrendo o bairro da Lapa, entender a construção das práticas e imagens que o tornaram um ponto de referência para a cidade.

## RESUMÉ

Tout le long de ce siècle les identités de la ville du Rio de Janeiro et du carioca ont été construites et reaffirmées. Une ville et un peuple liés tantôt au carnaval et à la bohème, tantôt à la oisiveté et à la désordre, ont devenus les visions les plus appelantes. Les souvenirs évoqués sur les années 30 et 40 ont mis en lumière l'affirmation d'un fort espace bohème de la ville: la Lapa. Notre travail cherche, parcourant le quartier de la Lapa, comprendre la construction des pratiques et des images par lesquelles elle a devenues un point de référence pour la ville.

## SUMÁRIO

Lista de Imagens	p.VI
Agradecimentos	p.VII
Introdução	p.1
Capítulo I – Lembranças da Montmartre dos Trópicos	p.11
Capítulo II – No Tempo das Reformas	p.35
II-1- O Espaço Urbano	p.36
II-2- A população	p.43
Capítulo III – O Lugar dos Excessos	p.49
III-1-Vida do Rio	p.50
III-2-Roteiro da Lapa Boêmia	p.62
Capítulo IV – Pondo Fim aos Excessos	p.72
Capítulo V – Os Sons que Vêm da Lapa	p.91
V-1- A Voz do Malandro	p.92
V-2- O Samba Malandro	p.100
Conclusão	p.116
Fontes e Bibliografia	p.121

## LISTA DE IMAGENS

1- Largo da Lapa, 1906*	p.61
2- Largo da Lapa, s.d.	p.61
3- Largo da Lapa, s.d.	p.62
4- Largo da Lapa, s.d.	p.62
5- Largo da Lapa, 1939.	p.63
6- Largo da Lapa, s.d.	p.63
7- Demolições para a abertura da Av. Mem de Sá, 1906.	p.64
8- Demolições para a abertura da Av. Mem de Sá, 1906.	p.64
9- Arcos da Lapa, s.d.	p.65
10- Arcos da Lapa, s.d.	p.65
11- Arcos da Lapa, 1931.	p.66
12- Rua dos Arcos, mudança de calçamento, 1928.	p.66
13- Beco das Carmelitas/Travessa das Carmelitas, s.d.	p.67
14- Ressaca na Praia da Lapa, 1921.	p.67

\* Todas as fotos são de Augusto Malta, e estão arquivadas no Museu da Imagem e do Som. As reproduções foram feitas por Sidney Silva da Motta.

## AGRADECIMENTOS

De certa forma, este é o momento em que repassamos uma parte importante de nossa vida, lembrando gestos e palavras de incentivo e carinho, durante o longo percurso da realização de uma dissertação. Várias pessoas estiveram envolvidas nesta difícil, porém prazerosa, trajetória. Aqui passo a apresentá-las e agradece-las.

Em primeiro lugar a João Miguel, meu filho, que chegando sem pedir licença deu a minha vida um sentido maior, e à palavra mãe um significado indescritível. Sem dúvida o que de melhor aconteceu para mim. Em meio aos livros e documentos sua presença sempre soou como a mais bela música. Dividindo essas emoções Marcelo, meu companheiro de todas as horas e todos os sentimentos, foi, com certeza, a pessoa que mais sofreu comigo e por minha causa, segurando sempre todas as “barras”. Sem seu apoio, este trabalho não teria existido. Sua presença está desde a digitação à revisão do texto, além (e principalmente) das palavras de amor e estímulo e dos geniais comentários.

Com especial carinho agradeço a minha orientadora. Ângela, pela correção de suas palavras, pela eficiência profissional e sobretudo pela delicadeza com que move esses dons, é única. Em meio aos meus problemas “domésticos” e profissionais, sempre soube me empurrar “lareira acima”.

Sem suas intervenções e idéias precisas e valiosas em meus textos, esta dissertação careceria de qualidades que possam vir a ser nela apontadas.

Aos meus pais, agora vovô Miguel e vovó Juju, e aos meus irmãos, Mariza, Marcos e Marta, por reafirmarem, a cada dia de casa cheia, a felicidade de se ter uma família.

Aos amigos, direta ou indiretamente, por serem presença constante em minha vida, acabaram por participar do trabalho. A Sidney, compadre e amigo de longa data, agradeço o trabalho

perfeito de reprodução fotográfica e o empréstimo, em horas difíceis, de seu gabinete de estudo. A Mario Jorge, Cleber e Betânia, amigos do peito e parceiros, que estiveram a meu lado ora em empreendimentos mal sucedidos, ora em novas conquistas, por muitas vezes ouvirem meus desesperos.

A Marly minha mais nova “amiga de infância”, pelas generosas palavras de estímulo e grande torcida, não poderia ser esquecida. Agradecimentos devem ser feitos também às minhas amigas de curso Zezé, pela cumplicidade constante, e Bela, pela meiga presença.

A Maria Carolina Granato, não só pela tradução do resumo, mas principalmente por dividir comigo a preocupação do caminho de redação da dissertação, além de compartilhar a dura existência do Professor do Município.

As compadres João Raimundo e Soninha, que no frio de Nova Friburgo sempre nos receberam com um forte calor no coração, pelas intrigantes e valiosas conversas ao redor da mesa, que nos remeteram um pouco para o clima desta “boêmia literária”. Um abraço nas meninas!

A Guida e Ana, pela amizade eterna.

Aos professores da Pós-Graduação da UFF pelos cursos que fiz e, em especial, aos professores Leandro Konder e Margarida Neves, pela rica contribuição quando da defesa de projeto.

Aos funcionários das instituições por onde passei pesquisando. Lembro especialmente de Cláudia Mesquita, coordenadora do setor de História Oral do Museu da Imagem e do Som que, com enorme competência, viabilizou meu trabalho naquela instituição.

CNPQ e Faperj concederam as bolsas indispensáveis.

E finalmente, agradeço a Elza Cabral, que me ensinou o que é História.

“Sonhei que a Lapa boêmia dos meus cabarés  
Voltava trazendo de novo a cidade a seus pés  
E as lindas mulheres vestidas como antigamente  
Dançavam nos velhos salões, sorridentes  
Naquele momento voei voltei ao passado  
Senti os meus velhos amigos também ao meu lado  
E as lindas mulheres vestidas como antigamente  
Faziam-me reviver meus amores ardentes  
Ao som de sutil melodia meu sonho bailava  
Naquele momento confesso, sorrindo eu chorava  
Senhor meu divino arquiteto das coisas bonitas sem fim  
Por que não devolve de novo esta Lapa pra mim?

A Lapa na década de trinta –  
Samba de Dalmo Niterói e M.Mtcelli,  
gravado por Nelson Gonçalves.

## **INTRODUÇÃO**

Para aqueles que transitam pela cidade do Rio de Janeiro de hoje, muitos bairros são familiares apenas por suas vias rodoviárias, cruzamentos e engarrafamentos. São locais de passagem para transeuntes apressados. Mas, os moradores ou freqüentadores mais antigos desses locais certamente os identificam a partir de características menos superficiais, que as sucessivas reformas urbanas, pelas quais passou a cidade no decorrer do século XX, não conseguiram apagar totalmente. A descaracterização urbana ainda não atingiu ao menos as lembranças dos saudosos e, na memória coletiva da cidade, algumas locais aparecem como símbolos de um jeito de viver carioca. Como a Lapa.

Percorrendo sua história, observamos que o bairro da Lapa, ou pelo menos parte dele, foi recorrentemente repensado e planejado, fazendo parte de diferentes projetos urbanísticos ao longo de nosso século. Esse movimento que caracterizou-se por um recurso sucessivo ao passado como estratégia de planejamento futuro, serve-nos como indicador de algumas características específicas do bairro em relação à cidade do Rio de Janeiro, outrora Capital Federal.

Ao apresentar o **Projeto de Reestruturação do Largo da Lapa**, no segundo semestre de 1990,<sup>1</sup> a Prefeitura Municipal da época, além de propor um novo tratamento paisagístico para o tradicional Largo da Lapa – que constitui a principal porta de entrada para o bairro – incluindo a criação de um anfiteatro, lançou como bandeira a transformação do bairro em um espaço de lazer cultural atraente para a população da cidade. Dentro desse contexto, a Sala Cecília Meirelles (localizada no largo e conhecida pelos concertos musicais que abriga), a Gafieira Asa Branca e o Circo Voador (casas de shows também localizadas ao redor do Largo), a Escola Nacional de Música, e a Fundação Progresso (espaço em restauração que tem como meta ser um “shopping cultural”), dariam o tom das novas funções do bairro. A partir desta proposta, podemos observar uma freqüência cada vez maior de reportagens sobre o bairro, em diferentes jornais cariocas, onde o debate em torno do projeto de remodelação tinha como pano de fundo a idéia de recuperação, ou “ressurgimento” da Lapa.

Com o título bastante significativo de “A Lapa após a decadência: malandros sumiram, boêmios já não freqüentam seus bares, mas o bairro se transforma e volta à vida”, uma reportagem apresentada pelo Jornal do Brasil colheu as opiniões de antigos e novos moradores, freqüentadores e trabalhadores do bairro sobre as propostas expostas no projeto da prefeitura.<sup>2</sup>

Para alguns, as novas mudanças assumiriam a dimensão de uma volta às décadas de 1930 e 1940. Essa parece ser a visão de “Seu” Adão, 70 anos, 50 dos quais trabalhando como garçom em um dos mais conhecidos restaurantes da Lapa:

“Não podemos entregar os pontos. O espírito da boêmia sadia ainda está pairando por aí, perdido na noite. Sinto que alguma coisa vai acontecer.”<sup>3</sup>

Para Moreira da Silva, 92 anos, cantor e compositor de sambas que o deixaram como marca registrada da imagem do malandro carioca de meio século atrás, da antiga Lapa, “... só sobrou melancolia e uma resistência velada, porque quem amou a Lapa não a esquece.”<sup>4</sup> Mas, mesmo Moreira acreditou que o projeto de reestruturação pudesse vir a ser uma tábua de salvação para o bairro.

Se o passado de glórias parece apagado pelo “progresso”, no espaço da memória ele não só sobrevive, como substitui as percepções mais recentes sobre a Lapa. Afinal,

“(…) a memória permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo, interfere no processo “atual” das representações.

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, desloca estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência.”<sup>5</sup>

É no campo da evocação da memória que reside uma possibilidade de reversão do quadro de decadência do bairro, instaurado já há muito tempo. A possibilidade de uma Lapa que venha a servir de ponto de referência artístico e intelectual para a cidade, resgatando seu tradicional espírito de “boêmia sadia” ganha novos adeptos. Trata-se, segundo um dos coordenadores do projeto da Fundação Progresso, de “(...) fazer da Lapa um local de encontro de artistas e intelectuais, reverter essa tendência de decadência e explorar sua vocação natural para o turismo e o lazer cultural”.<sup>6</sup>

Passado mais de um ano do lançamento da proposta da Prefeitura, após um período de obras bastante polêmicas,<sup>7</sup> as reformas terminaram e surgiu um novo largo. O resultado que foi apresentado à população carioca em 08 de dezembro de 1991, segundo a arquiteta responsável pelo projeto, tinha como um dos objetivos a integração do bairro no circuito dos pontos históricos da cidade, incluindo-o dessa forma como um dos locais de passeios turísticos.<sup>8</sup> Reforça-se assim, o “processo revitalizador” do bairro.

Fazer renascer o “recanto boêmio”, onde outrora conviviam malandros, intelectuais e políticos é a meta principal. E é com este espírito que no dia da inauguração do Largo, ensaiaram o seu tão desejado retorno. Tendo a frente Moreira da Silva, com seu tradicional terno de linho branco, camisa de seda preta, sapatos brancos e chapéu de panamá – encarnando a própria figura do malandro da Lapa boêmia de outros tempos – a festa de inauguração do novo largo apelou para o estilo do revival.

Os argumentos de que o “bairro está para ficar para o Rio como o Soho para Nova Iorque e a Bastilha para Paris”, ou ainda que a “Lapa, que era um canteiro de mendigos, hoje é um colar de pérolas na cidade”,<sup>10</sup> fortaleceram o discurso de que após as reformas tudo voltou a ser como antes, ou seja, o bairro conseguiu trazer de volta a população que fazia parte deste grande centro cultural da cidade.<sup>11</sup>

Porém, o mapa da Boêmia dos anos 90 não abarca o bairro como um todo. Está circunscrito a um pequeno trecho entre o Largo da Lapa e a Fundação Progresso, reunindo locais que voltam suas atividades não para os moradores do bairro, mas para um “público externo”.

Um outro projeto, ainda em andamento, pretendia fazer deste espaço uma “Quadra da Cultura”. Através da realocação de ocupantes de imóveis do Estado, concentrados na Av. Mem de Sá, espaço para a ocupação da área próxima aos Arcos da Lapa por atividades culturais.<sup>12</sup> Nos prédios onde funcionavam oficinas e lojas de móveis, começariam a surgir espaços teatrais e centros culturais:

“Os imóveis do estado, sem uso funcional, devem ser aproveitados em projetos que atendam às características de cada região. No caso da Lapa, tradicionalmente um bairro de cultura, há imóveis ocupados irregularmente com um comércio que não é tradicional”.<sup>13</sup>

Mas, para além do Largo reestruturado e das imagens construídas e desejadas, como está o bairro da Lapa hoje?

Pode-se caracterizar a Lapa atual como uma via de ligação rodoviária entre o centro e as zonas norte e sul da cidade. Esta característica passa prevalecer a partir dos anos 60, período em que, segundo Maurício Abreu, a “febre viária” acionou a “busca de melhor acessibilidade interna e externa ao núcleo metropolitano”, trazendo de volta a “antiga prática de cirurgia urbana, cujos efeitos se fizeram sentir principalmente nos bairros que ‘estavam no caminho’ das novas vias expressas, túneis e viadutos”.<sup>14</sup> De lá para cá esta tendência só fez acentuar-se.

Existe uma clara divisão do cotidiano do bairro, marcada pela dualidade dia e noite. Durante o dia funcionam estabelecimentos comerciais de pequeno porte: botequins, lanchonetes, restaurantes e lojas, especialmente do ramo de mobiliário (novo ou usado) e material para escritório. Durante a noite suas ruas tornam-se uma conhecida zona de meretrício, sendo ocupada principalmente por travestis, já que ao longo dos anos as prostitutas foram perdendo espaço para este grupo, acabando por trabalharem principalmente nas várias casas noturnas do bairro, onde os shows eróticos são a principal atração.

Os antigos casarões que resistiram às várias reformas urbanas, apesar de tombados pelo Patrimônio Histórico, encontram-se, em grande parte, em precárias condições de conservação. Além dos térreos, ocupados pelo pequeno comércio, os sobrados abrigam em muitos casos, locais de moradia de baixo custo. Outros prédios residenciais, de construção mais recente, tornaram-se opção para moradores com poder aquisitivo suficiente para o pagamento de aluguéis um pouco mais caros (embora mais baratos que os dos bairros vizinhos na direção da zona sul). Em alguns casos, os sobrados mais antigos têm sido recentemente ocupados por artistas em busca de amplos espaços para seus ateliers, e a recente onda de “ressurgimento cultural” da Lapa tende a incrementar este tipo de ocupação.

Novos e velhos prédios acolhem, portanto, um conjunto de moradores e usuários multifacetado, composto por famílias há gerações instaladas no bairro, novos habitantes e segmentos sociais marginalizados. Esta convivência pode parecer a princípio típica, mas harmoniosa:

“Muitos dos seus velhos casarões cederam lugar a modernos edifícios, os antigos marginais foram trocados por aplicados

trabalhadores, mas a Lapa não perdeu a característica de agregar, num mesmo espaço físico, realidades tão distintas quanto meninos de rua, espalhados pela Praça dos Arcos e jovens de classe média e alta, freqüentadores assíduos do Circo Voador e da Fundação Progresso. Pelas calçadas do bairro, travestis, prostitutas e mendigos reinam nas madrugadas, no mesmo local onde famílias inteiras passeiam e comerciantes ganham a vida durante o dia”.<sup>15</sup>

Entretanto, esta convivência nem sempre parece ser pacífica. Em outra reportagem publicada pelo Jornal do Brasil tornaram-se evidentes as denúncias de moradores do bairro à polícia, reclamando do comportamento “abusivo” dos travestis, alegando que “mal podem passar pela região com suas famílias”.<sup>16</sup>

Outras vozes levantam o lado negativo desta múltipla convivência, pensada em termos de uma decadência:

“A decadência encheu suas ruas de mendigos, transformou os casarões em cortiços, demoliu seu coração a golpe de picareta e transformou a área no maior reduto de travestis da cidade. Dos que sobreviveram à tragédia, alguns apenas sofrem a saudade. Outros ainda resistem”.<sup>17</sup>

Seguindo esta direção de adjetivações negativas sobre a face atual do bairro, uma crônica publicada em 1990 reforça a sobreposição da imagem de decadência à da esperança de regeneração. Ao apresentar os habitues da noite da Lapa, a autora refere-se a habitantes de um “outro mundo”, ávidos em demonstrar sua hostilidade. A Lapa, o continente desconhecido e perigoso de travestis e bêbados, é violentamente contrastada com a Zona Sul da cidade, “ilha da fantasia”, onde a vida noturna inspira segurança e tranqüilidade.<sup>18</sup>

Para alguns, o verdadeiro significado do bairro continua a ser, mesmo após as obras de remodelação, o da decadência:

“Entre na noite da Lapa e não se deixe impressionar pela  
impressionar pela claridade do mercúrio, o banho de luz,  
o lugar asséptico criado pela prefeitura.

Não se impressione com o garbo dos branquelos perfu-  
mados que chegam para a rotina dançante da gafeira  
Asa Branca ou com o barulho esfumaçado dos roqueiros  
do Circo Voador. A Lapa é mais embaixo, bem mais  
embaixo. Sua noite é uma noite suja, desesperançada,  
percorrida por uma fauna que não resiste mais à extinção.  
Foram-se os malandros, silenciaram as vidas e as mulhe-  
res também tentaram se ajeitar em outros lugares...”<sup>19</sup>

Pode-se perceber que, frente ao momento presente, as lembranças dos velhos  
freqüentadores e moradores do bairro, aproximam-se a um sentimento de perda e de esperança.  
A Lapa é vista então de diferentes formas: como um local violento, como um gueto de  
marginais, como um centro de referência artística, cultural e intelectual – já que possui uma  
vocação natural para tal – ou como local detentor de um tradicional espírito de boêmia sadia.

Fundamentalmente, observa-se aí uma visão com duas faces sobre a Lapa encontrada  
tanto nas imagens mais atuais, quanto nas lembranças sobre o passado do bairro, e que possui  
fortes laços com os relatos construídos a partir de experiências vividas no local. Opostas ou  
combinadas, estas faces têm em comum a afirmação do apogeu e da decadência, uma  
ambigüidade que parece ser própria da visão constitutiva do bairro. Em uma versão mais datada,  
a “idade áurea” do bairro teria se passado nos anos trinta e a decadência teria se iniciado na  
década de 1940. Nos discursos atuais e positivos sobre a Lapa, esta versão é reforçada, pois uma  
possível dinamização do local assumiria características de “restauração” de uma tradição e não  
de uma novidade.

Na primeira face, ligada à conotação negativa do bairro e de seus freqüentadores, a Lapa  
é local de prostituição e marginalidade e faz lembrar um discurso acusatório que toma o Rio de  
Janeiro como a cidade do não-trabalho, do vício e da malandragem. Já na segunda face, onde a

boêmia e o lazer estão ligados ao lado positivo do bairro, a presença da intelectualidade instaura um certo modismo cosmopolita e os personagens “típicos” exercem grande fascínio. Esta dimensão positiva vai de encontro a um discurso de “defesa” da cidade, que entende o Rio de Janeiro como palco de ações complementares, entre a boêmia e o trabalho.

Com o fim de melhor compreender esta visão dual da Lapa, optamos por trabalhá-la a partir de momentos distintos de sua construção. No primeiro capítulo de nosso trabalho, partiremos da década de 60, quando um conjunto significativo de obras memorialísticas sobre o bairro é publicado. É através deste corpo de fontes que percebemos como as imagens de um “tempo áureo” e de uma decadência da Lapa parecem ser mais ricamente elaboradas.

O capítulo seguinte busca, em um primeiro momento, inserir a Lapa no contexto do espaço urbano, em permanente reformulação, da cidade do Rio de Janeiro. Através de uma breve incursão pela história do bairro e, principalmente, percorrendo os vários projetos de reformas urbanísticas (efetivadas ou não), que atingiam-no ao longo deste século, procuramos mostrar como a Lapa foi comprometida no movimento de reordenação da cidade. Em um segundo momento, é o painel humano do bairro que nos interessa, com destaque para os dados demográfico-sociais daqueles que viviam na Lapa. Para construirmos este quadro, as fontes utilizadas foram algumas obras tradicionais e de referência para o histórico da cidade, uma literatura recente, voltada para a história social urbana e ainda algumas publicações oficiais, dentre as quais incluem-se: os planos urbanísticos; relatórios sobre a área central da cidade; os censos da primeira metade do século; e ainda uma reportagem publicada em jornal da grande imprensa da época. As fotografias foram aproveitadas de forma ilustrativa.

No terceiro capítulo voltamos a buscar as imagens sobre a Lapa dos anos 30 e 40, já que a construção dos anos 60 não nos parece surgir do nada. Seus fundamentos podem ser mapeados em um conjunto de elementos simbólicos que, reatualizamos pelos memorialistas dos anos 60, vinham sendo sistematicamente inventados ao longo do século. Na seqüência do texto, portanto, abordaremos dois outros momentos. O primeiro é o dos anos 20, quando emerge um discurso – essencialmente paulista – que, numa conjuntura de disputa pela hegemonia cultural do país, procura caracterizar o Rio de Janeiro como a capital do ócio e dos excessos. O segundo momento é o dos anos 30 e 40, quando observamos a forma como era retratado o bairro naquela fase, que mais tarde seria identificada como a de seu apogeu e princípio da decadência.

Finalizamos o capítulo com a reconstrução de um roteiro boêmio do bairro, percorrido tanto pelos intelectuais quanto pelos malandros. Como fontes para este capítulo utilizamos uma literatura recente, que inovou ao trabalhar a questão clássica e polêmica do debate Rio/São Paulo nos anos 20, além de alguns artigos da grande imprensa que exemplificariam as visões sobre o bairro nos anos 30 e 40. Para traçar o roteiro, além das obras dos memorialistas do bairro, utilizamos outros livros de memórias de literatos e artistas que circularam pela Lapa.

O quarto capítulo busca focar, seguindo as indicações fornecidas pelos memorialistas, como a Lapa, foi bruscamente atingida pela ação policial, principalmente durante o Estado Novo. E como o discurso policial, associando vadiagem a malandragem, e cabarés a prostituição, gera a perseguição aos personagens típicos do bairro, em especial o malandro. Neste sentido, empregamos aqui fontes originadas na órbita policial, como: periódicos da polícia; as Portarias do Chefe de Polícia do Distrito Federal; a Lei das Contravenções e o Código Penal; alguns processos Penais; além da literatura policial e jurídica de época.

O quinto e último capítulo apresenta, em uma primeira parte, a voz do personagem mais identificado com a Lapa: o malandro. Suas opiniões a respeito do bairro e do cotidiano da malandragem são aqui abordados. Finalizando o capítulo, juntamente com alguns sambas que cantam a Lapa e, com destaque, o malandro, já que os sambas são os guardiões maiores da memória do bairro. Além dos sambas da época, utilizamos alguns trabalhos recentes sobre os sambistas e suas obras.

É bom lembrar que trabalhamos com o bairro da Lapa buscando entender um espaço fundamental para as imagens e as atividades políticas e intelectuais do Rio de Janeiro, Capital Federal. Assim, a boêmia, essência da Lapa, passa a ser marca também de um certo “espírito” atribuído pelo imaginário coletivo ao carioca, o que faz com que o bairro possa ser tomado, neste sentido, como um microcosmo da cidade.

Pensando em termos mais amplos esta dinâmica em que a Lapa e o Distrito Federal se fundem em um mesmo espaço simbólico, onde a cidade se vê no bairro e vice-versa, é possível perceber que as imagens construídas para a Capital são relevantes para um movimento maior de formulação e embates entre os projetos de nação.

- 
- 1- Jornal do Brasil, 16 de agosto de 1990.
  - 2- Jornal do Brasil, 3 de setembro de 1990.
  - 3- Jornal do Brasil, 3 de setembro de 1990.
  - 4- Jornal do Brasil, 3 de setembro de 1990.
  - 5- Bosi, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos. 2<sup>a</sup>.ed., São Paulo, Edusp, 1987, p.9.
  - 6- Jornal do Brasil, 3 de setembro de 1990.
  - 7- Após a remodelação, as reclamações sobre as conclusões no trânsito obrigaram a reformulações na proposta original e a novas obras. Ver Jornal do Brasil, 8 de novembro de 1991. A própria Associação de moradores da Lapa (AMALAPA) reclamou das obras, por não ter sido consultada. Ver Folha da Lapa, Rio de Janeiro, Ano I, n.7,set/out de 1991.
  - 8- Jornal do Brasil, 8 de dezembro de 1991.
  - 9- Jornal do Brasil, 8 de dezembro de 1991.
  - 10- Jornal do Brasil, 17 de janeiro de 1992.
  - 11- Jornal do Brasil, 29 de dezembro de 1991.
  - 12- Atualmente a nova gestão da Prefeitura Municipal em um projeto maior “Rio Cidade”, volta a rediscutir mudanças físicas no bairro da Lapa.
  - 13- Jornal do Brasil, 4 de abril de 1992.
  - 14- Abreu, Maurício de A. . Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IPLANRIO/Jorge Zahar, 1987, p.134.
  - 15- O Globo, 23 de outubro de 1990.
  - 16- Jornal do Brasil, 19 de outubro de 1991.
  - 17- Jornal do Brasil, 3 de setembro de 1990.
  - 18- Dahl, Maria Lúcia. “A Lapa e o ‘vol-au-vent’”. Jornal do Brasil, 16 de junho de 1990.
  - 19- Jornal do Brasil, (Revista de Domingo), 29 de março de 1992.

---

CAPÍTULO I – LEMBRANÇAS DA MONTMARTRE DOS TRÓPICOS

---

“É do presente que parte o chamado ao qual a  
lembrança do passado responde.”

Bergson

“Em setembro de 1963, eu achei que deveria,  
estando no Rio, visitar a Lapa como quem  
visita, acabando o espetáculo, um teatro vazio.”

Luís Martins

É este teatro que agora também pretendemos visitar. Optamos por iniciar nossa visita buscando o significado, na década de 60, da construção de uma determinada imagem da Lapa. Mais adiante, prolongaremos nossa visita retrocedendo no tempo para os momentos em que o espetáculo ainda estaria em fase de ensaio, em que a montagem fazia o maior sucesso e, por fim, quando o público já não lotava mais as seções.

A cidade do Rio de Janeiro, nos anos 60, é marcada por um conjunto de importantes transformações, que serão decisivas na construção de seu novo perfil. Tais alterações, para além de seu impacto local, mantêm relação direta com questões de reorganização da política de condução da nação naquele momento.

Com a mudança da capital do país, a cidade do Rio de Janeiro perde seu status de Distrito Federal para a recém-fundada Brasília. Deixando de ser a representante autêntica da nação, a cidade, agora Estado da Guanabara, vê transferir-se toda a estrutura que a mantinha como centro das decisões nacionais. Por um lado, a antiga função de capital parecia ter proporcionado ao Rio uma série de desvantagens: “a falta de continuidade administrativa, a falta de autoridade, grande momento do funcionalismo – onerando os cofres da prefeitura – e a não resolução de problemas fundamentais da cidade”, segundo os argumentos de um balanço da primeira gestão do novo estado<sup>1</sup>. Por outro lado, seguindo ainda o mesmo texto, percebia-se as

---

as vantagens propiciadas pelo passado de Capital, que deveriam deixar saudades:

“(...) as vantagens de haver sido, por quase duzentos anos, Capital do Brasil: da Colônia, do Vice-Reino, do Império e da República, foram suficientemente grandes para compensá-las (as desvantagens) – as obras públicas, aqui executadas, desde o século XVIII, os monumentos, os edifícios, os cais, o porto, as vias férreas e as rodovias, que carregam para o Rio de Janeiro as riquezas de outros estados, as universidades, os teatros, os museus, as praças de esportes, os hotéis, e vários outros benefícios, que, aliados ao prestígio natural e a atração que a capital exerce, à beleza sem par de nossas montanhas e escarpas rochosas, às praias sedutoras, ao ar de metrópole, à ausência de espírito provinciano e de bairrismos, influenciam o espírito, a hospitalidade e a simpatia de seu povo.”<sup>2</sup>

É significativo, portanto, que, no campo urbanístico, a primeira gestão de governo do estado da Guanabara – Carlos Lacerda (1961 – 1965) – tenha se caracterizado principalmente pela intervenção direta na “questão viária”, dando continuidade às práticas implementadas pelo Distrito Federal.<sup>3</sup>

Algumas reformas, iniciadas na década de 50 e concluídas, em muitos casos, apenas na década seguinte, atingiram drasticamente o bairro da Lapa, desfigurando sua antiga fisionomia. Entre estas obras, destacam-se os trabalhos de desmonte do Morro de Santo Antônio, que vão permitir a abertura da Av. Chile no local da nova esplanada. Com esta via expressa, o tradicional e famoso Largo da Lapa e suas adjacências são completamente alterados. Muitas destas obras têm origem em antigos projetos, mas havia também um novo plano diretor para a recém-criada Guanabara, que foi encomendado para coordenar as intervenções urbanísticas do

---

primeiro governo estadual. Tratava-se do “Plano Doxiadis”, que foi parcialmente posto em prática ainda na gestão Lacerda.

Tanto a transferência da Capital, como a continuidade das reformas urbanas, vão ter um grande peso sobre o forte sentimento “saudosista” que toma conta da cidade, ainda mais acentuado pelas comemorações do IV Centenário de sua fundação. Como é próprio dos momentos de comemorações, neste também pode ser encontrado um grande número de publicações sobre a história da cidade e outras tantas obras de diversos memorialistas. Estes trabalhos, oficiais ou não, fazem um balanço, traçam reflexões, expressam a saudade e fixam a memória de uma cidade que aos poucos deixava de existir e que devia, por isso mesmo, ser reconstruída material e simbolicamente.

O bairro da Lapa tem destaque neste conjunto de publicações dos anos 60, com um significativo número de obras a ele dedicadas. Antes, os escritos sobre o bairro já existiam, mas não passavam normalmente de crônicas esparsas, ou referências em textos sobre outros temas. Agora, o tratamento é outro; é essencialmente sobre o bairro e principalmente para recordar os “áureos tempos” da década de 30. Escreve-se para mostrar que, apesar de todas as transformações seguidas, a lembrança dos saudosos e a memória coletiva da cidade sobre a Lapa sobreviviam. E, buscando resgatar um período marcante de suas vidas, os autores destas obras acabam por formular uma visão “positiva” do bairro. Nesta perspectiva, é constante a presença de uma evocação ao tempo ideal, balizado pela nostalgia e pela esperança de reviver os velhos tempos. Raul Girardet, em seu texto “A Idade do Ouro”, procura entender a força deste tipo de imagens ao apontar que em oposição à:

“(...) imagem de um presente sentido e descrito como um momento de tristeza e decadência, ergue-se o absoluto de um passado de plenitude e de luz. Resulta do quase inevitável: cristalizando ao seu redor todos os impulsos, todos os poderes do sonho, a representação do “tempo de antes” tornou-se mito. E mito no sentido mais completo do termo: ao mesmo tempo ficção, sistema de explicação e imagem mobilizadora.”<sup>4</sup>

---

Segundo a lógica dos autores de obras sobre a Lapa, ao entrar no processo de decadência, o bairro sofre transformações profundas.

Desta forma, o destaque de um glorificado “tempo de antes” é necessário a qualquer proposta de recuperação do bairro. Voltando a Girardet:

“Com algumas nuances, todo sonho, toda recordação, toda evocação de uma idade de ouro qualquer parece, com efeito, repousar sobre uma única e fundamental oposição: a do outrora e do hoje, de um certo passado e de um certo presente. Há o tempo presente e que é o de uma degradação, de uma desordem, de uma corrupção das quais importa escapar. Há por outro lado, o “tempo de antes” e que é o de grandeza, de uma nobreza ou de certa felicidade que nos cabe redescobrir...”<sup>5</sup>

Entre o conjunto de obras sobre a Lapa publicadas na conjuntura dos anos 60, selecionamos os seguintes livros e autores, que serão objeto de nossa análise mais detalhada: Roteiro da Lapa ... e outros roteiros, de Alberto Deodato; Noturno da Lapa, de Luís Martins; Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem, de Gasparino Damata; e Adeus Lapa, de Hernani Irajá.<sup>6</sup> Antes de qualquer outra consideração sobre o conteúdo destas obras, parece-nos razoável supor que, conhecendo melhor a trajetória desses autores, possamos nos aproximar mais dos caminhos de suas lembranças. Afinal:

“Por muito que deva à memória coletiva é o indivíduo que recorda. Ele é o memorizador das camadas do passado a que tem acesso pode reter objetos que são para ele, e só para ele, significativos, dentro de um tesouro comum.”<sup>7</sup>

A condição de intelectuais – enquanto jornalistas, literatos ou estudantes – e sua auto-

---

caracterização como boêmios na Lapa durante a juventude, parecem ser os dois traços que unificam suas trajetórias.<sup>8</sup>

Michele Perrot, no livro **História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**,<sup>9</sup> analisa um padrão de comportamento que se instaura na França do Século XIX e com a qual podemos traçar um paralelo interessante. Ela preocupa-se com a construção de um modelo de comportamento que se fortalece na sociedade burguesa do século XIX: o do domínio do privado, em contraposição ao público que desde o século anterior passa a ser associado ao Estado. A partir da Revolução Francesa, que acentuaria tal distinção entre o público e privado, este último começa a ser marcado por uma série de elaborações teóricas e normativas, cujo eixo principal está localizado na família. A família, norteando ao mesmo tempo o discurso de conservadores, liberais e libertários, passa a ser considerada ninho e núcleo da sociedade civil, além de teatro principal da vida privada.

O sentido totalitário criado por esta concepção de família gera espaços de tensão, onde aqueles que estão dispostos a sair de seu controle criam áreas de conflito, mas não conseguem impor, como pólos opostos ao familiar, outros espaços da vida privada.

“A família certamente não esgota todas as potencialidades da vida privada, que conhece muitas outras formas e outros cenários. Mesmo assim, por razões em parte políticas, ela tende, no século XIX, a absorver todas as funções (...) e a definir as regras e as normas. As instituições e as pessoas solteiras - prisões e internatos, quartéis e conventos, vagabundos e dândis religiosas e viragos, boêmios e bandidos – são amiúde obrigados a se definir em função dela ou em relação as suas margens. A família é o centro do qual elas constituem a periferia.”<sup>10</sup>

---

No texto “A margem: solteiros e solitários”, Michelle Perrot argumenta que o modelo familiar da sociedade do século XIX, através de sua força normativa, acabava por criar “vastas zonas de exclusão”, onde mesmo não deixando de existir as regras da vida privada, estas se apresentavam mais instáveis.

Pensando em nossos memorialistas, as reflexões derivadas desta argumentação parecem-nos bastante interessantes, já que é nessas zonas de exclusão que encontramos os solteiros, com seu singular modo de vida. Os homens solteiros, segundo a autora, em sua maioria, vivem uma situação passageira, e como a vida no lar significa “comodidade” e confere respeitabilidade, mais cedo ou mais tarde acabam por se casar.

“Provisório ou permanente, o celibato é um tempo pleno, valorizado período de liberdade e aprendizagem, e o casamento significa apenas se assentar, e pode até ser o ‘fim’. É época alegre ( pelo menos no embelezamento da memória ) dos amores passageiros, das viagens, das camaradagens e de uma intensa sociabilidade masculina de perfil bastante livre (...); tempo de educação sentimental e carnal, quando tudo é permitido. Os rapazes devem ‘fazer suas loucuras’ e ‘viver a juventude’.<sup>11</sup>

Na Paris analisada por Michelle Perrot, são os jovens estudantes que, chegando à cidade para cursar Direito ou Medicina, acabavam por prolongar suas estadias, formando a “tribo boêmia”. Para classificar os diferentes componentes da boêmia, Perrot toma como referência o texto clássico de Henry Murger, localizando, em contraste com os artistas, o grupo dos boêmios “amadores”, que podem ser tomados como paradigmas do comportamento dos intelectuais que viveram e recordaram a Lapa.

“Pois a boêmia possui vários componentes, aliás claramente vistos por Murger: os ‘amadores’,

---

jovens que ‘desertam do lar do família’ para viver ‘as aventuras de uma vida errante’, mas a título provisório antes de se assentarem e os artistas. Estes, em sua maioria – a ‘boêmia ignorada’ – vivem pobres e desconhecidos, estóicos, passivos, sem nunca alcançar a notoriedade. Eles morrem, em sua maior parte, dizimados por essa doença à qual a ciência não ousa dar seu verdadeiro nome, a miséria (...) Os outros – uma minoria – logram êxito e reconhecimento: ‘seus nomes são famosos’. Entre eles, muitos pintores, escultores, literatos, mas também jornalistas ligados à ‘pequena imprensa’ que consome caricaturas, poemas e farsas.”<sup>13</sup>

Deixar a família e sair do espaço privado é certamente a oposição de que os boêmios se alimentam, vivendo uma intensa sensação de liberdade. E, se o dia é o tempo do trabalho e da família, é a noite que se desenvolve a vida boêmia, nos espaços da cidade que não dormem, os pontos de reunião da “tribo boêmia”.

“A boêmia constrói um modelo simetricamente inverso à vida privada burguesa. Primeiramente por sua relação invertida com o tempo e o espaço; vida noturna sem horários – o boêmio não usa relógio – de intensa sociabilidade tendo como palco a cidade, os salões, bares e avenidas. Os boêmios ‘não conseguem dar dez passos na avenida sem encontrar um amigo’. Conversar é seu prazer, sua principal ocupação.”<sup>14</sup>

O lar familiar é substituído por moradias passageiras. As mulheres, símbolo de uma vida

---

doméstica, são socializadas como tudo mais que possam possuir momentaneamente, afastando qualquer possibilidade de laços que remetam à vida privada burguesa. Sem se distanciarem de suas atividades como intelectuais, estes boêmios tomam locais públicos noturnos para suas discussões e produção, aproximando-se das classes populares já que são elas que tradicionalmente ocupam estes locais.

“Eles vivem, escrevem nos bares, bibliotecas e gabinetes de leitura, próximos das classes populares pelo uso privativo que fazem do espaço público. Eternamente perseguidos pelos credores e oficiais de justiça, não tem domicílio certo, não possuem móveis, dispondo mal a mal de alguns objetos (...) Desprezando a parcimônia, virtude dos ‘barrigudos’, esses magrelos queimam o dinheiro ganho ou emprestado em uma noite de farra ou jogo, num balão para as despesas da noitada. Pois eles desdenham a propriedade, partilham tudo, inclusive as mulheres, que passam de um para o outro, conforme seus gostos.”<sup>15</sup>

Os autores com os quais trabalhamos definem-se como boêmios. O que era então, para eles, esta boêmia? Em primeiro lugar, como já observamos, é de sua juventude que nos falam, e através dela retornam à Lapa de outrora. Têm em comum a condição, naquele instante em que viveram e freqüentaram o bairro, de acadêmicos ou profissionais em início de carreira, caracterizando-se por estarem voltados para as letras, mesmo que alguns tivessem mais tarde optado por carreiras mais técnicas. É do convívio com jornalistas, literatos e artistas que estes jovens rapazes estavam a procura. Luís Martins ressalta a necessidade de “algo mais”, que a tranqüilidade do lar familiar não podia oferecer:

“Para um rapaz solteiro, que tinha casa e comida

---

(morava com a minha família) eu ganhava razoavelmente. Meu pai era gerente de uma importante companhia de seguros ( depois passou a diretor) e empregava-me no mesmo ramo. Minha situação era boa. Terminava o curso preparatório. Ia fazer o vestibular de Direito. Mas o que me agradava mesmo era levar o que eu julgava ser a ‘vida intelectual’.”<sup>16</sup>

É na Lapa que estes jovens vão encontrar o espaço para os calorosos debates intelectuais de suas gerações. São boêmios, mas antes de tudo intelectuais. Lembrar desta época de suas vidas era, portanto, lembrar de uma juventude distante, passageira para homens cujos contornos da vida madura serão dados pelos modelos antes rejeitados: consolidaram-se profissionalmente e constituíram família.

Ressalte-se aí um aspecto da boêmia vivida por estes jovens da Lapa. Tratava-se de uma boêmia “positiva”, que não os corrompeu. Acreditavam terem vivido uma boêmia “sadia”, que foi parte importante e necessária de sua vida de homens solteiros, não impedindo que mais tarde se integrassem, através do casamento, às normas da vida burguesa.

“É importante assinalar-se uma coisa: daquele grupo de rapazes boêmios que nós fomos, passando muitas noites nos botequins e cabarés da Lapa, nenhum se perdeu. Quase todos nos casamos, constituímos família, ficamos homens sérios e compenetrados das responsabilidades da vida. Muitos tornaram-se nomes ilustres, respeitáveis e consagrados na literatura, no jornalismo, na política, na diplomacia, na magistratura, na cátedra universitária. Repito: nenhum se perdeu.”<sup>17</sup>

---

A construção desse movimento de exaltação da imagem de homens bem sucedidos que passaram pela Lapa durante a juventude, é perceptível também através das várias citações de nomes reconhecidos nacionalmente. Luís Martins enumera companheiros de sua geração e de outras, íntimos do autor ou de passagem mais rápida pelo bairro, como Murilo Miranda, Rubem Braga, Carlos Lacerda, Moacir Werneck de Castro, Lúcio Rangel, Lasar Segall, etc.<sup>18</sup>

Esta freqüência ilustre também é citada nas obras de Alberto Deodato, Hernani Irajá e Gasparino Damata. Ribeiro Couto, Menotti del Picchia, Martins Fontes, Procópio Ferreira, Dante Milano, Manuel Bandeira, Mário de Andrade, Cândido Portinari, entre muitos outros, estão presentes nessas memórias.

O recurso a nomes de sucesso reafirmava que, se excessos ocorriam, eram típicos da juventude, não comprometendo de forma alguma o futuro. A dimensão de tal boêmia sadia é dada pela condição de jovens intelectuais, afastados de qualquer convívio com algo que pudesse vir a contaminá-los.

“Fomos boêmios, sim, por sermos jovens. Muitos excessos praticamos, algumas loucuras fizemos. Mas as nossas almas e nossos caracteres não se contaminaram, não se macularam, não se deformaram. Permanecemos íntegros e intactos. Continuamos, pela existência fora, homens de bem, como éramos antes.”<sup>19</sup>

Tanta ênfase em ressaltar que não se “macularam” indica que esses autores reconheciam a fama negativa da vida noturna, mas faziam questão de distinguir a sua boêmia das menos recomendáveis. Esses jovens boêmios percorriam um roteiro próprio, aceito por todos, que começava pelas modestas pensões do bairro, onde inaugurava-se aquele estado de espírito, em que a escolha de uma vida com poucos recursos era flagrante. É o que nos mostra Alberto Deodato:

“Poucos nomes ilustres da minha geração, com

---

residência no Rio, não passaram pela Rua da Lapa 95. A nossa pensão (...) Passaram. Moraram. Visitaram. Viram. Pisaram os degraus da entrada (...) ilustres, líderes intelectuais e políticos, banqueiros, deputados. E apesar de pensão de estudantes pobre, forneceu contingente apreciável à diplomacia (...) Vida sadia, mas de uma modéstia operária. Umas caminhas de ferro. Folhinhas na parede. Mesa tosca de estudo. Lâmpadas veladas por jornal velho. chuveiro comum. À falta de guarda-roupa, cabides nos pregos da parede, com jornal contra a poeira, nos mais cuidadosos. O vinco da calça era feito pelo travesseiro que, à noite, a cobria, cuidadosamente dobrada.”<sup>20</sup>

Frequentar a Lapa, e principalmente morar nela, fazia parte deste roteiro que começava no dia a dia das pensões baratas e se estendia a noite pelos cafés e bares do bairro. Com ou sem garçonetes, música ou shows, bebiam em meio a muita conversa. A frequência destes estabelecimentos crescia especialmente após os horários de trabalho, reunindo estudantes, jornalistas, funcionários públicos, comerciários, entre outros.<sup>21</sup>

Alguns lugares, entretanto, estavam fora desta rotina boêmia, pois representavam um outro tipo de diversão noturna, rejeitada nas lembranças dos autores. Apontados como locais de pouca frequência pelos boêmios “saudáveis”, encontravam-se os cabarés e as casas de jogos, por exemplo.

“Mui raras vezes entrei em cabaré, mais por companheirismo e nunca tive a curiosidade de conhecer uma boite. Nunca um beberão

---

entre nós. Dois apenas enraizaram-se em alguns clubes de jogos. A esses, quando o pano verde os prendia com as garras do vício, nós os intensos a carteados ou a roleta, lá os deixávamos e saíamos para outros cenários.”<sup>22</sup>

Por pouco crível que seja tal inocência – aliás o próprio autor, em outras passagens desmente qualquer impressão de diversão ingênua <sup>23</sup> ao fazer questão de afirmar a distância que estabelecia com os espaços cercados pelo vício e perversão, o jovem intelectual mostra claramente o muro que levantava ante uma outra Lapa não tão sadia. Esta outra Lapa tem como referências as figuras populares do bairro, também associadas à vida noturna. Malandros e prostitutas são vistos, na verdade, como componentes de um cenário, pano de fundo para os intelectuais boêmios, estes sim os atores principais. O cenário é importante enquanto pitoresco, misterioso ou mesmo como fonte de inspiração. Luís Martins demonstra bem esta ambígua relação ao tratar de um malandro da época como “aterrorizador” e, ao mesmo tempo, “fascinante”.<sup>24</sup> Já Alberto Deodato faz referência ao “malandrismo acafajestado dos naturais da Lapa”, tão distinto dos hábitos e maneiras dos personagens da boêmia intelectual.<sup>25</sup>

O intercâmbio entre intelectuais e figuras mais populares do bairro é mediado por uma relação de distanciamento, separação dos espaços e convivência contemplativa. Embora longa, a citação de Luís Martins é por demais esclarecedora:

“O melhor seria dizer que havia duas Lapas: a pública, a evidente, a urbana, com seu comércio, as suas lojas, os seus restaurantes, os seus bares, os seus cabarés, intensamente iluminada e com um grande trânsito de veículos; e a outra, secreta, escondida, suburbana, insinuando-se pelas ruelas escuras na encosta do morro de Santa Tereza (...) Não terei a hipocrisia de dizer que esta Lapa não

---

freqüentamos; mas, para os propósitos, fins e caráter deste livro, ela pouco ou nada interessa; nela jamais se firmou e caracterizou aquele espírito de grupo, de sociabilidade, de boêmia coletiva, que definia a nossa convivência nos bares. A eventual excursão por essas paragens sombrias era um ato individual, que em geral, até mesmo devido a um instinto de pudor, se procurava disfarçar ou ocultar dos companheiros. É verdade que uma ou outra rara vez íamos em grupo; mas, como Simão, diletantes de ambientes, à cata do pitoresco... Em geral, nada mais inocente do que essas excursões; a presença de cada um, por uma questão de respeito humano, inibia os demais. Sentávamos a uma das mesas, bebíamos cerveja, brincávamos com as raparigas e ficávamos nisto, como se fôssemos ( em verdade não éramos) austeros observadores do vício, apenas interessados em sua contemplação (...) O que quero acentuar e deixar claro é que este aspecto pecaminoso da Lapa, que a muitos parece predominante, na realidade era, secundário e acessório.”<sup>26</sup>

Quanto a essa possibilidade de contemplação da vida noturna “subterrânea”, a escolha do bairro da Lapa como local de confraternização intelectual pode ser vista também em função de uma perspectiva de aproximação com os modelos vividos pela intelectualidade européia, aos quais nos referimos através do trabalho de Michelle Perrot. Mais um aspecto positivo da Lapa, aos olhos dos intelectuais que a freqüentavam: ela deixa de ser um local obscuro e passa a concretizar uma transplantação do ambiente intelectual europeu. Montmartre era aqui! Só que carioca.

---

Não é por acaso que o modelo de interpretação de um certo tipo boêmio, proposto por Perrot, serve tão bem à análise dos textos e autores aqui tratados. As referências européias, principalmente do estilo de vida boêmia francesa, mesmo que com certo distanciamento no tempo, eram avidamente lidas e ensaiadas por nossos intelectuais notívagos. Ao apresentar seu livro, Hernani Irajá nos fala desse encontro:

“Para muitos, o enredo de Murger, musicado por Verdi, ‘A boêmia’, era quase que um módulo para reviver na alma aventureira e idealista de nossa mocidade.”<sup>27</sup>

No conjunto de imagens que constrói a boêmia experimentada pelos autores aqui citados, o bairro da Lapa é apresentado a partir de características que ressaltam suas diferentes qualidades. A referência à origem ilustre do bairro é constantemente mencionada através da lembrança da hospedagem corriqueira de políticos de várias regiões do país em seus hotéis. A Lapa transforma-se então no abrigo das grandes decisões políticas do Distrito Federal. Nela, articulam-se campanhas, combinam-se estratégias políticas. Nela resolvia-se a vida política nacional: “O destino da nação palpitava no coração da Lapa.”<sup>28</sup> Neste sentido, reforça-se – para os homens que viviam no antigo Distrito Federal nos anos 60 – o esvaziamento do papel tradicional da cidade do Rio de Janeiro como centro da nação. E a Lapa era, neste caso, um lugar síntese da capital e, como ela, estava igualmente esvaziada.

Políticos, militares de alta patente, ministros, banqueiros, fazendeiros de Minas, São Paulo e do Sul, tiveram suas passagens registradas pelos memorialistas da Lapa. Chegavam de longe para conhecer pessoalmente o bairro e, especialmente, seus cabarés com uma frequência cosmopolita, e suas mulheres, referendadas como os melhores do “mercado”. Por isso, os autores lamentam a injusta fama que a Lapa adquiriu ao ser vista como “antro de malandros, bandidos, desordeiros, marginais”,<sup>29</sup> e exaltam uma Lapa onde as grandes noitadas são a maior referência. Estas características – origem nobre e referência boêmia – serviram de base para o argumento que reforça o lado pitoresco da Lapa, elevada a ponto importante na história da cidade do Rio de Janeiro e, por conseqüência, do país.

---

Mas estas imagens não são atemporais. Percebe-se, em todos os autores analisados, a construção de uma cronologia do bairro e da boêmia. Isto é, esses autores também elaboraram uma periodização da história do bairro, marcada por um tempo áureo, em oposição a um período de decadência. Apesar da distância entre as gerações – Luís Martins e Gasparino Damata vivem sua juventude na Lapa dos anos 30, enquanto Hernani Irajá e Alberto Deodato na Lapa da década de 20 – este conjunto de memorialistas elege coincidentemente as décadas de 20, 30 e 40 como tempos que marcaram, respectivamente, a construção, o auge e a desagregação do espaço boêmio da Lapa. Para caracterizar a história da Lapa na primeira metade do século recortam-na, assim, em três diferentes momentos. Embora a caracterização de cada fase varie conforme o autor, suas linhas gerais são coincidentes.

A coincidência nas cronologias deve-se ao fato de que os autores, de diferentes gerações, pensam a Lapa a partir de um mesmo ângulo, que poderíamos tratar como da “sociabilidade intelectual”. Conceito complexo e de longa tradição nos debates de sociologia e história das idéias e dos intelectuais, a “sociabilidade intelectual” pode ser vista a partir tanto de uma caracterização “geográfica” do meio em que circulam e trocam idéias os literatos e artistas em geral, quanto das redes que estruturam, de maneira informal ou institucional, as relações entre os intelectuais. Michel Trebitsch, em interessante resenha do debate sobre o conceito,<sup>30</sup> sugere uma distinção, útil em nosso estudo, dos lugares (ou meios) e redes de sociabilidade intelectual, a partir da natureza das práticas relacionais que eles geram. De um lado estariam as sociabilidades induzidas das instituições e instâncias de consagração e legitimação da vida literária, desde as de tipo institucional e profissional – como as academias, universidades e associações corporativas – até as mais comerciais, como as editoras e os concursos literários. De outro lado, estariam as “estruturas de sociabilidade ‘produtoras’”:

“escolas, movimentos, revistas e mesmo os cafés e salões, onde a relação com os outros é organizada de uma forma deliberada pela adesão partilhada aos valores, muitas vezes encarnados pelos indivíduos ...”<sup>31</sup>

---

Neste sentido, a periodização que constroem para a Lapa é uma periodização do meio intelectual que frequentavam. À construção, ao auge, e à decadência dos lugares e redes de sociabilidade intelectual aos quais aderiram, corresponderiam as três fases da história do bairro boêmio por eles traçada.

O primeiro momento é o dos anos 20, que Luís Martins aponta como a última década da Belle Époque. Segundo o autor, é coincidente com o período final da Belle Époque a descoberta da Lapa, criando-se a sua “legenda romântica de versão montmartriana dos trópicos”. A partir daí, o bairro passa a reunir nomes expressivos do modernismo brasileiro, como Di Cavalcanti, Manuel Bandeira e Villa Lobos. O autor também percebe que os “locais da sociabilidade” da geração anterior de intelectuais eram outros, apontados em alguns estudos recentes sobre as rodas literárias da “geração de 1870” e seus descendentes, como centrados nos cafés e livrarias das principais ruas do centro da cidade.<sup>32</sup>

“Quando este grupo apareceu a Lapa não tinha uma tradição artística e intelectual. Não era ainda a Montmartre carioca. Aliás, é curioso observar-se como os cronistas do começo do século pouco se ocuparam dela.”<sup>33</sup>

A década de 20 é então classificada como a da descoberta da Lapa pela primeira geração de intelectuais modernistas. Neste sentido, é possível pensar, a partir de nossos memorialistas, que a Lapa foi “criada” nesta década, constituindo-se em mais uma das “invenções” que podem ser atribuídas aos modernistas. Gasparino Damata localiza o nascimento dessa “nova Lapa” a partir de meados da década de 10, quando começam a surgir as primeiras “casas suspeitas”, e o convívio da boêmia, da malandragem, de sambistas, dos cabarés e dos cassinos famosos, que passam a dar o tom da “vida noturna da capital”. Mas, em consonância com Luís Martins, afirma também que os intelectuais seriam os pioneiros de uma espécie de boêmia sempre renovada que daria ao bairro o “sabor de uma Montmartre verde-amarelo, mistura de Paris requintada e Bahia afro-luso-brasileira.”<sup>34</sup>

---

Um segundo momento da Lapa seria vivido nos anos 30. Se a chamada “Revolução de 30” significava em grande medida uma renovação na política e traria para a capital uma leva de políticos, no campo literário-boêmio, aquele momento também seria marcado pelo surgimento de uma “nova” geração de intelectuais que assumiria o bairro – a “geração de 30” – que dará continuidade à recém-inaugurada vida literária da Lapa. Aliás, os dois processos estavam de alguma forma ligados, pois entre as novas levas de ocupantes de cargos públicos estavam diversos intelectuais, sendo o Ministério da Educação a referência maior neste sentido.<sup>35</sup> Exceto por alguns raros sobreviventes, os nomes da fase final da Belle Époque já não estarão mais presentes entre as rodas de intelectuais. É esta nova geração de 30 que acabará por consolidar a Lapa como bairro boêmio – de uma boêmia literária por excelência – tornando-a um local alegre, agitado, cheio de música e iluminado pelas tabuletas indicando as casas noturnas. Na Lapa vivia então o “Rio Noturno”, que nada teria a ver com a imagem negativa de um local perigoso ou mal freqüentado. Mas, esta Lapa morreu cedo.

“Aí por 29, a Lapa atingiria a plenitude. Seu apogeu compreende o período 1930-1938. Depois começou a decair.”<sup>37</sup>

O terceiro momento da Lapa é justamente o da decadência. Os anos finais da década de 30 e a década de 40 marcam esta fase, e três motivos são levantados pelos autores para explicar o declínio de importância do bairro: a repressão policial; os ventos da Segunda Guerra e as luzes de Copacabana. Era como se a desestruturação do cenário da vida boêmia determinasse a decadência da Lapa.

As violentas medidas policiais contra o meretrício, na época do Estado Novo, são uma das causas apontadas para a destruição do lado pitoresco e sedutor do bairro. No Noturno da Lapa, o impacto da repressão é assim descrito:

“Em tão pouco tempo, como mudara! A ditadura parecia querer transformar a fisionomia de todas as

---

coisas, inclusive a do nosso querido e inesquecível bairro... Uma impressão de tristeza, de abandono, de resignada ruína... Os bares vazios. Os cabarés solitários. E nenhum conhecido. A polícia começara a fechar os prostíbulos”(...)38

Indo além, acrescentam um segundo motivo da decadência: a guerra. E com a guerra, novos habitantes e habitues vinham para o bairro. Mas, o problema não era simplesmente um incremento no número de pessoas que circulavam pela Lapa. Tratava-se do aparecimento de um novo tipo de freqüentador: o “gringo”. O estrangeiro significaria uma invasão, uma “poluição”, que, ao descaracterizar a Lapa, privava-lhe a identidade profundamente carioca:

“O que apressou mesmo o extermínio de nossa pequena Montmartre improvisada nos trópicos foi a guerra (...)No tempo da guerra, o Rio transformou se numa base de operações da frota norte-americana do Atlântico Sul e vivia sempre cheio de louros marinheiros com muitos dólares e ansiosos por gásta-los numa terra que era um oásis passageiro em sua rota de aventuras, sacrifícios e perigos (...) Naturalmente, invadiram a Lapa (...) Isto porém, descaracterizava, modificava, desfigurava profundamente a fisionomia do bairro; uma Lapa lanquizada era impossível (...) A Lapa nunca foi lugar para turista. Nas suas bibocas puxadas a música e chope, era justamente o carioca que se entocava para encontrar a alma típica da cidade. (...) Aqueles gigantes louros, ingênuos e risonhos como crianças, deram à Lapa a fisionomia de um de um bar cosmopolita de Copacabana.”39

---

Os elementos externos, por representarem uma ameaça à Lapa boêmia, aparecem nestas Lembranças em oposição ao típico, à verdadeira identidade local, à população carioca. Não é fortuita também a comparação com Copacabana, aproximada por Luís Martins do estrangeiro. Se a guerra, com a chegada dos filhos do “Tio Sam”, acelera o processo de decadência iniciado com a repressão à prostituição, é o crescimento de Copacabana e seu poder de atração que, por oposição, selarão a transformação da Lapa.

“Depois de 1940, Copacabana iniciou a fase mais intensa de seus primeiros music-halls, inferninhos e boites. Aos poucos foi roubando a melhor freqüência dos bares e cabarés da Lapa. Alguns boêmios de alto coturno, bons bebedores farristas, mudavam de pouso.”<sup>40</sup>

O que aconteceu foi uma espécie de êxodo em massa para Copacabana, especialmente por parte dos intelectuais que faziam as noites da Lapa. O bairro de Copacabana vai representar, a partir daí, uma nova prosperidade para o Distrito Federal. Em seus luxuosos hotéis instala-se um novo tipo de boêmia, mais de acordo com o padrão de comportamento que começa a contagiar a sociedade brasileira: o american way of life.<sup>41</sup> Em pouco tempo, por volta de 1940, “as noites de Copacabana eram o tempo presente – e as da Lapa, já passado; um pouco de mim nelas morreu e começava a se tornar memória.”<sup>42</sup>

Luís Martins faz questão de ressaltar que esta passagem da Lapa boêmia para a Lapa da memória não se deveu a qualquer mudança física de maior porte no bairro, mas sim a uma transformação de caráter “espiritual”. Durante a década de 40, o bairro da Lapa subsistia, com suas velhas casas, seus cafés e cabarés:

“O que se extinguia aos poucos era a sua alma, esse misterioso espírito dos lugares que lhes dá autonomia, personalidade e caráter. A Lapa se

---

despia de sua fulgurante fantasia boêmia de Pigalle, com que se disfarçara durante um carnaval de dez anos, para entrar numa quaresma de marasmo, pobreza e melancolia.”<sup>43</sup>

Poderíamos ainda incluir uma quarta fase, mais subentendida que explícita, que pode ser localizada no momento em que os autores escreveram seus livros – a década de 60. Naquele momento, à desestruturação da alma boêmia do bairro, já se somava uma desfiguração física. Morta a alma, desfigura-se o corpo. A desfiguração do corpo completaria a decadência de um “modo de ser” carioca, antes guardado na Lapa. Ao voltar à Lapa, resta-lhes constatar o papel da picareta, arma do progresso.

“Com a destruição das velhas casas, sobrados em cujo primeiro andar se acomodaram há anos vários negociantes e pensões variadas e acomodáticas, os Arcos tornar-se-ão mais visíveis pela magnitude de suas curvas recém-caídas. Mas, e o vácuo que se irá produzir com o desaparecimento de todos esses familiares ‘esconderijos’?”<sup>44</sup>

Porém, a transfiguração do bairro ainda não era total. “A Lapa ainda conservava aquele ar de velhice que era um de seus encantos e dos seus mistérios.”<sup>45</sup> Mas, esta era uma sobrevivência física, já que para a Lapa montmartriana dos anos 30 faltava tudo, só restando a memória.

“A Lapa morria mais uma vez em mim. Aquele clima de compreensão mútua, de convivência saudável, de solidariedade fraternal só pudera existir em um momento e numa determinada atmosfera, não podia ser transplantado para outras regiões do tempo e do

---

espaço. A Lapa fora um instante mágico e único em minha vida. Irreproduzível. Irreversível.”<sup>46</sup>

Como esses relatos demonstram, não é fortuita a importância das imagens construídas pelos memorialistas da Lapa, com suas obras escritas nos anos 60, na formação de uma determinada visão do bairro. A boêmia saudável dos intelectuais, especialmente no período áureo de fins dos anos 20 e década de 30, confere à Lapa, segundo essa visão, a característica de repositária da alma noturna do Rio de Janeiro. Em alguns anos, os próprios autores parecem ter consciência do peso de suas construções na definição de uma imagem positiva da Lapa.

“Quanto à Lapa ser um pouco minha, como era do Kauffmam, do Odylo, Magalhães (...), era de fato. E às vezes eu me pergunto se, no fundo ela não era totalmente nossa, isto é, uma criação subjetiva, uma ficção política, um estado de espírito, sem nenhum vínculo com a realidade exterior. Ela existia em nós. E no dia em que dela nos desinteressamos – morreu, deixou de existir.”<sup>47</sup>

A boêmia define o espírito do bairro da Lapa nos anos em questão. Sobre este espírito, as memórias e relatos dos intelectuais tem muito a nos dizer. Mas, o espírito boêmio vagava por um corpo físico, que os memorialistas não chegam a mapear em detalhes. A reconstituição do aspecto urbanístico e da geografia humana da Lapa em meados do século exige o recurso a outras fontes, o que nos parece justificar um tratamento em separado que empreendemos no capítulo seguinte.

- 
- 1 Silva, Fernando Nascimento (org.). Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos: Formação e Desenvolvimento da Cidade. Rio de Janeiro, Record/Governo do Estado da Guanabara, 1965, p.164.
- 2 Idem, p. 164.
- 3 Sobre as obras urbanas do período ver Abreu, Maurício, op. cit., pp. 113 a 135.
- 4 Girardet, Raul. Mitos e Mitologias Políticas. São Paulo, Cia. das Letras, 1987, p. 98.
- 5 Idem, p. 105.
- 6 Deodato, Alberto. Roteiro da Lapa e outros Roteiros. Belo Horizonte, Itatiaia, 1960. Martins, Luís. Noturno da Lapa. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964. Damata, Gasparino. Antologia da Lapa: Vida Boêmia do Rio de Ontem. Rio de Janeiro, Letitura, 1965. Irajá, Hernani. Adeus Lapa. Rio de Janeiro, Record, 1967.
- 7 Bosi, Ecléa, op. cit., p.9.
- 8 Gasparino Damata nasceu em Pernambuco, em 1918, tendo se diplomado em contabilidade, profissão que nunca pôs em prática. Exerceu diversas atividades até a 2<sup>a</sup> Guerra, quando serviu no transporte de tropas. Veio a radicar-se em definitivo no Rio, após a Guerra, trabalhando alguns anos como intérprete na estiva, até ingressar na carreira jornalística e publicar seu primeiro livro, em 1951. Na imprensa, trabalhou nos principais jornais e revistas cariocas, além de colaborar frequentemente com os suplementos literários dos periódicos locais. Publicou novelas e livros de contos. Em meados de 61, passou a servir como Adido de Imprensa na Embaixada Brasileira em Gana. Alberto Deodato nasceu em Sergipe, no ano de 1898, tendo estudado Direito no Rio, entre as décadas de 10 e 20, enquanto morava em pensão na Lapa. Transferiu-se mais tarde para Belo Horizonte, advogando como criminalista naquela cidade. Dirigiu vários jornais mineiros e colaborou com a imprensa carioca. Publicou diversos livros, entre romances, contos, obras sobre a política nacional, além de ter escrito diversas peças teatrais encenadas no Rio e em Belo Horizonte. Fez carreira política, sendo eleito vereador (BH), Deputado Estadual (MG) e Deputado Federal, por Minas. Na política, assinou o Manifesto dos Mineiros, no Estado Novo, aderiu à UDN, conspirou contra Getúlio em 54 e contra Jango em 64. Luis Caetano Martins nasceu no Distrito Federal, em 1907. Iniciou-se cedo na imprensa, tendo trabalhado em diversos jornais cariocas, paralelamente a uma carreira de funcionário público iniciada nos anos 30, até o período do Estado Novo, quando perseguido e preso por uma denúncia contra seu romance Lapa (publicado em 36). Transferiu-se para São Paulo, onde prosseguiu trabalhando em jornais. Publicou vários romances. Hernani Irajá nasceu no Rio Grande do Sul, também em 1907, onde se formou em medicina no ano de 1928. Ocupou diversos cargos importantes na área médica. Publicou mais de 30 livros, entre romances, contos, crônicas, obras médicas e crítica de arte. Na imprensa, colaborou em suplementos literários e como crítico de arte. Como pintor, tem vários quadros expostos em Museus de Belas Artes. Esteve entre os fundadores da Associação Brasileira de Imprensa, Associação dos Artistas Brasileiros e Movimento Artístico Brasileiro.
- 9 Perrot, Michelle. História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra. São Paulo, Cia das Letras, 1991.
- 10 “Os Atores”, in idem, ibidem p. 91.
- 11 “A Margem: solteiros e solitários”, in idem, ibidem, p. 291.
- 12 Murger, Henry. Scènes de la Vie de Bohème. Paris, Libraire Gamièr Frères, s.d.
- 13 Perrot, Michelle, op. cit., pp. 294-295.
- 14 Idem, p. 295.
- 15 Idem, p. 295.
- 16 Martins, Luis, op. cit., p. 30.
- 17 Idem, p.74.
- 18 Idem, pp. 35 e 36.
- 19 Idem, p. 171.

- 
- 20 Deodato, Alberto, op. cit., p. 14.
- 21 Irajá, Hernani, op. cit., p. 18 e Martins, Luis, op. cit., p. 103.
- 22 Irajá, Hernani, op. cit., p.8.
- 23 Como quando relata os banhos e concursos de anatomia feminina que promovia em seu quarto com as ‘meninas’ da Casa de Dona Dulce. pp. 102-104.
- 24 Martins, Luis, op. cit., p. 32.
- 25 Deodato, Alberto, op. cit., p. 24.
- 26 Martins, Luis, op. cit., p. 141.
- 27 Irajá, Hernani, op. cit., p. 7.
- 28 Damata, Gasparino, op. cit., p. 24.
- 29 Martins, Luis, op. cit., p. 32.
- 30 Trebittsch, Michel. “Avant-propos: la chapelle, le clan et le microcosme”. In Cahiers de L’Institut D’Histoire du Temps Present. (Sociabilites Intellectuelles). N° 20. Paris, IHTP, mar. 1992. A sugestão do uso deste conceito e do texto em questão veio de Gomes, Ângela C., que aborda a intelectualidade do Rio nos anos 20 e 30 a partir desta perspectiva, no texto “Essa gente do Rio... os intelectuais cariocas e o modernismo”. In Estudos Históricas, N° 11, Rio de Janeiro, FGV, jan./jun. 1993.
- 31 Trebittsch, Michel, op. cit., p. 14.
- 32 Sobre a importância das rodas boêmias para gerações literárias anteriores, ver Lustosa, Isabel. Brasil Pelo Método Confuso. Humor e Boêmia em Mendes Frendique. Rio de Janeiro, Bertrand do Brasil, 1993.
- 33 Martins, Luis, op. cit., p. 24.
- 34 Damata, Gasparino, op. cit., p. 24.
- 35 A respeito da relação do Ministério da Educação e Cultura com os intelectuais ver Schwartzman, Simon (e outros). Tempos de Capanema. São Paulo, Edusp/Paz e Terra, 1984, pp. 79 e ss. Ver também, Gomes, Ângela de Castro. “Essa gente do Rio...”, op. cit.
- 36 A expressão é de Martins, Luis, op. cit., p. 55.
- 37 Damata, Gasparino, op. cit., p. 24.
- 38 Martins, Luis, op. cit., p. 119.
- 39 Idem, pp. 149 e 151.
- 40 Irajá, Hernani, op. cit., p. 46.
- 41 Sobre a influência norte-americana na cultura brasileira, ver Moura, Gerson. Tio Sam chega ao Brasil: a penetração cultural americana. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- 42 Martins, Luis, op. cit., p. 131.
- 43 Idem, p. 131.
- 44 Deodato, Alberto, op. cit., p. 15.
- 45 Martins, Luis, op. cit., p. 148.
- 46 Idem, p. 167.
- 47 Idem, p. 151.

---

## CAPÍTULO II - NO TEMPO DAS REFORMAS

---

## II-1- O ESPAÇO URBANO

“Numa noite dessas, em minha última viagem ao Rio, fui à Lapa, em companhia de um velho amigo. Oh! A tristeza de constatar que a gente envelhece, que as cidades mudam, as ruas se modificam, o tempo passa! (...) Eu mudei mudara, certamente, mas a Lapa mudara ainda mais do que eu. De sólido e dando a impressão de eternidade, apenas a Igreja e os Arcos. O resto ...”

Luís Martins

As feições da Lapa boêmia formaram-se durante o processo de crescimento e transformação da paisagem urbana da cidade do Rio de Janeiro. Este movimento, que inclui a desagregação e a reconstrução da zona central, durante as sucessivas reformas urbanas sofridas pela cidade ao longo do século XX, atingiu progressivamente o bairro. A Lapa é talvez um dos melhores exemplos do poder transformador das reformas, descaracterizando ou redefinindo espaços. Ao som das picaretas, e mais tarde dos tratores, a Lapa foi perdendo suas diferentes funções: seus espaços de moradia, de lazer e de boêmia, para tornar-se, em seguida, mais um local de passagem entre um ponto e outro da cidade.

O primeiro grande marco dessa ação “regeneradora” foram as reformas da primeira década do século XX na Capital Federal. Muito já se tem escrito sobre tais reformas. Interessanos, mais especificamente, precisar os objetivos desta ação. Buscar um espaço “regenerado” e moldado conforme o modelo das capitais européias era a principal meta da intervenção do Estado, no governo Rodrigues Alves, e da prefeitura de Pereira Passos. Respondia-se aos anseios por um espaço urbano “civilizado” e que servisse de símbolo do progresso econômico e cultural do país. Nas palavras de Nicolau Sevckenko:

“Era preciso pois findar com a imagem da cidade

---

insalubre, com uma enorme população de gente rude plantada bem no âmago, vivendo no maior desconforto e pronta para armar em barricadas as vielas estreitas do centro ao som do primeiro grito de motim.”<sup>1</sup>

Numa palavra, o que se desejava extirpar era a aparência e os hábitos de uma cidade colonial. Mas que cidade colonial era esta que deveria deixar de existir? Mais precisamente, como se inseria a Lapa nessa imagem de cidade colonial a ser regenerada?

Como boa parte do centro tradicional da cidade, a ocupação da região onde hoje se encontra o bairro da Lapa deu-se através de aterros sucessivos. O aterramento da antiga Lagoa do Boqueirão possibilitou o surgimento do Largo da Lapa, espremido entre a área do Passeio Público, a Glória, o Morro de Santa Tereza e o mar.<sup>2</sup> Um seminário e uma capela eram as principais construções do local nos idos do século XVIII. O seminário, voltado para a formação de sacerdotes, foi levantado em louvor de Nossa Senhora da Lapa. Dava fundos para a praia das Areias de Espanha e sua construção teve início em meados daquele século. A capela, construída pouco mais tarde, pertencia à Irmandade do Divino Espírito Santo. No início do século XIX, estas construções passaram às mãos dos frades carmelitas, que transformaram a capela em igreja e, em seguida, abriram um colégio ao lado. As comemorações religiosas ao redor da igreja eram então grandes atrações do calendário festivo da cidade. Segundo Brasil Gerson, o que melhor caracterizaria a Lapa seria justamente,

“essa curiosa dupla personalidade, com as seculares tradições religiosas a subsistirem nela, incólumes, não obstante a impetuosa invasão de coisas profanas, que tanto a desfiguraram dos fins do oitocentismo em diante.”<sup>3</sup>

A outra obra arquitetônica que definia marcadamente a fisionomia do local era o

---

Aqueduto da Carioca, construído em um primeiro projeto em 1723, com o objetivo de abastecer o centro da cidade. Os Arcos da Lapa em sua forma atual, porém, datam de uma reconstrução do aqueduto em meados do mesmo século XVIII.

O século XIX marca o surgimento de novas ruas, como o Beco das Carmelitas e as ruas Taylor, Conde Lages e da Lapa. É dessa época o largo propriamente dito, que fazia a ligação do centro e da zona sul com o caminho do Mata-Cavalos, mais tarde a rua do Riachuelo. Este caminho partia do Largo para os arrabaldes da região norte da cidade. O nome Largo da Lapa é definitivamente adotado e os aterros e nivelamentos do terreno são completados também nessa fase. Ao longo daquele século, a concentração de construções no local, especialmente na direção da Glória e do Catete, cresceu significativamente. Entre tais construções, predominavam as residências de “famílias ilustres”.

Mas, a segunda metade do século XIX impõe rápidas mudanças, como a conversão de muitos dos sobrados residenciais das famílias abastadas (que se transferem para áreas mais distantes do centro) em habitações coletivas para a população pobre da cidade.<sup>4</sup> As ruas estreitas, construídas ao sabor da expansão da ocupação e os casarões degenerados em cortiços e casas de cômodos inseriam a Lapa, na virada do século, no conjunto da cidade colonial, suja e feia, que se pretendia “regenerar”.

Com as reformas da Administração Pereira Passos, são derrubados, no clima do “bota-abaixo”, muitos casebres e cortiços, principalmente os que se localizavam sob os Arcos. O alargamento da Rua Evaristo da Veiga – antigo caminho dos Arcos da Carioca – até a subida da Ladeira de Santa Tereza, possibilitou a extinção do casario pobre encrustado em seus vãos. Demolições ocorreram também e numa escala muito maior, possibilitando a abertura da Av. Mem de Sá – que junto com a abertura da Av. Passos marcou a intervenção viária da prefeitura, paralela à construção do complexo Av. Central/Rodrigues Alves pelo governo federal. Com 17 de metros de largura e 1.500 metros de comprimento, a Avenida Mem de Sá foi criada para fazer a ligação da Lapa com a Tijuca e com São Cristóvão, atravessando dessa forma a antiga esplanada do Morro do Senado, que teve seu arrasamento completado por Pereira Passos.<sup>5</sup>

---

Naquele clima de remodelação urbana, o Largo da Lapa ganha ares afrancesados, com a construção de um Lampadário, obra do escultor Bernardelli, além da arborização de seu entorno e do erguimento, nas proximidades da Igreja da Lapa, de um bebedouro destinado aos animais. Já a Praia da Lapa, a antiga Praia das Areias de Espanha, foi engolida pelo aterro da Av. Beira Mar.

Embora alguns hotéis já estivessem ali instalados, em fins do século XIX, é com as reformas que o Largo passa a abrigar novos hotéis, que ganham fama por receberem políticos famosos, atraídos pela proximidade do Catete e do Centro. São exemplos, o Grande Hotel da Lapa e o Hotel Guanabara, “onde às vezes se hospedava Raul Soares e, praticamente, nasceu a candidatura Epitácio à Presidência da República.”<sup>6</sup>

Após as reformas da primeira década do século, a Lapa pode ser definida como um bairro estritamente familiar. Somente na década de 1910 instalam-se as primeiras pensões “decaídas” e as ruas adjacentes ao Largo passam a ser tomadas por casas “suspeitas”.

Daí para frente, o bairro da Lapa estaria incluído em praticamente todos os grandes projetos de reformas urbanas. Os anos 20 são marcados, no centro da cidade, pela derrubada do Morro do Castelo, dando lugar à esplanada do mesmo nome, em que se realizaria em 22 a Exposição Do Centenário da Independência.<sup>7</sup> Se o Castelo já havia sido posto abaixo, por que não derrubar também o Morro de Santo Antônio? Várias propostas com este sentido serão elaboradas nesta época. Em fins da década, na administração do Prefeito Prado Jr., encomenda-se um grande plano de reformas à firma francesa de Alfred Agache, e a derrubada do morro, com a abertura de uma via de ligação entre o Campo de Santana e a Lapa, era uma das principais propostas sugeridas.<sup>8</sup>

Fase de reformas comparável à do início do século será vivida pelo centro da cidade durante o período do Estado Novo, em que a Capital Federal era administrada por Henrique Dodsworth e foi posto em prática um novo plano urbanístico de grande porte. A abertura da Avenida Presidente Vargas, precedida da derrubada de dezenas de quarteirões de uma região

---

pouco atingida pelas obras do início do século, é o marco mais significativo das reformas daquele período na região central. Quanto à Lapa, o Plano Geral de Melhoramentos da administração municipal resgata a proposta da abertura da via ligando a Lapa ao Campo de Santana: a Av. Diagonal. Para ser construída, esta nova avenida demandaria a demolição de parte do Morro de Santo Antônio, abrindo as divisas entre a Lapa e o núcleo central, além da derrubada de muitas construções na área vizinha ao morro no bairro da Lapa.<sup>9</sup>

O Morro de Santo Antônio merece atenção especial na análise das reformas que atingem a Lapa. Este morro estabelecia os limites entre o núcleo do centro da cidade ( desde as reformas da primeira década aglutinado ao redor da Av. Rio Branco) e uma zona central periférica, da qual a Lapa era um bom exemplo.<sup>10</sup> Durante toda a primeira metade do século, vários projetos voltaram-se para esse “problema”. Como em relação ao Morro do Castelo nos anos 20, arrasar ou preservar o morro era a questão mais polêmica nas propostas. Na administração Rivadávia Correia ( 1914-16) projetaram-se dois túneis que cortariam o morro e que se cruzariam perpendicularmente, além de se propor a urbanização da área. Tais projetos não foram adiante, mas a administração Alaor Prata (1922-26), com base em proposta aprovada na gestão anterior de Carlos Sampaio, reapresentou planos de urbanização do morro, afastando a hipótese de arrasamento. Uma companhia, a Santa Fé, chegou a ser contratada e executou várias obras de melhoramentos no local.<sup>11</sup>

Com Henrique Dodsworth, em acordo com o governo federal, aprovou-se através de um decreto datado de 1942 o “Plano de Urbanização da Esplanada resultante do Desmonte do Morro de Santo Antônio e áreas adjacentes e do Prolongamento da Avenida Diagonal”, que integrava o novo “Plano Geral de Melhoramentos”.<sup>12</sup> Para iniciar as obras, definiram-se as áreas e imóveis a serem desapropriados em regime de urgência, sendo os melhoramentos anteriores computados para efeito das indenizações.

Porém, a questão do desmonte do Morro de Santo Antônio não passava apenas pelas justificativas funcionais e estéticas de urbanização e remodelamento do centro da cidade, mas principalmente pelo fato de este morro alojar a única favela encrustada no meio do núcleo

---

central. Outras favelas, como as dos morros da Gamboa e Favela, não pareciam tão incômodas, por situarem-se nas bordas do centro.

Na década de 1940, as favelas já eram consideradas “um palpitante problema econômico-social para a administração pública”. Logo, impunha-se aos governantes da Capital da República equacionar o problema, isto é, “extinguir as favelas, ou pelo menos sustar o seu desenvolvimento no Distrito Federal”.<sup>13</sup> Contudo, estas obras de demolição do Morro de Santo Antônio não seriam tocadas ainda durante o Estado Novo, por falta de recursos materiais.

O próprio Dodswort explica:

“O Estado de guerra até 1945, tornou impraticável a importação de maquinaria apropriada e impediu, assim, a demolição do Morro de Santo Antônio, sendo conhecidas as dificuldades do momento pela escassez de gasolina e de material de consumo.”<sup>14</sup>

No entanto, a proposta não foi abandonada, e praticamente todas as administrações municipais dos anos 40 e 50 ocuparam-se com uma parte da tarefa do desmonte, que seria concluído finalmente em inícios dos anos 60, no governo Carlos Lacerda. Nesta época, a abertura das Avenidas Chile e República do Paraguai concretizou as alterações propostas nos planos dos anos 40 e a Lapa transformou-se, definitivamente, em local de passagem.

Mas é preciso ressaltar, e essa não é uma especificidade da forma como foi tratado o Morro de Santo Antônio, que desde as reformas da primeira década, há uma intenção explícita de afastar da zona central da cidade a população mais pobre, num movimento que visava a estratificação social do espaço urbano. Recorremos novamente à análise de Nicolau Sevcenko sobre os efeitos sociais das reformas da época de Pereira Passos, quando o autor alinha, entre outros objetivos dos reformadores:

“(…) a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem

---

civilizada da sociedade dominante, e uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, que será praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas.”<sup>15</sup>

É esta população pobre que, em condições precárias de sobrevivência, desloca-se para os subúrbios ou, na ausência de recursos para tanto, mantém-se o mais próximo possível da zona central. Se muitos cortiços foram derrubados, a alternativa para milhares de pessoas foi a de amontoarem-se nos velhos prédios que restaram, ou subir os morros que circundavam o centro.<sup>16</sup> Após as obras do saneamento da Capital, algumas freguesias aumentaram significativamente em termos de adensamento populacional. Se até então “eram as freguesias mais centrais, ocupadas desde o início do século XIX por atividades comerciais, artesanais e manufatureiras da cidade, aquelas que concentravam um maior contingente populacional residente em cortiços e estalagens”,<sup>17</sup> a sobrecarga dos espaços habitáveis que sobraram transferiu populações para as freguesias centrais periféricas.

A Lapa formava o núcleo principal da freguesia de Santo Antônio, onde as obras de abertura da Av. Mem de Sá impulsionaram a derrubada de parte do casario antigo. Porém, no momento imediatamente posterior às reformas do início do século, a freguesia é atingida pela expulsão dos populares do núcleo central “regenerado”, tornando-se uma das áreas mais densamente povoadas da cidade e assumindo características de refúgio das camadas mais pobres da população.

---

## II-2- A POPULAÇÃO

Para uma análise mais precisa da ocupação do espaço correspondente ao bairro da Lapa, optamos por um breve comentário sobre os dados dos levantamentos censitários de 1920 e 1940, além de algumas alusões ao censo de 1906.<sup>18</sup> Estes censos possuíam como base para a coleta de dados os diferentes distritos da cidade e suas respectivas circunscrições. Nenhuma das circunscrições corresponde diretamente ao bairro da Lapa. Mas, embora não espelhassem as divisões por bairro, seus dados são a única forma de aproximação com a distribuição espacial da população urbana. As circunscrições que abrangiam o bairro da Lapa ( mas não só ele ), eram as de Santo Antônio e São José, no Censo de 20, e apenas a de Santo Antônio, para o recenseamento de 40.

Não tendo sido realizado o censo de 30, optamos por comparar os dados do censo de 40, mais próximo do período em questão neste trabalho, com os de 20, de forma a observar possíveis mudanças ou permanências. Entre 1920 e 1940, a população da cidade como um todo cresceu mais de 50%. No entanto, a zona central, tradicionalmente superpovoada, passa por uma fase de regressão e mesmo declínio populacional em algumas áreas. No caso de Santo Antônio, observamos que se trata da mais populosa circunscrição da zona central em 1940. Com as alterações na demarcação das circunscrições, é difícil precisar o crescimento da área entre 20 e 40. Ainda assim, podemos tomar como referência os dados da Tabela 1.

TABELA 1 – POPULAÇÃO RESIDENTE

Ano/Região	Santo Antônio	São José	Distrito Federal
1906	38.996	42.980	811.443
1920	49.325	27.714	1.157.873
1940	32.903	9.256	1.764.141

Fontes: Recenseamento do Distrito Federal de 1906; e Censos Demográficos de 1920 e 1940.

Pela Tabela, percebemos que a Freguesia de São José, que em 1906 era das mais densamente povoadas, sofre rapidamente o impacto das demolições, chegando a 1920 com cerca de 15 mil habitantes a menos. A explicação dos técnicos do censo de 1920 já é bastante familiar aos historiadores sociais da cidade:

---

“A diminuição do número de habitantes nos três distritos do centro comercial ( Candelária, Santa Rita e São José) se explica pela grande valorização dos terrenos nessa parte da cidade, completamente transformada após a abertura da Av. Rio Branco e o desaparecimento dos casebres e domicílios coletivos que ali existiam e eram habitados, antigamente, por numerosos indivíduos das classes proletárias.”<sup>19</sup>

Com Santo Antônio, pelos mesmos motivos, ocorre o inverso. Vimos que uma das alternativas para os expulsos pelo bota-abixo foi superlotar as habitações coletivas que resistiram às picaretas na periferia da zona central, como Santo Antônio, que continua a crescer em população até 1920. Entre 20 e 40, o despovoamento do centro se amplia, e mesmo aquela circunscrição sofre um decréscimo no número de habitantes.

Quanto às características da população de Santo Antônio, começando pelo indicador sexo, segundo os dados do censo de 1940, a circunscrição era majoritariamente masculina (58,2% de homens). Este perfil contrasta com o do conjunto da cidade, que apresenta uma população em que as mulheres somam 50,2% do total de habitantes. Santo Antônio, com sua maioria de homens, não diferia muito do restante do centro urbano. Além disso, a comparação com os dados de 20 indica uma continuidade do perfil masculino da área, pois neste censo os homens somavam ali 55,2% do total de residentes, sendo que a vizinha São José possuía um desequilíbrio ainda maior, com 65,7% de homens entre seus habitantes.

Quanto ao dado cor, a população de Santo Antônio era predominantemente branca, acompanhando neste sentido o quadro mais geral do Distrito Federal em 1940. Porém, a concentração de habitantes negros na circunscrição era menor que no restante da cidade, pois, se em Santo Antônio os negros somavam 15% da população, no total do Distrito Federal, sua participação subia a 28,9%. Este número explica-se, em parte, por outro, o de estrangeiros

---

residentes em Santo Antônio: 24,5% dos habitantes da circunscrição eram estrangeiros, enquanto no Distrito Federal como um todo os estrangeiros não representavam mais que 13% do total recenseado em 1940. Entre os estrangeiros de Santo Antônio, predominavam os portugueses, secundados em peso numérico pelos espanhóis e italianos.

Um quarto aspecto do perfil da população residente em Santo Antônio diz respeito ao nível de instrução. 83,9% da população ali residente sabia ler e escrever e, dentre as circunscrições do centro, era ali que se concentrava o maior número de pessoas com diploma de grau superior: 651 homens e 59 mulheres em 1940.

Quanto à distribuição ocupacional da população de Santo Antônio em 1940, encontramos o maior número de pessoas alocadas nas atividades de “serviços e atividades sociais”, aglutinando 5.585 pessoas, seguido do emprego no chamado “comércio de mercadorias”, onde encontravam-se 4.398 pessoas e da indústria de transformação, com 3.148 pessoas. Deve-se destacar que a circunscrição possuía uma maioria de “não produtivos”, pois 10.069 pessoas ( das quais 8.386 eram mulheres ) foram recenseadas como exercendo “atividades domésticas e atividades escolares”. A quantidade de maiores de 10 anos em condições inativas ( atividades não compreendidas nos demais ramos, atividades não definidas e não declaradas) era de 2.364 pessoas.

Maioria de homens, brancos, com grande número de estrangeiros e uma participação relativamente alta de letrados, empregados em sua maioria em comércio e serviços, este parece ser o perfil dos moradores da Circunscrição de Santo Antônio e, por extensão, do bairro da Lapa que ela abrange. Mas, tal perfil estaria incompleto caso não levássemos em conta o fato de que a esta população da “planície” deve ser acrescida a população do Morro de Santo Antônio, para melhor caracterizarmos os que vivem na Lapa.

Em 1935, no jornal **Diário de Notícias**, um interessante artigo, intitulado “O Morro”, sintetiza a opinião dominante sobre as favelas do Distrito Federal. Lugar de miséria e de crime, seus moradores são vistos como verdadeiros marginais da sociedade.

---

“Os morros pousaram sobre a cidade e naqueles que eram mais baixos a gente se encarapitou. Fizeram casas de latas, armaram barracões e lá passaram a viver vida de miséria, vida de crime, vida de malandro. A brisa arrepia as árvores lá de cima e, por entre as ruelas sórdidas faz comer a atmosfera luminosa da cidade. O malandro do morro, mulato pachola, cabra escovado, negro forçado, toca viola, risca navalha, mexe no samba, apaixonou mulher, a escória, patuléia, vagabundo, criminoso. Lá macumba, negras posses, soturnos pais de santo, despachos, mandingas, feitiçaria (...) E o morro vive, indiferente à cidade, cujas luzes lhe parecem tão distantes quanto as próprias estrelas do céu.”<sup>20</sup>

O malandro, que pelas noites seria personagem central da Lapa, tem sua origem associada à atmosfera negativa com que se representa o morro. Encarna aqueles a quem a “boa sociedade” gostaria de afastar: os negros e mulatos, as práticas religiosas e culturais dos populares.

É difícil precisar quem seriam os moradores do Morro de Santo Antônio, mas pelos dados do Censo das Favelas, de 1949, podemos realizar algumas inferências. Naquele ano, 7% da população do Distrito Federal morava em favelas. Destes, 13,6% moravam em favelas da região central da cidade. Tratava-se basicamente de mão-de-obra ocupada no centro, pois 78,9% dos moradores destas favelas da zona central declaravam trabalhar na própria área de moradia.<sup>21</sup>

O 1º Distrito representado pelos morros da Favela, Nheco, Gamboa e Santo Antônio, possuía 6% de todos os favelados do Distrito Federal. Havia ali cerca de 1690 residências, projetando-se de 6.700 a 8.450 o número de moradores. Só o morro de Santo Antônio tinha em

---

seu espaço 492 casebres, estimando-se sua população entre 1.968 e 2.460 habitantes, 29% da população favelada do 1º Distrito.

Mas o dado que talvez explique a imagem negativa dos morros diz respeito à questão racial. No que tange ao dado cor, 70,9% dos moradores em favelas eram classificados como pardos e negros, contra 28,9% de brancos. Isto significa que, em relação ao Distrito Federal, o número de negros morando em favelas era proporcional ao de brancos que moravam nas partes baixas da cidade.

Para a avaliação dos moradores dos morros, a análise dos recenseadores caminha na mesma direção do artigo do **Diário de Notícias**, embora seu “refinamento” científico conduzisse a um raciocínio ainda mais explicitamente racista:

“Não é surpreendente o fato de pretos e pardos prevalecerem nas favelas. Hereditariamente atrasados, desprovidos de ambição e mal ajustados às exigências sociais modernas, fornecem em quase todos os nossos núcleos urbanos os maiores contingentes para as baixas camadas da população”.<sup>22</sup>

Local de negros, de pobreza, de exotismo e de desordem, o morro sintetiza muitos dos perigos da cidade. Para as “autoridades”, derrubadas e remoções eram as soluções ideais para o problema. Porém, para muitos dos que se envolveram nas discussões sobre o caráter do Rio de Janeiro, a desordem não era uma prerrogativa das favelas, sendo uma característica da cidade em geral. No capítulo seguinte, trataremos do debate sobre a cidade, privilegiando as avaliações negativas sobre o Rio por parte de setores da intelectualidade modernista de São Paulo durante os anos 20, para então voltarmos à Lapa dos anos 30 e 40.

- 
- 1 Sevcenko, Nicolau. *Literatura como Missão. Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo, Brasiliense, 1983, p. 29.
  - 2 As informações necessárias ao esboço de história da urbanização da Lapa aqui traçado foram buscadas em Abreu, Maurício, op. cit.; Silva, Fernando N. (org.), op. cit.; Coaracy, Vivaldo. *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965; e Gerson, Brasil. *História das Ruas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Souza, s.d.
  - 3 Gerson, Brasil, op. cit., p. 237.
  - 4 Ver a esse respeito, Aquino, Lia. *Contribuição ao Estudo das Habitações Populares*. Rio de Janeiro: 1886-1906. Rio de Janeiro, Sec. Mun. de Cultura, 1986.
  - 5 *O Rio de Janeiro e seus Prefeitos: Evolução Urbanística da Cidade*. Rio de Janeiro, Pref. Mun., s.d.
  - 6 Damata, Gasparino, op. cit., p. 24.
  - 7 A polêmica sobre o arrasamento ou não do Morro do Castelo é tratada por Motta, Marly Silva da. *A Nação Faz Cem Anos: a Questão Nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro, FGV, 1992, em especial o capítulo “Arrasar ou não arrasar, eis a questão”.
  - 8 Dodsworth, Henrique de Toledo. *A Avenida Presidente Vargas: Aspectos Urbanísticos, Jurídicos, Financeiros e Administrativos de sua Realização*. Rio de Janeiro, *Jornal do Comércio*, 1953. Ver também *O Rio de Janeiro e seus Prefeitos...*, op. cit., p. 115.
  - 9 Brasil (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). *Área Central da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IBGE, 1967.
  - 10 *O Rio de Janeiro e seus Prefeitos...*, op. cit., p. 62.
  - 11 Brasil. *Urbanização do Rio de Janeiro: decreto nº 7.064 de 31/07/41 – Aprova o Plano de Urbanização da Esplanada Resultante do Desmonte do Morro de Santo Antônio*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.
  - 12 Prefeitura do Distrito Federal (Departamento de Geografia e Estatística). *Censo das Favelas: Aspectos Gerais*. Rio de Janeiro, DGE, 1949, pp. 5 e 6.
  - 13 Idem, *Ibidem*, p. 6.
  - 14 Dodsworth, Henrique de T., op. cit., p. 5.
  - 15 Sevcenko, Nicolau, op. cit., p. 30.
  - 16 Aquino, Lia, op. cit., p. 146 a 149.
  - 17 Idem, *ibidem*, p. 151.
  - 18 Trabalhamos aqui com os seguintes recenseamentos: Prefeitura do Distrito Federal. *Recenseamento do Rio de Janeiro (Distrito Federal)*, realizado em 20 de setembro de 1906. Rio de Janeiro, Oficina de Estatísticas, 1907; Brasil. *Recenseamento do Brasil*. Realizado em 01/09/1920. Rio de Janeiro, Typ. de Estatística, 1923. (Vol. II – 1ª. Parte “População do Rio de Janeiro – Distrito Federal”); Brasil. *Recenseamento Geral do Brasil (1º de setembro de 1940)*. Rio de Janeiro, IBGE, s.d. (Vol II – Censo Demográfico); Prefeitura do Distrito Federal. *Censo das Favelas: Aspectos Gerais*. Rio de Janeiro, Serviço de Divulgação do DGE, 1949.
  - 19 Censo de 1920, op. cit., p. XXII.
  - 20 *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 03/02/1935.
  - 21 *Censo das Favelas...*, op. cit., pp. 7 e ss.
  - 22 *Diário de Notícias*. Rio de Janeiro, 03/02/35.

---

### CAPÍTULO III – O LUGAR DOS EXCESSOS

---

### III-1- VIDA DO RIO

“Carnaval! Perdi o trem, perdi a vergonha, perdi a energia ... Perdi tudo. Menos minha faculdade de gozar, de delirar ... Fui ordinarríssimo. Além do Manuel, o carnaval do Rio! Que delícia principalmente meu carnaval (...) diverti-me 4 noites inteiras e o que os dias me sobrou de sono merecido.”

Mário de Andrade

O discurso sobre a Lapa moldado durante os anos 60 buscou no passado as referências que fizeram do bairro o ícone da boêmia da cidade do Rio de Janeiro. Estas imagens recorrentes da Lapa, expressas nesta década e nas seguintes, acabaram transcendendo os limites da cidade. Se o Rio de Janeiro deixa, em certo momento, de ser a Capital Federal, a Lapa, em momento algum, deixa de ser lembrada como o coração boêmio da vida de uma cidade sempre marcante para a nação.

Vimos que a invenção desta Lapa boêmia, descrita pelos memorialistas do bairro, não ocorreu nos anos 30, momento em que cresceu a frequência intelectual a alguns de seus bares e cafés. Muito mais seguro seria dizer que esta Lapa tradicional foi inventada mais tarde, quando o sentimento de decadência projeta um certo passado áureo como seu oposto.

As tradições inventadas são, aliás, o tema de um interessante estudo de Eric Hobsbawn e Terence Ranger. Referindo-se a passados “reais” ou “forjados”, estas tradições podem ser localizadas em qualquer lugar e tempo estudados historicamente. Mas, tendem a ocorrer com maior frequência “quando uma transformação rápida da sociedade debilita ou destrói os padrões sociais para os quais velhas tradições foram feitas”.<sup>1</sup> Embora o trabalho de Hobsbawn e Ranger preocupe-se em perceber, na “invenção das tradições”, especialmente a instauração de novas práticas sociais, a proposta ali contida parece perfeitamente pertinente ao tipo de visão da Lapa

---

construída pelos memorialistas dos anos 60.

No entanto, como tudo em sociedade, as tradições também não se inventam do “nada”. As imagens forjadas sobre o bairro boêmio e a cidade do Rio de Janeiro podem ser datadas dos inícios dos anos 20, sendo reforçadas ao longo dos dois decênios seguintes. São elas que fornecem os elementos fundamentais para que, nos anos 60, uma releitura do bairro possa ser feita.

Gasparino Damata, como vimos, ao referir-se à Lapa dos primeiros anos do século afirma: “A Lapa teve, nessa época, papel de grande importância na vida política nacional”. Afinal, segundo o autor, era em seus hotéis que se hospedavam homens como Raul Soares ou como os políticos mineiros do tempo de Afonso Pena e de Wenceslau Braz.<sup>2</sup> No entanto, se a dimensão nacional caminha próxima à Lapa desde as referências ao início do século, não é esta Lapa, cercada pela presença política da época, que irá alimentar o movimento de busca de sua tradição. É a Lapa que começa a surgir em fins da década de 1910 e que tem seu apogeu durante praticamente toda a década de 30, o referencial de sua verdadeira identidade: a “Lapa de crimes passionais, de boêmia desenfreada, de malandragem, de sambistas, desordeiros perigosos (...), dos cabarés e cassinos (...)”<sup>3</sup> Ou seja, é a boêmia, e não a política, o coração do bairro da Lapa.

É interessante notar que os adjetivos associados a esta imagem estão bem próximos dos atribuídos à cidade do Rio de Janeiro desde os anos 20, e que, na verdade, são incorporados fortemente ao perfil do bairro Lapa. É nos anos 20, por conseguinte, que vamos encontrar um discurso que adjetiva a cidade do Rio de Janeiro como cidade de prazer e ócio, centro ideal, portanto, para a boêmia. Buscando a origem deste discurso, podemos nos aproximar de sua construção e sua relação com um espaço boêmio como a Lapa, parte integrante e, para alguns, síntese da cidade do Rio de Janeiro, Distrito Federal e expoente da Nação.

O trabalho de Mônica Pimenta Velloso – “A cidade voyer: o Rio de Janeiro visto pelos paulistas” – indica-nos um caminho da análise, ao tratar da construção de um discurso essencialmente paulista que, ao longo dos anos 20, buscava “desqualificar e deslegitimar o Rio

---

de Janeiro como centro político da Nação.”<sup>4</sup> A década de 20 aparece, nesta perspectiva, como o momento em que a cidade do Rio encontra-se no centro do debate sobre a construção da nacionalidade brasileira. Por isso mesmo, aí estarão presentes vários elementos importantes para a elaboração de uma determinada memória sobre a cidade.

São os intelectuais paulistas, representados principalmente pelo grupo “Verde-Amarelo” – vertente conservadora do movimento modernista, constituída sob a liderança de Cassiano Ricardo, Plínio Salgado e Menotti Del Picchia – que acaba por sistematizar uma ideologia política em que a cidade do Rio de Janeiro é apresentada como local do ócio, em contraposição a São Paulo, cidade do trabalho. O objetivo do projeto era, sem dúvida, estabelecer os argumentos “destinados a eleger São Paulo como a matriz da Nação”. Tal sistematização surge justamente numa conjuntura de disputa pela hegemonia cultural e política da Nação.<sup>5</sup>

A partir de um discurso que “elege o critério espacial como definidor da nacionalidade brasileira”, em que o caráter geográfico é determinante, os verde-amarelos passam a construir uma “tipologia do caráter nacional brasileiro”.<sup>6</sup> Seguindo esta lógica, a cidade do Rio de Janeiro, banhada pelo mar, faz do carioca um sujeito distante dos interesses da Nação, pois estando sempre em busca de novos horizontes, é contemplativo e possuidor de um discurso universalista, voltado “para fora” e aberto a novas idéias e modas:

“Facilmente atraído pela aventura e pelas novidades, o carioca se caracteriza pelo desinteresse econômico. Assim, o lirismo e o sentimentalismo político o mobilizariam mais do que o interesse pelas coisas concretas. O oposto deste perfil é, naturalmente, encarnado pelo paulista. Homem pragmático, desconfiado das novidades estrangeiras. É mais guardião, conservador e ordeiro. Por isso ele representa o ‘espírito mais intenso da brasilidade’”.<sup>7</sup>

---

O Rio de Janeiro cosmopolita acaba por representar o grande perigo para os valores da cultura nacional. O cosmopolitismo encarnaria a perda da brasilidade, o lugar da cópia e dos modismos estrangeiros. A cidade do Rio de Janeiro era apresentada ainda como local de consumo exacerbado, do qual derivaria o predomínio da atividade comercial. Já São Paulo é a cidade industrial por excelência. Logo, o Rio caracteriza-se como a cidade do gasto, em contraposição à produção de riquezas em São Paulo.

Assim, com seu excesso de natureza contemplativa e sua característica litorânea, o Rio representaria mais calor, mais preguiça, mais indisciplina e menos trabalho. Nesta imagem de local do lazer excessivo, o mar e a boêmia estarão sempre presentes.

Sede do poder federal, é acusada pelos paulistas de ser o “lugar do Estado”, ou seja, da política profissional, do empreguismo. Logo, uma cidade de funcionários públicos e desocupados em geral, empregados ou não na burocracia.

Leva-se em conta também, como em todo o debate sobre a nacionalidade, a questão racial. O Rio é apontado como área da negritude, associada à sujeira, à preguiça, à indisciplina, à desocupação, enfim à desordem. Seguindo ainda Mônica Veloso:

“As tradições corporais do negro, marcadas pela sensualidade e liberdade de movimentos, iriam se chocar de imediato com os hábitos culturais da nossa elite europeizada. E é entre os paulistas que a reação se manifesta mais forte. Tendo a sobriedade como um de seus valores mais caros, a burguesia paulista não cessa de condenar a licenciosidade e permissividade dos costumes cariocas.”<sup>8</sup>

Junto a isto, o calor do verão carioca é acusado de causar a “promiscuidade das praças e

---

e ruas, o bocejo e a displicência”. Suas praias não poderiam deixar de ser vistas como um lugar promíscuo, onde os sexos e as classes sociais se misturam de forma degradante. O carnaval carioca aparece então como a apoteose de todos estes males, onde a alegria está fora de controle. O verdadeiro “reino de Dionisius”.<sup>9</sup>

Assim, para este discurso paulista, o Rio de Janeiro é a cidade dos excessos. Excesso de natureza, de política, de cor, de calor, de negritude, de alegria, de revolta, de sexo, de prazer... E o excesso é visto como antítese da disciplina, do trabalho e do empreendimento. Daí, o malandro ser apresentado como a figura paradigmática do carioca.

Seria interessante buscar um contraponto a estas imagens em resposta ao discurso que desqualificava a cidade por parte dos intelectuais cariocas. Mônica Velloso argumenta que estes intelectuais “permanecem como interlocutor que se limita a dar respostas (...) os cariocas não constroem uma linha de argumentação que se contraponha à doutrina dos ‘verdes-amarelos’”.<sup>10</sup>

Mesmo que esta linha de argumentação não se tenha construído, algumas respostas parecem contundentes. Marly Motta trabalha com um exemplo de argumentação que, menos preocupada em defender a imagem da cidade, foi ferina em desqualificar os próprios intelectuais de São Paulo.<sup>11</sup> Segundo esta autora, “uma voz dissonante desafiava o coro de vivas à modernidade da metrópole bandeirante: Lima Barreto”. Para ele, São Paulo estava associada à vida burguesa, à discriminação étnica e ao apego material. E para os intelectuais paulistas, Lima Barreto afirmava:

“as águias provincianas se queixam de que o Rio de Janeiro não lhes dá importância e que os homens do Rio só se preocupam com as cousas do Rio e da gente dele (...) o Rio de Janeiro é muito fino para dar importância a uns sabichões de aldeia que, por terem lido alguns autores, julgam que ele não os lê também.”<sup>12</sup>

---

Ou em outra passagem:

“São Paulo tem a virtude de descobrir o mel do pão em ninho de coruja. De quando em quando ele nos manda umas novidades velhas de quarenta anos (...) Recebi, e agradeço, uma revista de São Paulo que se intitula **Klaxon**. Em começo pensei que se tratasse de uma revista de propaganda de alguma marca de automóveis americanos. Foi então que descobri que se tratava de uma revista de Arte, de Arte transcendente, destinada a revolucionar a literatura nacional e de outros países, inclusive a Judéia e a Bessarábia. Disse cá comigo: esses moços tão estimáveis pensam mesmo que nós não sabíamos disso de futurismo? Há vinte anos ou mais que se fala nisto e não há quem não leia a mais ordinária revista francesa ou o pasquim mais ordinário da Itália que não conheça as cabotinagens do ‘il Marinetti’”.<sup>13</sup>

Marly Motta demonstra como, ao longo dos primeiros anos da década de 20, através da visibilidade do movimento modernista, os intelectuais paulistas conquistavam espaço para a afirmação do papel de São Paulo, como vanguarda e modelo da nação. Enquanto isso, a vida cultural do Rio de Janeiro ligava-se em boa parte aos preparativos das comemorações do Centenário da Independência. Neste processo, o discurso paulista, que passava pela desqualificação do Rio de Janeiro, acabou por se fixar em função da insistência e da menor articulação da intelectualidade carioca:

“Menos articulada, preocupada apenas em manter o tradicional comando sobre o país, a intelectualidade

---

costume pelas questões nacionais, não estruturou um projeto próprio, capaz de barrar aquele com que os paulistas se apresentavam como a mais competente elite de expressão nacional.”<sup>14</sup>

Mas, se as imagens se fixaram, elas foram incorporadas porque relidas pelo outro lado da moeda. Para os cariocas, a cidade do ócio é na verdade a cidade do prazer, que relaxa e contagia. Ao invés de suja, negra e quente, a cidade é acolhedora, onde a mistura das cores é transformada em gingado e o solo em alegria. Adjetivações extremamente positivas. A força da cidade estaria provada pelo fato de que ninguém resistia a seus encantos (ou males). Nem mesmo os paulistas.

Contudo, não só o discurso dos verde-amarelos conotava negativamente a cidade do Rio de Janeiro e os cariocas, mas também a vanguarda modernista paulista engrossava o coro. Mário de Andrade pode ser um bom exemplo. Em carta a Manuel Bandeira, ele relata sua experiência com o carnaval carioca de 1924. Em um primeiro momento, domina o choque, em meio a tanta vulgaridade:

“Tanta gritaria. Tanto, tantíssimo ridículo. Acreditei não suportar um dia a funçanata chula, bunda e tupinambá. Cafraria vilíssima, dissaborida. Última análise: ‘Estupidez’!”<sup>15</sup>

Com a observação mais atenta, entretanto, estas sensações são abandonadas e Mário percebe o sentido mais “puro” do carnaval carioca, rendendo-se ao encanto da festa, como o texto da epígrafe deste capítulo deixa claro.

É esta imagem atraente da cidade, intimamente ligada aos prazeres de uma atitude boêmia, que a Lapa passa a encarnar. Aglutinando este discurso que valora positivamente as peculiaridades do Rio, a Lapa representa a diversidade, o movimento e o cosmopolitismo:

---

“Constituíam o mundo eclético da Lapa, seus bares, seus cafés, suas pensões e conventilhos, seus ‘rendez-vous’, de rameiras disfarçadas em mocinhas de comércio ou colégios. Mais ainda: seus bilhares, farmácias, engraxates, vendas, açougues, quitandas e cutelarias... Lapa tornava-se um mostruário do mundo, com seus vícios e pecados e paixões, com suas virtudes, seus encantos e seus amores, vitrina de atrações de ligações efêmeras, de ciúmes e juras no balcão de chope e promessas irrealizáveis em cinco minutos de cama.”<sup>16</sup>

E até os paulistas, como Mário em relação ao carnaval, pareciam se render ao bairro. Esta atitude não passou despercebida aos olhos dos memorialistas, que em resposta às antigas críticas, não deixaram de formular observações valiosas, com muita ironia e certa dose de rancor:

“Lembro-me do nome de todos eles. Dos que freqüentaram a Lapa 95. Freqüentaram. Por lá moraram. Lá estiveram uma ou duas ou três vezes. Dos nomes mais expressivos daquela geração pobre e inquieta. Ribeiro Couto era a atração paulista. Iam vê-lo os que chegavam da província. Província sim. Não havia estrada de automóveis nem avião. Nem máquina a diesel. O transporte era exclusivamente a Central do Brasil, com a ‘Maria Fumaça’. Desengonçada e espalhando fumaça e poeira. São Paulo era muito longe do Rio de Janeiro. E como não havia também estações de rádio, intelectual paulista

---

era muito desconhecido na Capital da República. Quando o paulista chegava ao Rio fazia, mais ou menos, as mesmas coisas que faz um remoto provinciano de hoje. Trazia encomendas. Visitava os parentes. Jantava na casa de um e outro. Os intelectuais vinham ver Ribeiro Couto ou dar uma espiada no Scmidt. O Rui Ribeiro Couto e o Afonso Scmidt moravam na Lapa 95. Albertino Moreira. Valdomiro Silveira. Martins Fontes. Menotti del Picchia...”<sup>17</sup>

Os discursos sobre a Lapa nos anos 30 e 40 irão refletir com mais clareza as características particulares do bairro, tidas como tipicamente cariocas ( para o bem ou para o mal) desde os anos 20.

Um episódio que virou notícia estampada em primeira página do jornal carioca **A Noite** em 1938 reforça esta idéia. Com o título “O Primeiro Drama de Sangue do Ano”, a matéria relata uma briga, ocorrida no primeiro dia do ano, e que terminou em tragédia em um bar da Lapa. Os personagens envolvidos foram, segundo o jornal, um “silvícola” de Mato Grosso e um empregado do Cassino Balneário da Urca, ambos alcoolizados.<sup>18</sup>

É interessante notar que ao descrever o incidente o jornal procura enfatizar as origens do “silvícola” e sua transformação, que se dá a partir do momento em que passa a freqüentar o bairro da Lapa. Um caso típico em que o meio acabou moldando o indivíduo. Trazido para a cidade grande através da Comissão Rondon, o índio acaba por trabalhar, após várias peregrinações, como modelo vivo da Escola Nacional de Belas Artes, “adotando um nome cristão: passou a chamar-se Carlos de Oliveira Rios”.<sup>19</sup>

Moldando o caráter do antes incivilizado indígena, a cidade do Rio de Janeiro e, principalmente, a Lapa, incorporaram Oliveira Rios em seu cotidiano:

---

“No fim de pouco tempo, perdeu completamente sua obscuridade. Passou a freqüentar os bairros alegres da cidade, onde a boêmia dá ‘rendez-vous’ habitualmente. Fez nome ali. Criou fama, tornando-se valente e violento. Todos o temiam, porque, além do caráter mau, não procurou aproveitar da civilização o que de bom esta lhe oferecia. As más companhias transformaram-no, dentro de pouco, num malandro, como tantos outros (...) O antigo silvícola passou a preferir a Lapa. Vestia-se com certo apuro, adquirindo fama de valentão (...) Várias entradas nas delegacias centrais atestam seu passado de homem rixento e desordeiro.”<sup>20</sup>

O resultado é rápido: a face simples e pura do índio é abandonada para dar lugar à figura típica central da boêmia carioca: o malandro da Lapa. A idéia que o jornal deixa transparecer do bairro é a predominante naquele momento. A Lapa não é boa nem má (ou melhor, é boa ou má), mas na verdade é o local que permite a convivência de diferentes “tipos” cariocas, é o bairro aglutinador dos prazeres e emoções da cidade.

“Tem a Lapa um caráter próprio dada a freqüência de seus especiais **habitués**. Vive o tradicional bairro, por ocasião da passagem do ano, horas da mais intensa alegria. A agitação ali costuma ser formidável, enchendo-se os bares e os **cabarets** de uma freqüência irrequieta e barulhenta. Registrou-se na Lapa, na noite da passagem do ano, cenas violentas, inéditas algumas, pois os indivíduos que acorrem ao popular bairro, em busca de bebidas e diversões, são de toda espécie.”<sup>21</sup>

---

Outras descrições da Lapa nas décadas de 30 e 40 reforçaram estas imagens ambíguas do bairro. Luís Martins, no auge de sua juventude e morando na Lapa, escreveu o romance **O Lapa**, publicado em 1936.<sup>22</sup> No livro o bairro surge envolto em figuras que circulam entre os botequins, “pensões de amor barato”, cabarés, num relato da convivência cotidiana do autor com o local. Mulheres, bêbados, gigolos, fazem todos parte deste instantâneo da época.

“Quando os cabarés abriam, começava a vida dos rapazes pálidos, perdidos miseravelmente no sol anêmico das lâmpadas elétricas dos cafés. Eu freqüentava bares alemães, bebia chope, fumava que não acabava mais, esforçando-me heróicamente por não pensar, ruminando a minha amargura de ser só e ser inútil (...) Bairro triste e boêmio – Lapa dos meus amores foste muito tempo o cenário melancólico da minha vida. O viaduto dos Arcos parecia um grande gato sonolento. Mas era uma sombra enorme que se elevava na noite, o único belo monumento da minha cidade sem tradição e os vagabundos urinam irreverentemente em suas bases, porque não sabem (...) que a alma da cidade está enterrada ali.”<sup>23</sup>

Pela alegria da agitação noturna, ou pela melancolia dos solitários; graças à boêmia sadia, ou à malandragem violenta; como berço da tradição, ou palco da moderna vida mundana, a Lapa surge nestes textos de época como ponto de referência para a cidade do Rio de Janeiro.

Ainda na década de 30, são os paulistas que, mais uma vez, surgem para alertar do perigo bem próximo. Mário de Andrade, talvez esquecido dos excessos de aventura de folião em 24, ao ler **O Lapa**, escreve para Luís Martins chamando-lhe atenção para a vida exagerada, “vida do Rio”, que levava:

---

“Li **O Lapa** e a impressão que tive foi a de quando leio coisas de você; você vive demais e por isso vive um bocado de menos os seus livros. Sempre observei o excesso com que você se entregou a essa vida do Rio. Viva menos, companheiro, mas viva mais o que vive.”<sup>24</sup>

Condenados, como por Mário de Andrade, ou elogiados, como o fizeram os memorialistas do bairro, os excessos praticados por Luís Martins e por outros intelectuais que freqüentaram a Lapa tinham endereços certos. São esses caminhos boêmios que vamos agora percorrer.

---

### III-2- ROTEIRO DA LAPA BOÊMIA

“De Café em Café tirei diploma de Henry Murger”.

Mario Lago

Tentar reconstruir um roteiro das atrações da Lapa dos anos 30 significa pensar em sua vida noturna, embalada por um estilo boêmio. A Lapa é marcada, como já vimos, pela presença constante de jovens literatos. Mas é também um lugar conhecido por outros tipos humanos que vivem suas noites no bairro, dividindo os mesmos espaços.

São homens e mulheres que, trabalhando ou se divertindo, dão ao bairro um tom peculiar. Malandros, prostitutas, garçons, músicos, entre outros tipos ajudam a compor o quadro de um bairro que funciona como local de lazer, para uns, de trabalho, para outros, e de fuga ocasional da rotina para muitos. É a boêmia que une os diferentes grupos em um mesmo espaço.

Jerrold Seigel, através da obra **Paris Boêmia**,<sup>25</sup> traça um rico painel da história da boêmia na França durante o século XIX. O surgimento do termo e o momento em que passa a significar um estilo de vida; seus personagens ilustres (ou não) e o envolvimento destes nas transformações sociais de seu tempo, são algumas de suas preocupações. A definição de boêmia, por exemplo, interessa-nos em particular, complementando as reflexões feitas anteriormente a partir do trabalho de Michelle Perrot.

Ao conceituar boêmia, Seigel parte da dualidade boêmio/burguês. O estilo burguês apresenta-se como um aspecto recorrente da vida moderna, tal como o boêmio. Ambos surgem da mesma origem. Ao definir seus próprios contornos, a sociedade burguesa teria a seu lado uma contrapartida na construção do personagem boêmio:

“A boêmia não era um reino exterior à vida burguesa, mas a expressão de um conflito que surgiu bem no seu âmago. O progresso burguês reivindicava a dissolução das restrições

---

tradicionais ao desenvolvimento pessoal, a harmonia e a estabilidade requeriam que alguns limites novos e diferentes fossem erigidos em seu lugar. A Boêmia expandiu-se onde os limites da existência burguesa eram obscuros e incertos. Era um espaço dentro do qual energias recém-liberadas eram continuamente lançadas de encontro às barreiras que iam sendo construídas para contê-las, em que as margens e as fronteiras sociais eram provadas e testadas.”<sup>26</sup>

Seguindo os passos de Henry Murger, “o mais ilustre mapeador” da vida boêmia do século XIX, Seigel busca definir os personagens desta boêmia. Jovens e artistas, lutando pelo reconhecimento de seus talentos e contra a pobreza a que estavam fadados, compartilhavam um estilo de vida e, especialmente, um mesmo espaço, com os boêmios que estavam além da fronteira dos comportamentos classificados como normais ou legais. Para um artista francês dos anos de 1840, este grupo representava a boêmia por excelência:

“Por boêmios eu entendo aquela classe de indivíduos cuja existência é um problema, a condição social um mito, o destino um estigma, que não tem residência fixa, abrigo reconhecido, que estão localizados em parte nenhuma e que são encontrados em toda parte! Que não tem ocupação determinada e que exercem cinquenta profissões; cuja maioria se levanta pela manhã, prontos para viverem honestamente se puderem e de qualquer outra forma se não puderem.”<sup>27</sup>

---

A boêmia estaria então entre a ingenuidade e a criminalidade. Encarnava, portanto, a ambigüidade, o duplo, logo era perigosa. Artistas, jovens ou não, radicais políticos, visionários, excêntricos, pobres ou ocasionalmente pobres, os rejeitados por suas famílias, todos estariam vivendo baseados em uma existência marginal, que se opunha a admitir uma “identidade social estável e limitada”. O estilo de vida deste grupo acabaria por representar os “conflitos inerentes ao caráter burguês”. Ao apropriarem-se de um modo de viver marginal, dramatizam uma dualidade que tem como ponto de partida suas próprias identidades e destinos sociais. O contraste com o espírito burguês deve ser, assim, o mais marcante.<sup>28</sup>

As camadas urbanas pobres e marginalizadas acabam despertando seu fascínio, reforçado por seu cotidiano completamente peculiar:

“O submundo urbano atraía os de fora, ansiosos para explorar as possibilidades humanas que em nenhum outro local haviam emergido (...) A violência e a emoção forte eram parte de atração; aqui eram permitidos comportamentos que a respeitabilidade proibia.”<sup>29</sup>

A referência ao caso francês é interessante não apenas como paralelo para nossa reflexão, mas principalmente pelo fato de a boêmia francesa constituir-se no modelo a ser perseguido, ao menos para a jovem intelectualidade carioca. E no caso do Rio de Janeiro, a Lapa era o local onde os comportamentos fugiam às regras. Onde potencialmente estavam presentes os seres, atitudes e ambientes que compunha o quadro da vida boêmia.

Geograficamente falando, os limites da Lapa boêmia concentravam-se entre as ruas Teotônio Regadas, Moraes e Vale, os Arcos e a rua Conde Lage.<sup>30</sup> Mas, o roteiro da boêmia não tem seu mapeamento referido a logradouros e sim a casas noturnas.

Na Lapa das primeiras décadas do século, pontificavam os antigos “clubes” ou “cafés-cantantes”.

---

Ponto de referência para o encontro dos políticos de expressão nacional, que acabavam “enamorado de cantoras e dançarinas que bebiam champanhe”, eram freqüentados por uma clientela refinada. Os principais exemplares de estabelecimentos deste tipo eram o Palace, próximo à rua do Passeio, e o Alcazar, na rua Teotônio Regadas. Conferiam ao bairro uma fisionomia de “boêmia ilustre”.<sup>31</sup>

Os clubes foram cedendo lugar aos cabarés, que durante os anos 30, misturaram-se a um outro tipo de estabelecimento que marcaria profundamente os freqüentadores da Lapa: o chamado “bar alemão”. Música, garçonetes, comida alemã e muito chope, faziam parte desse ambiente. Em muitos deles, funcionando em sobrados, o andar superior era ocupado por um cabaré. Os bares e cabarés deste tipo mais concorridos eram o Túnel da Lapa, Danúbio Azul, Viena-Budapeste (durante a Segunda Guerra seu nome mudou para Casanova), Brasil, Novo Mundo, Apolo, Rex, Tabu, Royal Pigalle. Orquestras tocando de sambas a tangos eram encontradas em todos eles.

Todos os cabarés nesta época funcionavam com dançarinas. Porém, nem todos os freqüentadores tinham a mesma opinião a respeito de presença feminina nestes locais. Para alguns, as dançarinas eram deslumbrantes:

“Tinham uma freqüência cosmopolita, mulheres selecionadas, cheias de jóias, escolhidas a dedo. Pequenas distintas, ‘pensionistas’ das melhores casas da Joaquim Silva, notadamente a Imperial.”<sup>32</sup>

Para outros, as mesmas dançarinas eram “pobres coitadas”:

“As dançarinas, de modo algum, não eram beldades extraordinárias, nem modelos de desfiles de modas. Eram pobres moças que se defendiam como podiam, ganhando duramente a vida num trabalho exte-

---

nuante, que começava às 10 da noite e lá até às 3 ou 4 da madrugada. Muitas moravam longe e a esta hora tinham de esperar o bonde, chegando em casa quase dia claro.”<sup>33</sup>

Um outro personagem de destaque nos cabarés era o **cabaretier** que tinha como função receber os clientes e organizar a música ou show, tentando dar ao ambiente um ar de respeitabilidade.

“O cabaretier era sempre uma figura bastante pitoresca. Envergando um surrado smoking mesmo nas noites de calor mais forte, sua função era animar o ambiente, o que fazia quase sempre com o mais desolado desânimo. Quando a orquestra acabava de tocar um número de dança, punha-se no meio do salão com o ar entediado de quem cumpre uma obrigação aborrecida, batia três palminhas chôchas, cumprimentava o maestro (‘muito bem maestro’) e pedia bis. Dava a impressão de ser um burocrata que estava ali só contando o tempo de serviço, com o olho na aposentadoria.”<sup>34</sup>

Na verdade, estes cabarés eram descritos como sendo casas de diversão barata, com ambientes bem simples. Nem todos apresentavam shows, o que não implicava na redução da clientela, que era particularmente grande aos sábados. O cabaré Brasil era um exemplo de casa simples, que mantinha seu salão sempre cheio.<sup>35</sup> Porém, para os escritores, jornalistas e artistas, estas casas tinham uma outra função importante, além da de fornecer diversão barata. Lúcio Rangel destaca que os prostíbulos e cabarés da Lapa eram os espaços em que se comentavam os novos títulos e as figuras do meio literário.<sup>36</sup>

Embora os cabarés fossem o centro de atração, era o fascínio pelo “submundo” que

---

fazia da Lapa um local tão disputado. E o “submundo” caracterizava-se sobretudo por determinados tipos. As figuras humanas que davam vida ao bairro eram, para aqueles que vinham de fora, uma das grandes fascinações. Mais uma vez, é através de Luís Martins que chegamos a este tipo de curiosidade, quase voyerismo. Explicando o que o levava a freqüentar o bairro, afirma que a

“atmosfera humana me fascinava – e aí demorava horas, tomando cerveja ou outra bebida qualquer, entre notívagos, boêmios, malandros, marinheiros e mulheres.”<sup>37</sup>

Alguns letrados faziam questão de se diferenciar, afirmando que nestes cabarés e bares os malandros “não punham os pés. Malandro sabido ficava de fora, na jogatina, se defendendo.”<sup>38</sup> Mas, esta opinião é bastante duvidosa, pois tratava-se de um espaço naturalmente muito pouco segmentado.

Por outro lado, esses espaços de lazer eram bastante familiares aos malandros que freqüentavam a Lapa. Trabalhando como leões-de-chácara, ou apenas bebendo, encontravam-se facilmente nos bares e cabarés. Madame Satã, talvez o mais conhecido malandro da Lapa, registra em suas memórias as passagens corriqueiras por alguns locais muito concorridos, como o Casanova, o Capela e o Café Colosso.<sup>39</sup> Outro malandro, o Meia-Noite, morreu em uma briga no Cabaré Brasil, onde trabalhava como leão-de-chácara.

Retomando as análises de Seigel, a respeito da atração dos boêmios pelos mistérios de uma vida que é diametralmente oposta a sua, e que na verdade representa a negação de qualquer tipo de normatização, compreendemos melhor a sensação de nossa boêmia letrada frente à malandragem. Como no comentário de Luís Martins sobre o malandro Vila que, como ele, freqüentava um certo bar na Lapa: “o tipo me aterrorizava, mas ao mesmo tempo fascinava-me. Parecia um personagem de **basfond** (...).”<sup>40</sup>

---

Complementando o roteiro, poderíamos citar pontos bastante freqüentados e com uma presença bem específica. O café Bahia, na esquina de Mem de Sá com vista para os Arcos, era o ponto de encontro de compositores do primeiro time da música popular. Noel Rosa, Assis Valente, Kide Pepe, Germano Augusto, Wilson Batista, Geraldo Pereira, entre outros, estavam sempre no local.

Outros pontos de encontros, só que agora apenas do círculo intelectual, tornaram-se também famosos. Era o caso do ateliê de Cândido Portinari, na rua Teotônio Regadas, onde reuniam-se Manuel Bandeira, Jorge Amado, Mário de Andrade, Murilo Mendes, Marquês Rebelo, Henrique Pancetti, entre muitos outros. A residência do próprio Manuel Bandeira, na rua Morais e Vale ao lado do beco das Carmelitas, também tornou-se referência para este tipo de roda.

Além dos bares e cabarés, um outro tipo de estabelecimento encontrava-se no roteiro boêmio do bairro. As chamadas “pensões”, onde se concentrava o meretrício. Desde a primeira década do século, as ruas Morais e Vale, Joaquim Silva e Beco das Carmelitas, formavam o núcleo central da prostituição na Lapa. Durante a década de 30, as pensões continuaram a ocupar as ruas próximas às encostas do morro de Santa Tereza. Em alguns casos, como na Conde Lage, essas casas de meretrício ocupavam toda a extensão da rua. Em outras, como a Joaquim Silva, misturavam-se entre outras casas comerciais e oficinas.<sup>41</sup>

Mário Lago lembra em suas memórias da pompa da famosa “Pensão Imperial”, na rua Conde Lage:

“A imponência da casa determinava certas regras de comportamento. Os fregueses não iam entrando em arruaça, como se aquilo fosse casa de mãe Joana. Quem estivesse de cara cheia também não podia entrar, pois o portão se mantinha sempre fechado e por trás dele, defendendo o bom nome

---

da casa, estava o espanhol Manolo, cardápio minucioso e entusiasta das especialidades das alegres meninas, mais habilidosas do que as de qualquer outro lugar, palavra de honra.”<sup>42</sup>

A partir dos anos 30, por imposição da polícia, o meretrício é confinado às ruas Conde Lage, Taylor e parte da Joaquim Silva.

“(…) desta última rua desapareciam as ‘pensões chics’, casas fechadas, de categoria mais elevada. As francesas escasseavam, em virtude de medidas de restritivas impostas às atividades de Tralde des blanches”.<sup>43</sup>

As medidas policiais adotadas durante o Estado Novo levaram ao fechamento da grande maioria dos prostíbulos da Lapa. Como grandes atrações para os boêmios do bairro, o fim das pensões representou para muitos a perda da melhor parte da Lapa sedutora.

“Logo que o coronel Etchegoyen assumiu a Chefia de Polícia, acabou com a Lapa. Sua primeira medida foi combater o lenocínio. (...) a boêmia se dispersou.”<sup>44</sup>

Ao alterar a geografia, física e humana, da Lapa boêmia, a ação policial constituiu-se, segundo seus memorialistas, no marco visível e objetivo da decadência do bairro. Por isso mesmo, torna-se importante conhecer os discursos e práticas repressivas da polícia a respeito dos personagens e ambientes que fizeram da Lapa o coração da vida noturna carioca.

- 
- 1 Hobsbawn, Eric e Ranger, Terence (orgs.). *A Invenção das Tradições*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
  - 2 Damata, Gasparino, op. cit., p. 24.
  - 3 Idem, ibidem, p. 24.
  - 4 Velloso, Mônica Pimenta. “A ‘cidade-voyer’: o Rio de Janeiro visto pelos paulistas”. In *Revista Rio de Janeiro*. Nº 4. Niterói, UFF, dezembro de 1986. Da mesma autora, ver também “A brasilidade Verde-Amarela: nacionalismo e regionalismo político”. In *Estudos Históricos*. Nº 11. Rio de Janeiro, FGV, jan/jun. 1993.
  - 5 Idem, ibidem, pp. 56 e 57.
  - 6 Velloso, Mônica P., “A ‘cidade-voyer’...” op. cit., pp. 58 e 59.
  - 7 Idem, ibidem, p. 59.
  - 8 Idem, ibidem p. 63.
  - 9 Idem, ibidem, p. 63.
  - 10 Idem, ibidem, p. 62.
  - 11 Motta, Marly Silva da. *A Nação Faz Cem Anos: A Questão Nacional no Centenário da Independência*. Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, 1992.
  - 12 Lima Barreto, “Problema Vital”, citado por Motta, Marly S. da, op. cit., p. 101.
  - 13 Lima Barreto. “Futurismo”. In *Revista Careta*. Rio de Janeiro, 22/07/1922, citado por Motta, Marly S., op. cit., p. 102.
  - 14 Motta, Marly S. da, op. cit., p. 101.
  - 15 Mário de Andrade, *Cartas a Manuel Bandeira*. São Paulo, Ediouro, s.d., p. 47.
  - 16 Irajá, Hernani de, op. cit., p. 8.
  - 17 Deodato, Alberto, op. cit., pp. 16-17.
  - 18 *A Noite*, Rio de Janeiro, 02/02/1938.
  - 19 Idem, ibidem.
  - 20 Idem, ibidem.
  - 21 Idem, ibidem.
  - 22 Idem, ibidem.
  - 23 Idem, ibidem, pp. 174-175.
  - 24 Andrade, Mário. *71 Cartas de Mário de Andrade*. (coligidas e anotadas por Lígia Fernandes). Rio de Janeiro, Liv. São José, s.d., p. 124.
  - 25 Seigel, Jerrold. *Paris Boêmia: Cultura, Política e os Limites da Vida Burguesa. 1830/1930*. Porto Alegre, L&PM, 1992.
  - 26 Idem, ibidem, p. 19.
  - 27 Idem, ibidem, pp. 12-13.
  - 28 Idem, ibidem, p. 19.
  - 29 Idem, ibidem, p. 31.
  - 30 Lago, Mário. *Na Rolança do Tempo*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976, pp. 102-103.
  - 31 Martins, Luis, op. cit., p. 20 e Damata, Gasparino, op. cit., p. 23.
  - 32 Damata, Gasparino, op. cit., p. 25.
  - 33 Martins, Luis, op. cit., p. 103.
  - 34 Idem, ibidem, p. 104.
  - 35 Idem, ibidem, p. 101.
  - 36 Rangel, Lúcio. In Damata, Gasparino, op. cit., p. 76.

---

37 Martins, Luis, op. cit., p. 21.

38 Damata, Gasparino, op. cit., p. 25.

39 Madame Satã. Memórias de Madame Satã. ( Conforme Narração a Sylvan Paezzo). Rio de Janeiro, Lidador, 1972.

40 Martins, Luis, op. cit., p. 32.

41 Idem, ibidem, p. 141.

42 Lago, Mário, op. cit., p. 103.

43 Martins, Luis, op. cit., p. 44.

44 Holanda, Nestor, op. cit., p. 153.

---

## CAPÍTULO IV – PONDO FIM AOS EXCESSOS

---

“O flâneur, o dândi, o marginal (...) A sociedade tolera os dois primeiros, mas reprime o marginal, o filho da periferia que ameaça a segurança dos prósperos.”

M. Perrot

As palavras de Michelle Perrot são bastante pertinentes para iniciarmos uma análise da posição do Estado Novo em relação à malandragem e ao seu território de atuação, o bairro da Lapa. Esta postura torna-se clara quando tentamos entendê-la através da ação do braço repressivo da polícia. Se a censura, efetivada pelo DIP, reestruturou a produção cultural do país, a polícia, através de seus esquemas repressivos contra as populações marginais, parece ter sido ainda mais eficiente.

Anésio Frota Aguiar, delegado do 5º Distrito Policial em 1942, faz sua definição de Madame Satã, em relatório anexado a um dos processos do malandro. A forma como define Satã é emblemática do tratamento policial aos malandros.

“(...) João Francisco dos Santos, apesar de pederasta passivo é homem disposto, valente mesmo. Não é a primeira vez que resiste à prisão, opondo-se às determinações da polícia de ciência. A meu ver é um simples viciado que mercantilizou esse vício. É um ocioso. O seu Estado Civil, viúvo, é a melhor prova do acerto de minha observação. Tem atitude de homem viril.”<sup>1</sup>

Para Frota Aguiar, Madame Satã enquadra-se, por sua ociosidade, nas descrições de vadiagem formalizadas pela Lei das Contravenções Penais de 1941. Na verdade, possuía perfeitas condições para o trabalho honesto, mas não o queria realizar. Duplamente viciado, pois além de vadio era “pederasta passivo”.

---

O discurso do delegado Frota Aguiar, com seu tom “científico”, aponta para questões colocadas nas primeiras décadas republicanas, quando a legislação coercitiva contra a vadiagem foi palco de intensas discussões e a polícia se ocupou bastante em reprimir os vadios.<sup>2</sup> Se a caracterização do malandro não se dava apenas por sua condição de ocioso/vadio, esta associação malandragem/vadiagem era direta. Assim, uma análise mais detalhada das mudanças e continuidades nas formulações legais a respeito da vadiagem parece-nos, neste momento, bastante adequada.

Ao longo das décadas de 1890 a 1920, as definições da vadiagem foram constantemente discutidas. Novas conceituações surgiam, tomando como referência as formulações legais européias da segunda metade do século XIX. Os anos 30 e 40, porém, retomarão o debate, colocando novas questões. Neste aspecto, a obra do jurista Ari Franco é bastante elucidativa.<sup>3</sup> Publicado em 1930 e tendo como base as obras de Evaristo de Moraes e Alfredo Baltazar, datadas das primeiras décadas do século, o trabalho de Ari Franco reforça a preocupação com a vadiagem, que no seu entender é o “primeiro estágio da criminalidade”. A vadiagem constituiria ainda uma permanente ameaça à sociedade do trabalho e, conseqüentemente, uma ameaça à construção da nova nação então proposta. Logo, a sociedade, segundo Franco, deveria estar atenta às anomalias que a cercam:

“É fora de dúvida que à sociedade assiste o direito de impor aos seus membros o dever de trabalhar, não só para a sua conservação e bem-estar, como também para benefício de sua pátria.”<sup>4</sup>

No texto de Ari Franco, o trabalho é o elemento por excelência mantenedor da ordem social e regenerador do vadio: “(...) reside no trabalho o melhor meio para a reabilitação do delinqüente, e o mais seguro índice para avaliar-se sua regeneração”.<sup>5</sup> Também as preocupações ligadas à identificação e distinção da vadiagem, buscando classificá-la sistematicamente em diferentes tipos de vadios, estão presentes na obra do autor. Ao definir o vadio, Ari Franco não se afasta dos parâmetros então já clássicos:

---

“Vadio é o indivíduo maior, de qualquer sexo, que sem meio de subsistência, por fortuna própria ou profissão, arte ou ofício, ocupação legal e honesta, em que ganhe a vida, vagueie pela cidade em ociosidade.”<sup>6</sup>

Mas, a preocupação com as contravenções não se manifesta apenas em termos de uma continuidade com os dispositivos legais das décadas anteriores. As novas preocupações criminais e sociais dos anos 30 manifestam-se em uma reformulação do Código Penal, efetivada em 1940. Diferentemente do Código de 1890, que criou um capítulo a parte para as contravenções, este novo código cria, através de um Decreto-Lei de 1941, a Lei das Contravenções Penais.<sup>7</sup>

Quanto às classificações das contravenções penais, o Decreto-Lei de 1941 institui novas categorias, distribuídas em vários capítulos: “Das contravenções referentes ao patrimônio” (violação de lugar ou objeto, exploração da credulidade pública...); “Das contravenções referentes às pessoas” (porte de arma, anúncio de meio abortivo ou anticoncepcional, indevida custódia de doente mental...); Das contravenções referentes à incolumidade pública”( disparo de armas de fogo, direção perigosa, perturbação do trabalho ou sossego alheio...); “Das contravenções referentes à fé pública” ( recusa de moeda de curso legal, simulação de qualidade de funcionário público, uso ilegítimo de uniforme ou distintivo...); “Das contravenções relativas à organização do trabalho” ( exercício ilegal de profissão ou atividade, matrícula ou escrituração de indústria e profissão...); “Das contravenções referentes à administração pública” ( omissão de comunicação de crime, recusa de dados sobre a própria identidade...).

Quanto aos comportamentos mais visados pela tradicional repressão aos contraventores – como a vadiagem, o jogo do bicho, a mendicância, a importunação ofensiva ao pudor e a embriaguez – foram reunidos, junto a outros delitos, no capítulo “Das contravenções relativas à polícia de costumes”. A Delegacia de Costumes – uma das diferentes ramificações das delegacias auxiliares e distritais – seria a responsável direta pelo controle e repressão desses

---

comportamentos. Às delegacias de costumes cabia não só reprimir as contravenções, como também presidir os inquéritos. Por isso mesmo eram vistas como delegacias “de rua e de cartório”, nas palavras de um dos primeiros delegados de costumes.<sup>8</sup>

Especial atenção era dada por essas delegacias à prostituição, enquadrando normalmente as prostitutas no artigo 59 da Lei das Contravenções Penais – vadiagem. Neste artigo, a vadiagem era definida da seguinte forma:

“Entregar-se alguém habitualmente à ociosidade sendo válido para o trabalho, sem ter renda que lhe assegure meios bastantes de sobrevivência ou de prover a própria subsistência mediante ocupação ilícita.”

Como no Código de 1890, o Decreto-Lei de 1941 também faz questão de ressaltar que a criminalização do ócio aplica-se exclusivamente aos pobres. No parágrafo único do mesmo artigo, resguardando até mesmo o caso dos que saem da pobreza em meio à pena, institui a lei que: “A aquisição superveniente de renda, que assegure ao condenado meios bastante de subsistência, extingue a pena”.

A pena também não se altera substancialmente em relação à legislação anterior, sendo basicamente definida como prisão. E se cabia à polícia a repressão a este tipo de contravenção, vale a pena observar a organização policial com maior atenção.

Paralelamente, à reorganização da estrutura do Estado, as décadas de 30 e 40 vão assistir a significativas reformulações da polícia, o que não ocorria desde 1907, quando da última grande reforma policial.<sup>9</sup> Na década de 30, terá início um processo de centralização mais acentuado, com executivo federal aumentando o rigor no controle sobre a esfera policial. Já o primeiro chefe de polícia do Distrito Federal no pós-30, Batista Luzardo, promoveu uma reforma, classificada como “saneadora”, em que praticamente todo o quadro de delegados

---

auxiliares foi recomposto, tendo sido demitidos vários dos ocupantes anteriores desta função.<sup>10</sup>

Em 10 de janeiro de 1933, inicia-se uma nova série de reformulações na polícia. Através de decreto, mantém-se a polícia civil do Distrito Federal como administrativa e judiciária, permanecendo sob a superintendência do Ministério da Justiça e Negócios Interiores e sob a direção imediata de um chefe de polícia. O decreto extinguiu a 4<sup>a</sup> Delegacia Auxiliar, redistribuindo suas atribuições. Esta delegacia cuidava, desde os anos 20, dos processos de vadiagem, homicídio, meretrício, entre outros. Entre as novas delegacias criadas, destacava-se a Delegacia Especial de Segurança Política e Social, diretamente subordinada ao Chefe de Polícia, com uma ação mais especializada e controle centralizado.<sup>11</sup>

Apesar de manter-se até então em vigor o regulamento da polícia de 1907, a nova reorganização será completada por decreto de julho de 1934 – já na gestão de Fillinto Muller – quando se expede um novo regulamento. O decreto de 33 determinava que era função dos Delegados Distritais promover inquéritos para a apuração de crimes e contravenções. A estas delegacias cabia o trabalho de rua, de esquadrinhamento da cidade. Dez anos mais tarde, através de novo decreto, determina-se a federalização de direito da Polícia do Distrito Federal, transformada em Departamento Federal de Segurança Pública.<sup>12</sup>

Para fazer valer as novidades, os Chefes de Polícia recorriam constantemente a Portarias, que se tornaram mais freqüentes ao longo dos anos 30 e 40, com o intuito de agilizar e centralizar ainda mais o serviço policial. Em janeiro de 37, uma portaria expressava a preocupação com menores, para que não fossem deixados à vagabundagem habitual, com o objetivo de diminuir a vadiagem e criminalidade infantis. Criou-se assim o Serviço de Fiscalização e Repressão à Mendicância e Menores, em substituição ao Serviço de Repressão e Fiscalização à Mendicância.<sup>13</sup>

Mais explícita era a Portaria n° 9.199, de 15 de março de 1943, quando era chefe de polícia Alcides Etchegoyen:

---

“Recomendo aos senhores delegados distritais que, sem prejuízo da ação da Diretoria Geral de investigações, intensifiquem nas respectivas jurisdições a repressão contra os elementos vadios e desocupados, processando-os de acordo com o art.59 da Lei das Contravenções Penais.”<sup>14</sup>

Na gestão deste Chefe de Polícia, as preocupações “sociais” voltam a ocupar maior espaço frente às questões da “ordem política” e reforça-se a chamada por maior eficiência nos serviços de repressão à vadiagem, bem como ao porte de armas proibidas. O meretrício será ainda mais atingido, tornando-se corrente fechamento de “pensões” e “cabarés” não familiares.

No ano de 1945, regulamenta-se, através de nova portaria, a transferência para a Delegacia de Vigilância das atribuições até aquela época exercidas pela Delegacia de Costumes e Diversões (incluindo-se aí a repressão a contravenções).<sup>15</sup>

Mas a construção da imagem do vadio não passava apenas pelas determinações legais, fossem elas códigos, decretos ou portarias. Talvez tivessem maior importância as orientações, técnicas e práticas, passadas aos policiais e juízes, com o objetivo de padronizar as atitudes dos representantes da lei frente aos vadios. O próprio programa da Escola de Polícia do Distrito Federal – criada em 1912 e reformada na conjuntura em questão – continua, por exemplo, no curso de criminalística, os seguintes pontos:

“estudo da vadiagem, caracteres e aspectos da criminalidade carioca; história natural dos malfeitores e vagabundos; a “mala vita” carioca e os caracteres comuns a várias espécies parasitárias.”<sup>16</sup>

Especialistas de diversas áreas de trabalho também escreveram sobre o tema. Como o Dr.

---

Bourguy de Mendonça, que em 39 publicou **Aspectos Legais e Sociais do Problema da Vadiagem**.<sup>17</sup> Sendo Médico Legista do Instituto Médico Legal do Rio e docente da Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, chama a atenção, de um ponto de visto médico-policia, para a solução do problema da vadiagem – “fator importante para a profilaxia da criminalidade e, conseqüentemente, para os altos interesses da defesa social”.<sup>18</sup> Para tal, prescreve a readaptação dos vadios ao meio social, e destaca a importância da repressão “bem orientada” ligada a uma dupla finalidade, médica e social.

Reatualizando a classificação usual na virada do século, o Dr. Bourguy faz questão da distinção entre vadios “profissionais” (que não trabalham por opção) e “ocasionais” (desempregados temporários). Para os primeiros, recomenda a repressão e regeneração pelo trabalho. Já quanto aos segundos, caberia a assistência por parte do Estado. Atentando para a sua especialidade médica, apontava ainda a falta de conhecimento sobre os problemas físicos e mentais, que levariam muitos ao ócio por incapacidade.<sup>19</sup> É interessante notar que as pistas lançadas pelo autor para o entendimento destes problemas relacionam-se a questões de ordem biológica e de origem étnica-social, sendo utilizada como exemplo a predisposição ao ócio de grupos que não abandonaram um estágio primitivo ou nômade da evolução da humanidade. Judeus, ciganos e alguns boêmios são aí destacados.<sup>20</sup>

À preocupação com classificar, para por em prática a perseguição e a repressão aos tipos associados à vadiagem ou à malandragem, fizeram coro algumas publicações de iniciativa da própria polícia ou de alguns de seus agentes.

Em **Lições de Polícia Prática**, de Roland Pereira (então diretor do periódico **Gazeta Policial**), encontra-se um esforço para traduzir as classificações técnicas em recomendações práticas para o cotidiano do trabalho policial.<sup>21</sup> Neste esforço, o autor chega inclusive a caracterizar, do ponto de vista físico e comportamental, os tipos mais comuns de contraventores, exemplificados numa “galeria dos habitues das prisões”. Os tipos ali reunidos eram assim descritos:

“Eduardo Xisto: é um vigarista muito hábil. A

---

naturalidade com que esse malfeitor exerce a sua daninha ‘profissão’, deu-lhe foros de um autêntico az da malandragem.”<sup>22</sup>

A “daninha profissão” citada não tem definição clara. Mesmo assim, a nocividade da ação praticada, fosse qual fosse, era suficiente para fazer de Eduardo Xisto um malandro.

A reformulação da legislação e do próprio aparato policial atendia aos anseios de uma nova conjuntura. Nas preocupações da polícia, podemos perceber que, ao longo de todo o período do Primeiro Governo Vargas, a questão central era a da garantia da “ordem político-social”, através da repressão aos opositores do regime e aos considerados politicamente subversivos. Não deixa, porém de ser evidente e fundamental uma preocupação paralela com a “polícia de costumes”. A repressão à prostituição, às casas de lazer noturno e ao jogo são indicadores desta face da atividade policial.

Tal disposição repressiva incidia sobre a contravenção da vadiagem, reforçando a estratégia estatal de imposição de uma nova ética valorativa do trabalho, tomado como base da construção da nação e pré-requisito para o acesso à cidadania social e política. Tal ética do trabalho dependia da identificação de uma determinada figura positiva do trabalhador brasileiro. Mas, este projeto teria de confrontar-se com experiências alternativas de vivência do trabalho por parte dos populares em geral.<sup>23</sup>

Além do que, através da suspeição generalizada sobre os pobres, oriunda da repressão à vadiagem, era possível identificar mais precisamente os malandros, numa etapa decisiva para sua eliminação. Neste sentido são exemplares as considerações preliminares do Chefe de Polícia em 46, ao determinar que todas as delegacias passassem a prender e processar os vadios, caracterizados como origem de vários delitos:

“Considerando que as fontes de produção se vêm ressentindo, de algum tempo, da escassez do elemento humano necessário aos suprimentos

---

vitais da população, enquanto paradoxalmente se observa considerável aumento nas estatísticas dos indolentes; considerando que sendo o trabalho um dever social antes de ser uma prerrogativa do indivíduo, cumpre impedir a pernicioso influência do indivíduo, cumpre impedir a pernicioso influência da ociosidade no equilíbrio social...”<sup>24</sup>

Porém, os malandros não eram apenas vadios. Seu “estilo de vida” justificava o enquadramento nos mais diversos delitos criminais. Seria interessante destacar em que artigos da Lei das Contravenções Penais e do Código Penal costumavam ser autuados os malandros. Tal atitude definiria quais as penas a que estavam sujeitos e ainda como eram juridicamente caracterizados pela polícia.

Em processo iniciado em 1942, Madame Satã é acusado de agredir um policial ( um vigilante noturno), após denúncia feita pelo vizinho do apartamento em que morava na Lapa. O denunciante acusava o malandro de levar companheiros para o seu apartamento, prejudicando assim o “sossego e a moral da casa”. Após a recusa em render-se ao policial, Madame Satã, além de agredir o acusador, também entrou em conflito com o reforço policial que apareceu no local logo em seguida ao incidente. O “cavalheiro” que acompanhara Satã até seu quarto, ao ser interrogado, informou que havia pensado tratar-se de uma mulher, já que estava fantasiado de baiana. No processo que se seguiu a sua prisão, Madame Satã foi enquadrado nos artigos 129 (lesão corporal) e 329 (opor-se à execução de ato legal mediante violência) do Código Penal e recolhido à penitenciária do Distrito Federal.<sup>25</sup>

Alegações similares aparecem em outro processo, no qual Satã é condenado pelo artigo 180, parágrafo 1, do Código Penal (receptação), no ano de 1952. O delito fora cometido em setembro de 1949. Neste processo, Madame Satã é acusado de ter aplicado o golpe do “suadouro” nos clientes de um de seus amigos. Nomeado no processo João Francisco dos Santos, ou João Braz da Silva, Satã é caracterizado, já no relatório do Delegado Castelo Branco,

---

da 5<sup>a</sup> Delegacia de Polícia, como um criminoso dos mais perigosos:

“Parece, todavia, que tais indivíduos são inteiramente dominados por “Madame Satã” que apesar de pederasta também é um indivíduo de físico robusto, dado a valentias e que já respondeu a inúmeros processos, tendo sido condenado algumas vezes e registrando um sem número de prisões por agressão, resistência e furto.”<sup>26</sup>

A opção homossexual, citada como um “apesar de pederasta”, aparece como um agravante na definição do caráter criminoso do estilo de vida do malandro. Em relatório da vida pregressa de Madame Satã, o comissário Augusto Barreiro, da mesma 5<sup>a</sup> D.P, enfatizava o mesmo ponto, já em 1949:

“(…) brasileiro, mestiço, de 46 anos de idade. Não convive ele com parentes e só frequenta meios constituídos de elementos de péssima espécie, ladrões e pederastas passivos, o que também ele o é. Ufana-se de possuir economias, mas como não usufrue proventos de trabalho digno, só podem ser essas economias produtos de atos repulsivos ou criminosos. Criminoso contumaz, cínico e discimulado por índole, fácil lhe é representar a atitude que na ocasião melhor lhe convém; assim a sua atitude e estado de ânimo antes e depois do crime de que é acusado. A mesma de sempre. Conforme a sua folha de antecedentes criminais já respondeu ele a muitos processos, podendo ainda esclarecer que o mesmo já esteve detido 13 vezes

---

para averiguações, uma por desordem, uma por furto, seis por pederastia passiva e uma por vadiagem. Enfim, Madame Satã é um indivíduo de temperamento calculado e mesmo propenso ao crime. Um invertido, por todas as razões inteiramente nocivo à sociedade.”<sup>27</sup>

Homossexual, negro, sem nenhum laço familiar, são adjetivos que se acumulam para caracterizar uma “propensão” ao crime. E aos mais variados crimes, pois nos processos e fichas de antecedentes analisadas, percebe-se que Satã foi enquadrado nos mais diversos artigos do Código Penal, respondendo processos por lesão corporal, resistência à prisão, desacato, vadiagem, furto, entre outros.

Outros malandros podem ser tomados como exemplos do tipo de problemas que usualmente tinham com a polícia. É o caso de Otávio José Pinto, o conhecido “Meia-Noite”, malandro temido que atuava na Lapa durante os anos 30. Definido nas fichas policiais como “branco, sabendo ler e escrever, chauffeur, casado”, possuía em 1932, com apenas 21 anos, um razoável número de enquadramentos em sua ficha de antecedentes do Gabinete de Identificação e Estatística. Em 1925, artigo 303 (ofensas físicas) e outra pelo 399 (vadiagem); com nova entrada em 1932, por ofensas físicas.<sup>28</sup>

Citemos ainda o caso de Joaquim Marques de Oliveira, o “Leão Coiceiro”, que em 1934 foi processado por vadiagem. Em seu processo consta, após as averiguações, a seguinte caracterização:

“(…) vadio contumaz e ladrão ‘coiceiro’ incorrigível; que pode afirmar não ter o acusado presente profissão, arte, ofício ou ocupação em que ganhe a vida honestamente; que o acusado tira o necessário para a sua subsistência do furto denominado ‘coice’, em que o acusado é perito.”<sup>29</sup>

---

Em sua qualificação, aparece o endereço – Beco das Carmelitas – e atesta-se que é alfabetizado. O acusado contestou a acusação de vadiagem, afirmando-se chauffeur, sendo ao fim do processo absolvido, com a seguinte conclusão:

“Tem antecedentes, mas exerce profissão honesta. Surpreendente é a inspetoria de tráfego permitir que exerça esta profissão. Mas se exerce não é vadio.”<sup>30</sup>

Provar uma ocupação não era tão difícil assim para esses malandros, o que dificultava seu enquadramento como vadios, fazendo com que a polícia buscasse caracterizar outras infrações penais. Da ficha do mesmo “Leão Coiceiro”, constavam até 1935 prisões pelos mais diversos motivos: lesão corporal, ofensas físicas, furto, estelionato, além da vadiagem.

Uma outra forma de prisão acionada pela polícia contra os malandros era a chamada “ordem pública” ou “segurança pública”. O delegado Frota Aguiar esclarece que, durante a sua gestão como delegado de vigilância, usou corriqueiramente deste recurso:

“Antigamente (...) as autoridades podiam prender, por motivo de segurança pública, esse pessoal que se classificava como malandro. E perto do carnaval, a gente fazia uma limpeza neles e mandava para a Ilha Grande.”<sup>31</sup>

A associação entre reprimir o ócio e “limpar a cidade” era bastante antiga, mas os governos do pós-30 pareciam bastante interessados em reatualizá-la. Batista Luzardo, em entrevista publicada na **Gazeta Policial** no ano de 1931, na condição de Chefe de Polícia do Distrito Federal, deixava claras as intenções do Estado em relação à vadiagem. Segundo Luzardo, para aqueles considerados vagabundos viciados só haveria um caminho, a Colônia Correccional de Dois Rios (Ilha Grande), que abrigaria os vadios com delitos primários. Para os

---

reincidentes, o caminho seria a Ilha de Fernando de Noronha, na expectativa de que esta passasse ao controle do Ministério da Justiça.<sup>32</sup>

Entretanto, limpar a cidade não significava apenas recolher seus vagabundos. No que diz respeito à Lapa, a repressão policial de fins dos anos 30 e início dos anos 40 atinge o bairro, não só por intensificar a caça aos malandros, mas também por visar as atividades e ambientes que lhe garantiam alta frequência. Neste sentido, as prostitutas, as “pensões” e os cabarés eram os alvos mais enfatizados. Estas casas noturnas eram o maior chamariz da Lapa, o que de mais atraente tinha a oferecer, com a animação das músicas, bebidas e, principalmente, mulheres. Acabar com os prostíbulos era, em grande parte, acabar com a Lapa.

A campanha contra o meretrício era bastante antiga e a polícia sempre teve papel de destaque nas discussões sobre o assunto.<sup>33</sup> Nos anos 30, solidificava-se a visão da prostituição como “um mal necessário”, cabendo às autoridades zelar:

“(…) pelo decoro público, erguendo barragens à onda dissoluta, que envolve os bons costumes. Reprimindo os trotoirs de mundanas que se mercadejam pelas avenidas as autoridades prestam à sociedade um serviço inestimável.”<sup>34</sup>

A polícia deveria ter como prática criar barreiras para que o meretrício não se infiltrasse nos bairros familiares. O artigo já pregava a interdição de “casas suspeitas”, junto é claro da aplicação do Código Penal aos exploradores do lenocínio e a repressão a “decaídas de bom tom”, para que não fossem pelas ruas “a ombrear com gente honesta”. Logo, a necessidade de zelar o meretrício é apresentada como urgente (como já o fora em vários outros momentos) e uma solução aventada é o enclausuramento da prostituição na Vila Proletária de Mal.Hermes.<sup>35</sup>

Em “Os Malefícios dos dancings”, outro artigo do mesmo periódico, conclamava-se a polícia para sistematizar a campanha, ainda bastante esporádica, contra os dancings. Além de

---

levar jovens moças para uma “profissão coreográfica que é, apenas, o meio de que usam os desencaminhadores para conseguirem os seus torpes fins”, os dancings também são acusados de sujar o centro elegante da cidade. Logo, fazia-se necessária uma campanha enérgica da polícia para o seu fechamento. “Caminho mais curto para a degradação”, os dancings eram, além de tudo, freqüentados por elementos da “pior espécie”.<sup>36</sup>

Sete anos mais tarde, já em 1938, com o título de “Os dancings são um caso de polícia”, um outro artigo, desta feita no jornal **A Notícia**, preocupa-se em traçar um panorama da vida nestas casas noturnas:

“Ocupam na vida noturna da cidade um lugar à parte, bastante destacado. É ali que começam geralmente romances boêmios, cujo desfecho, quase sempre, vem a se resumir numa dose de tóxico, uma lavagem estomacal na Assistência e, em seguida, uma reconciliação. Por vezes, essas coisas terminam em sangue. O cadastro policial aponta já algumas dezenas de desfechos rumorosos e tristes para os freqüentadores de um e outro sexo do ‘Avenida’ do ‘Milton’ ou do ‘Carioca’.”<sup>37</sup>

Ainda segundo o artigo os dancings não passariam de “antros de exploração”, onde através de um esquema para dança, cada freqüentador possuía um cartão numerado, picotado a cada contra-dança. Em alguns lugares esta prática tornava-se para os freqüentadores, a “busca de uma conquista fácil, de uma aventura galante, algo de diferente no que eles tem em comum como insípida e rotineira vida da ‘cidade maravilhosa’”.<sup>38</sup>

Os dancings eram um caso de polícia não só por serem considerados “antros de exploração”, ou locais de brigas passionais, mas também pela presença constante dos chamados

---

“Leões-de-Chácara”, uma atividade que, como vimos, era costume atribuir aos malandros.

“Essa é a turma de ‘vigilância’ da casa. Sobras dos antigos clubs de jogatina da Lapa (...), à porta ou dentro das quais ficaram várias vidas ceifadas pelas balas. Hoje, os indivíduos de olhares turvos e modos valentões, são os que tem a seu cargo a polícia, por casos de sangue. E ali, a um simples gesto do ‘diretor da escola’, não se demoram a atirar pelas escadas abaixo, aos bofetões e trancos, qualquer dos freqüentadores cuja permanência não convenha, por causas várias.”<sup>39</sup>

Fechar os concorridos dancings ou cabarés da Lapa era acabar, segundo a ótica policial, encampada por este jornal, com locais associados principalmente à prostituição de “infelizes raparigas” e a “pontos de exploração de incautos, centros de reunião de moças bonitas sem profissão honesta”.<sup>40</sup>

A campanha contra as atividades noturnas no bairro da Lapa, empreendida principalmente pela Polícia de Costumes, toma corpo em princípios dos anos 40. Hernani Irajá, tratando das mulheres que trabalhavam no bairro, destacava um marco institucional da repressão à prostituição, de resto associado à própria decadência do bairro:

“Depois da Lei Etchegoyen, que enchotou as ‘mariposas’ de todos os lados, tentativa de um forçado ‘estado de maculada santidade’ que a polícia tentava satisfazer de maneira mais ou menos legal (...)”<sup>41</sup>

O declínio da Lapa como local de lazer boêmio poderia ter muitas razões, mas

---

aprofundava-se à medida em que tornavam-se mais intensos os fechamentos de prostíbulo e a perseguição às prostitutas. O marco de Hernani Irajá, refere-se ao período posterior a 42, quando, conforme comentamos, assume a chefia de polícia Alcides Etchegoyen, em substituição a Fillinto Muller, baixando portarias que não deixavam margem para dúvidas quanto às intenções policiais, como a de 5 de novembro de 1942, que determinava:

- “a) combate aos proxenetas, cáftens ou rufiões;
- b) ação enérgica para o fechamento de todas as casas de ‘rendez-vous’, de quartos a hora, hotéis, hospedarias e quaisquer outros lugares destinados à prostituição e a encontros sexuais fortuitos (...)
- c) fechamento das casas de pensão exploradoras do meretrício, no prazo de 30 dias a contar desta data, e a partir da qual devem ser lavrados os flagrantes (...)
- f) vigilância e ação constantes, nos lugares públicos (...) nos casos de ofensa ao pudor.”<sup>42</sup>

A ação policial é decisiva para a desestruturação dos elos que mantinham a noite da Lapa boêmia. Os relatos da intelectualidade que freqüentou a Lapa, preocupada em qualificar positivamente o bairro, tenderam a minimizar o papel do malandro. Já a polícia, na intenção de reprimi-lo, transformou-o em ícone da desordem urbana. Os próprios malandros, praticamente não deixaram registro de suas experiências. Por isso mesmo, o pouco que restou da sua voz, adquire uma importância especial.

- 
- 1 Processo Criminal contra João Francisco dos Santos (Madame Satã). 1942. Arquivo Nacional (AN), Caixa 739, N° 265/46.
  - 2 Sobre as discussões jurídicas e a repressão policial às contravenções no início do século, ver Mattos, Marcelo Badaró. *Vadios, Jogadores, Mendigos e Bêbados no Rio de Janeiro do Início do Século*. Niterói, UFF, 1991. (Dissertação de Mestrado)
  - 3 Franco, Ari Azevedo. *Aspectos Legais e Sociais da Contravenção da Vadiagem*. Rio de Janeiro, Alba, 1930.
  - 4 Idem, *ibidem*, p. 9.
  - 5 Idem, *ibidem*, p. 35.
  - 6 Idem, *ibidem*, p. 53.
  - 7 O Código Penal foi aprovado pelo Decreto-Lei N°2.848 de 7 de dezembro de 1940. Já a Lei das Contravenções Penais viria a ser aprovada através do Decreto-Lei N° 3.688 de 3 de outubro de 1941.
  - 8 Segundo Anésio Frota Aguiar, policial carioca que nos anos 30 e 40 comandou várias delegacias cariocas, entre as quais a Delegacia de Costumes. Entrevista realizada por Muza Clara Velasques e Beatriz Kushinir, entre 13 e 19 de dezembro de 1989.
  - 9 Sobre a organização policial no início do século, ver Bretãs, Marcos Luis. *A Guerra das Ruas. Povo e Polícia na Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, IUPERJ, 1988. (Dissertação de Mestrado)
  - 10 Sobre esta e as reformas seguintes na organização policial, ver Alonso, Annibal Martins. *Organização Policial. História, Legislação, Administração*. Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1959.
  - 11 Idem, *ibidem*, pp. 43 e 44. Para uma análise acadêmica da polícia no primeiro governo Vargas, ver Canceli, Elizabeth. *O Mundo da Violência. A Polícia da Era Vargas*. Brasília, Edunb, 1993.
  - 12 Alonso, Aníbal, *op. cit.*, pp. 50-54.
  - 13 Portaria n° 2.892, de 18 de janeiro de 1937. Conforme publicado em Ministério da Justiça e Negócios Interiores. *Portarias do Chefe de Polícia (Janeiro de 1937 a maio de 1949)*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949, pp. 5 e 6.
  - 14 Idem, *ibidem*, p. 151.
  - 15 Idem, *ibidem*, p. 210.
  - 16 Alonso, Annibal M., *op. cit.*, p. 52.
  - 17 Mendonça, Burguy. *Aspectos Legais e Sociais do Problema da Vadiagem*. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1939.
  - 18 Idem, *ibidem*, p. 3.
  - 19 Idem, *ibidem*, p. 5.
  - 20 Idem, *ibidem*, p. 6.
  - 21 Pedreira, Rolando. *Lições de Polícia Prática*. Rio de Janeiro, Gazeta Policial, 1935.
  - 22 Idem, *ibidem*, p. 2 (anexo).
  - 23 Sobre a “construção do novo trabalhador brasileiro”, ver Gomes, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. São Paulo, Vértice/Iuperj, 1988, especialmente pp. 257 e ss.
  - 24 Portaria N° 5.272 de 11 de novembro de 1946. In *Portarias do Chefe de Polícia...*, *op. cit.*
  - 25 Processo Criminal contra João Francisco dos Santos, *op. cit.*
  - 26 Processo Criminal contra João Francisco dos Santos e Wantuir Gonçalves de Oliveira. 1952 (ano da apelação). AN, Caixa 979, N° 481/51.
  - 27 Idem, *ibidem*.
  - 28 Processo Criminal contra Octávio José Pinto. 1932. NA
  - 29 Processo Criminal contra Joaquim Marques de Oliveira, vulgo “Leão Coiceiro”. 1934. AN
  - 30 Idem, *ibidem*.
  - 31 Anésio Frota Aguiar, entrevista citada.

---

32 Gazeta Policial. Rio de Janeiro, 16/01/31.

33 Para uma visão sobre as primeiras incursões policiais sobre a questão do meretrício, ver Soares, Luis Carlos. Rameiras, Ilhoas, Polacas... A Prostituição no Rio de Janeiro do Século XIX. São Paulo, Ática, 1992.

34 Gazeta Policial. Rio de Janeiro, 01/01/31, p. 12.

35 Idem, ibidem, p. 13.

36 Gazeta Policial. Rio de Janeiro, 01/04/31. Ver também o artigo "Os Dancings", no mesmo periódico em 16/08/31.

37 A Notícia. Rio de Janeiro, 23/11/38, p. 1.

38 Idem, ibidem, p. 1.

39 Idem, ibidem, p. 1.

40 Idem, ibidem, p. 1.

41 Irajá, Hernani, op. cit., p.

42 Portarias do Chefe de Polícia..., op. cit, p. 131.

---

CAPÍTULO V – OS SONS QUE VÊM DA LAPA

“Deus dá o frio conforme a roupa (...) Deus disse: faz por onde que eu te ajudo. Mas Deus não me ajudou porque ele sabe que se me ajudasse eu vendia o mundo com o dinheiro dele.”

“Enquanto eu for vivo a Lapa não morrerá.”

Madame Satã

No ensaio “Na França da Belle Époque, os ‘Apaches’, primeiros bandos de jovens”, Michelle Perrot faz um estudo sobre os jovens do início do século na França que passam a ser designados como vadios urbanos, já que cometiam diversos delitos condenados pela sociedade.<sup>1</sup> Embora os malandros fossem diferentes em muitos pontos dos ‘apaches’ descritos por Perrot, havia entre estes dois grupos similaridades interessantes para as questões que aqui queremos levantar. Excluídos, vivendo à margem da sociedade pelo padrão de conduta desviante aos olhos da ordem legal, os apaches eram, entretanto, figuras tipicamente ligadas à grande cidade, mais especificamente à periferia, aos bairros populares. Reconhecidos pela violência de suas ações, marcaram época principalmente por atuar em grandes grupos, solidificando uma oposição clara à disciplina industrial que tomava a França neste período, pela recusa ao trabalho. Embora de origem pobre, buscavam neste período, pela recusa ao trabalho. Embora de origem pobre, buscavam projetar-se pela aparência, andando sempre bem vestidos. Como elementos que viviam à margem da sociedade, construíram: “uma micro-sociedade com sua geografia, sua hierarquia, sua linguagem, seu código. Eles reivindicam abertamente o direito à diferença e retomam por conta própria a tradição dos submundos. Eles desfiam o ‘jarre’, a gíria (...) Eles se dão apelidos, como outrora os ladrões ou os compagnons (...) Gostam de tatuagens, como os criminosos empedernidos ou a fidalguia londrina...”<sup>2</sup>

As distâncias entre os “apaches”, descritos por Perrot, e os malandros cariocas são muito grandes. Porém, a origem ligada aos bairros pobres da periferia dos grandes centros, a recusa do trabalho, a busca de gestos, falares e trajes que representassem distinção e também as atividades

---

de delinqüência frente aos padrões legais de comportamento, aproximam estes dois grupos, tornando úteis para nós os comentários de Michelle Perrot sobre a natureza da “micro-sociedade” gestada por esses indivíduos.

Uma dificuldade porém impede uma aproximação maior com a vivência dos malandros: a predominância de relatos “externos” sobre a malandragem. As narrativas sobre a malandragem da Lapa dos anos 30 e 40 raramente ultrapassam as fronteiras dos textos literários e dos sambas. É bem verdade que, estando fora das regras de conduta da sociedade do trabalho, o malandro é a todo momento objeto da repressão, produzindo-se, por parte das autoridades policiais e judiciárias, registros de suas manifestações. Mas, são registros preocupados apenas com a caracterização da delinqüência e, embora possam revelar muito mais do que seus objetivos explícitos, não dão voz diretamente aos malandros. Uma rara exceção é a de Madame Satã, hoje um dos poucos a ter legado depoimentos pessoais sobre sua trajetória malandra.

Madame Satã personificou as várias características da imagem típica do malandro e, hoje, falar do bairro da Lapa é quase sempre falar de Madame Satã. Sua figura, conhecida e temida, buscou formas de sobrevivência diametralmente opostas àquelas impostas pela sociedade do trabalho. Longe do trabalho, encontrava-se próximo de práticas reconhecidas como criminosas aos olhos das autoridades policiais e da sociedade em geral. Além do mais, vivia de forma duplamente marginal, pois assumia-se não só como malandro, mas também como homossexual.

Antes de sua morte e após passar, entre idas e vindas, mais de 27 anos em reclusão – a maior parte deste tempo na Casa de Correção da Ilha Grande – Madame Satã concedeu uma série de entrevistas em diversos jornais e revistas e produziu uma auto-biografia.<sup>3</sup> Nos relatos, percebe-se que o bairro da Lapa sempre esteve vinculado a sua trajetória, desde sua chegada ainda garoto de Pernambuco, em 1907, ano em que passou a morar na Rua Moraes e Vale nº27, próximo ao Largo. Mais tarde, instalou-se na Rua do Lavradio, nº171 tendo residido também na Rua Joaquim Silva, nº1. Mas, a Lapa foi mais que um endereço para Satã. Foi o palco de suas

---

aventuras e desventuras. O malandro e seu cenário mantinham uma relação sentimental das mais fortes:

“Amava a minha Lapa querida. Parecia que ela estava dentro da minha pele. Foi lá que eu bati para matar e apanhei para morrer. Lá aconteceu tudo de ruim. Mas também saiu de lá todo o amor que me deram.”<sup>4</sup>

Sua história poderia ter sido como a de qualquer outro indivíduo pobre que chega, ainda criança, à capital, com a esperança de uma vida melhor. Na infância, miserável e marcada pela vida na rua, tentou sobreviver através de trabalhos reconhecidos. Trabalhou como vendedor ambulante de uma fábrica de alumínio e, aos dezoito anos, foi garçom de uma pensão na rua da Lapa, que segundo o próprio Satã era uma das maiores casas de tolerância do país, com cerca de 40 mulheres. Ainda jovem, tornou-se ajudante de cozinheiro em uma pensão familiar no Catete, ofício que mais tarde exerceria nas detenções no Presídio da Ilha Grande.

Posteriormente, trabalhou como travesti sambista no Teatro Casa de Sapê da Casa do Caboclo, na peça Tiradentes. Segundo o próprio Madame:

“Queria ser artista porque artista era profissional e boêmio e eu (...) era boêmio e queria uma profissão certa que (...) permitisse viver em paz comigo e com os outros. E o teatro era o caminho”.<sup>5</sup>

Para Madame Satã, como para qualquer homem negro, pobre e desempregado na cidade do Rio de Janeiro de então, “viver em paz com os outros” significava estar livre das perseguições policiais. Um emprego era a melhor passagem para a fuga do signo da vadiagem. Trabalhar no teatro significaria também deixar de lado um pouco da vida do passado. É novamente na relação com o bairro da Lapa que a diferença entre o estigma da delinqüência e a vida “normal” se expressava.

---

“(...) depois de virar artista conhecido pelo público e pela crítica eu não ia abandonar o meu bairro. Mas ia chegar diferente por aqui. Por exemplo, quando aparecesse uma bicha ou uma mulher ou um malandro qualquer gritando se mandem companheiros que a polícia chegou, eu não ia me mandar coisa nenhuma. Eu seria um cidadão com emprego que se divertia na noite da Lapa.”<sup>6</sup>

Mas, o sonho de ser artista não se concretizou, e o estigma da malandragem o perseguiu. Viver na Lapa e desafiar a polícia eram em si razões suficientes para qualificá-lo negativamente. Em seus relatos, Madame Satã dá algumas indicações de que além da vida dura no bairro da Lapa e das dificuldades na luta pela sobrevivência, foi a perseguição indiscriminada da polícia que o levou enfim a assumir-se como malandro.

“E o ambiente da Lapa era esse mesmo. Nem todo mundo gostava de paz e trabalho. E provocavam e a gente apanhava ou apanhava e batia. E eu preferia a segunda hipótese. E não tinha medo e por isso enfrentava e cada vez levava mais vantagem (...) Mas não era malandro. Isso no entanto não importava muito pros policiais. Quando davam uma batida na Lapa e levavam quem encontravam, eu e outros éramos tratados como malandros.”<sup>7</sup>

O convívio com alguns notáveis malandros também ajudou a trajetória rumo à notoriedade de Satã. Primeiro foi conhecido como Caranguejo da Praia das Virtudes e, após ter ganho o primeiro prêmio em um concurso de fantasias durante o carnaval de 1938, foi apelidado pelo Delegado Dulcídio Gonçalves de Madame Satã. Com o tempo, Madame Satã foi se

---

“formando na malandragem”. O verdadeiro malandro, segundo Satã, tinha de ser muito valente para ser respeitado pelos outros.

“Malandro naquele tempo não queria dizer exatamente o que quer dizer hoje. Malandro era quem acompanhava as serenatas e freqüentava os botequins e cabarés e não corria de briga, mesmo quando era contra a polícia. E não entregava o outro. E respeitava o outro e cada um usava a sua navalha, cuja melhor era a sueca que custava 1.500 réis. Apelido de navalha era pastorinha.”<sup>8</sup>

Portanto, o malandro de verdade era aquele que impunha respeito e medo. Tinha que ser considerado perigoso e seus atos de valentia deviam ser públicos, principalmente quando desafiavam a autoridade policial. Para quem queria fama de valente, ao mesmo tempo em que a polícia era o inimigo número um do ambiente lapeano e das práticas malandras, poderia ser também um reforço a sua postura:

“Minha fama de malandro formado aumentou muito já que eu havia encarado os dois como valente verdadeiro e ambos os irmãos eram policiais. Porque malandro que encara policial sem medo tinha o prestígio da sua pessoa aumentado.”<sup>9</sup>

Esta estratégia garantia espaço entre os iguais, ou seja, assim não se corria tanto risco com o desafio de nenhum outro malandro. “Porque o respeito que havia entre malandros era uma coisa que não queria dizer amizade (...) não podia confiar.”<sup>10</sup>

Este respeito conquistado à força era fundamental para viver na noite boêmia da Lapa e, através dela, sobreviver – ao contrário dos intelectuais que ali apenas alimentavam seus “espíritos”. Como malandro, Madame Satã realizou uma das tarefas mais comuns para garantir

---

a sobrevivência a seu modo na noite da Lapa, sendo Leão-de-chácara de alguns cabarés do bairro.

Contudo, manter a fama de malandro não era apenas impor respeito pela força física. A aparência também era fundamental. Satã não fugiu aos estereótipos construídos em torno da imagem do malandro. Em sua descrição de um autêntico malandro, ressalta o apurmo com que se vestia: “Vestia uma camisa de seda estrangeira de 3.000 réis e calças almofadadas de 3.500 e chinelo cara de gato de 2.000. O fino da moda.”<sup>11</sup>

Valente, boêmio, vivendo de práticas criminalizadas, além de diferente no trajar, falar e gesticular, o malandro criava em seu território – e a Lapa era este espaço por excelência – uma espécie de lugar da desordem na cidade. Um “segundo mundo e uma segunda vida”, na expressão de Bakhtin, cunhada para tratar do espaço da cultura popular na Idade Média e Renascimento.<sup>12</sup> De certa forma, a Lapa noturna e malandra estampa as manifestações de inversão e liberação de que trata Bakhtin ao retratar o embate entre a cultura popular e a cultura oficial no momento festivo do carnaval:

“(…) ao contrário da festa oficial, o carnaval era o tempo de uma espécie de liberação temporária da verdade dominante e do regime vigente, de abolição provisória de todas as relações hierárquicas, privilégios, regras e tabus.”<sup>13</sup>

Isto não significa que as relações hierárquicas e as regras não existissem na Lapa dos malandros, mas sim que elas surgiam completamente invertidas se percebermos que o malandro - contumaz desordeiro para a polícia – passa a ser um emblema da ordem através de seu trabalho como leão-de-chácara. É uma ordem às avessas, onde o jogo proibido é permitido e as mulheres – simbolicamente tratadas como a “boa mãe” e a “rainha do lar” – vivem outros papéis, podendo freqüentemente assumir posições de poder como cafetinas e donas de prostíbulos. Naquele espaço diluem-se as hierarquias, dada a convivência “democrática” de diferentes camadas sociais, freqüentando os mesmos ambientes – bares, cafés, prostíbulos – e praticando as mesmas atividades.

---

Mas, este convívio “democrático” não era irrestrito. Em alguns casos, a proximidade entre os malandros e outros freqüentadores do bairro era grande. Em outros, imperava o desconhecimento.

Se o bairro da Lapa foi durante muito tempo fonte de inspiração para os compositores dos sambas malandros, não poderia deixar de existir um encontro entre sambistas e o elemento forte de sua fonte de inspiração – a malandragem. O exemplo mais conhecido é, sem dúvida, o episódio que envolveu Geraldo Pereira e Madame Satã, na ponta do processo que desencadeou a morte do sambista.

Geraldo Pereira foi um dos grandes sambistas da época. Nascido em Juiz de Fora, ao chegar ao Rio de Janeiro, após passagens pelo Morro de Mangueira e subúrbios, instalou-se na Lapa nos anos 30. Famoso por suas histórias de valentia, levava uma vida de samba e boêmia nos cabarés e bares da cidade. Seu fim ilustra bem um estilo de vida. Em 1955, após uma discussão com Satã iniciada no antigo bar Capela, na Lapa, que acabou terminando em briga na rua, Geraldo Pereira foi internado em estado grave com ferimentos na cabeça que, somados a outras complicações herdadas da vida boêmia, resultaram em sua morte aos 37 anos de idade, quatro dias após o incidente.

Desta história, é claro, o malandro Satã tiraria proveito, ficando conhecido como aquele que matou um homem com um soco só. Na sua versão, Geraldo Pereira caiu logo em seguida ao primeiro soco. Fama ainda maior, já que o sambista era forte, alto e tinha fama de valente. Há exemplos, e muitos, menos turbulentos da relação entre sambistas e malandros. O próprio Satã afirmava ser amigo de vários compositores, entre os quais destacava um dos mais famosos, Francisco Alves.<sup>14</sup>

No entanto, ao contrário da proximidade demonstrada em relação aos sambistas, o contato com a intelectualidade – que fazia uso da figura malandra para ilustrar seus escritos – parece muito pequeno. Em entrevista ao **Pasquim**, o mesmo Madame Satã, perguntado sobre alguns nomes ilustres que passaram pela Lapa, responde sem maior cerimônia:

---

“(…) – E Manuel Bandeira?

- Manuel Bandeira?
- Morava no Beco.
- No Beco das Carmelitas?
- É.
- Não, assim de nome, não. (...)
- O Odilo Costa Filho?
- Não, eu conheci um Odilo que hoje é major de Polícia.
- Mário de Andrade?
- O Mário de Andrade que eu conheci era bicheiro.
- Você conheceu algum jornalista, intelectual, escritor, daquele tempo?
- O jornalista que eu conheci foi o falecido Mário dos Santos e um tal Macedo...”<sup>15</sup>

Os relatos de Madame Satã são uma exceção. A imagem do bairro da Lapa não pode contar com outros textos memorialísticos dos próprios malandros. Os intelectuais e a polícia, dos quais já tratamos, tiveram, cada qual a seu modo, um papel na difusão da fama da Lapa. Porém, é a visão enaltecida dos sambistas que vai garantir a propagação do “som” que vem da Lapa, reavivada constantemente na memória coletiva.

“A Lapa é o ponto maior do mapa  
do Distrito Federal”

Herivelto Martins & Benedito Lacerda

Freqüentar ou apenas passar pela Lapa dos anos 30, significava conhecer um pouco da vida que palpitava no coração da cidade do Rio de Janeiro. O resgate do cotidiano do bairro, nas imagens produzidas e promovidas pelos intelectuais que o vivenciaram, como já vimos, vai de encontro à percepção do que seria o jeito, a alma, a vida do carioca, ou pelo menos, a uma de suas marcas.

Até agora utilizamos para tratar do bairro da Lapa, principalmente, as lembranças que marcaram a juventude dos intelectuais. Esta presença foi definitiva para a perpetuação da imagem do local boêmio da cidade. Através de livros, crônicas, poesias e artigos publicados em jornais, essas imagens fixaram-se. Entretanto, não são únicas. Reforçar a imagem da Lapa como centro boêmio do Distrito Federal foi também ação constante de diversos grupos que freqüentavam e realizavam a boêmia do bairro.

A famosa Lapa não caiu no gosto popular ou tornou-se conhecida nacionalmente apenas pela sua freqüência intelectual, mas também porque nela atuavam indivíduos que, ao construírem elos de ligação com a cultura popular do período, eram também porta vezes de um discurso nitidamente formador da imagem do carioca. Este outro grupo – boêmio e divulgador do bairro da Lapa – tem a sua frente os compositores de samba, que ao retratarem o cotidiano de suas vidas, acabaram por cantar quase que permanentemente o bairro.

Claúdia Mattos em **Acertei no Milhar: samba e malandragem no Tempo de Getúlio**<sup>16</sup> ao trabalhar especificamente com um tipo de samba característico dos anos 30 e 40, o samba malandro, destaca as obras de dois sambistas da época: Geraldo Pereira e Wilson Batista, apontando-os como compositores que fizeram de suas músicas reflexo de suas vidas cotidianas,

---

logo, retrato do grupo social que representavam. A partir daí, ressalta a importância de suas obras, como um trabalho bastante específico e representativo:

“As letras de samba por muito tempo constituíram o principal, senão único, documento verbal que as classes populares do Rio de Janeiro produziram autônoma e espontaneamente. Através dela, vários segmentos da população habitualmente relegados ao silêncio histórico impuseram sua linguagem e sua mensagem a ouvidos freqüentemente cerrados a voz do povo”.<sup>17</sup>

Ao fazerem de seus sambas verdadeiras crônicas da cidade do Rio de Janeiro, as obras de alguns sambistas da época podem ser vistas como representantes de “certos aspectos do imaginário das classes populares cariocas”,<sup>18</sup> já que boa parte desses compositores eram oriundos das camadas mais pobres da população. Negros, pobres e “mal ajustados na sociedade de sua época”.

O samba, “coisa de preto e de pobre”, carregava o peso da discriminação e do preconceito. Mesmo não tendo nascido nas favelas, foi lá que o samba encontrou sua maior acolhida, proliferando como agente unificador e mantenedor da identidade sócio-cultural das comunidades dos morros. A autora chama a atenção para alguns dos principais motivos de subida aos morros:

“Quando a polícia persegue os sambistas no início da história do samba, estes vão fazer do morro o seu reduto. E o morro passa a representar para sambistas e favelados em geral um domínio com lugar reservado à alegria e à liberdade, onde tem lugar o rito do samba e onde o sujeito se liberta

---

das pressões cotidianas da falta de dinheiro, da imposição do trabalho”.<sup>19</sup>

Além das favelas, as zonas suburbanas, pelas mesmas características – lugar de pobre – tornaram-se também reduto do samba. É a partir de 30, que o samba passa a ser ouvido através da radiodifusão, enquanto que o movimento de crescimento das favelas vai tomando corpo. Para Cláudia Mattos, “ambos portanto surgem, crescem e adquirem participação oficial na cultura da sociedade global em movimentos mais ou menos paralelos”.<sup>20</sup>

Alguns dados sobre o início da história da rádio no Brasil parece-nos esclarecedores. Durante a década de 20 apenas duas emissoras de rádio funcionavam na cidade do Rio de Janeiro, e de forma bastante precária. Já em 1930 este número aumenta sensivelmente, passando para 5 emissoras. Aumenta igualmente o comércio de discos, vitrolas e aparelhos de rádio e surge uma nova geração de cantores e compositores.<sup>21</sup>

É no início dos anos 30, que o Governo de Getúlio Vargas legaliza a publicidade paga nas rádios. Com a injeção de maiores recursos, a radiodifusão toma novos rumos. Surgem novos programas, com maior espaço para a música. De maneira diversa a São Paulo, que mantinha uma preocupação com a difusão de uma cultura geral, as rádios do Rio de Janeiro voltam-se principalmente para agradar o “carioca nato”.

Os anos 40 vão representar para o rádio a consolidação de seu prestígio e credibilidade. São os anos de ouro do rádio no Brasil, sua afirmação como o maior veículo de comunicação social. A Rádio Nacional, encampada pelo Estado Novo em 1940, e símbolo maior desta “era de ouro” do rádio, tinha em sua programação um horário especial para a música popular:

“A situação da Rádio Nacional (...) apresenta os seguintes índices: irradia 112 horas por semana, ou seja, 6.720 minutos, assim distribuídos os seus programas: música clássica e semiclássica,

---

300 minutos; programas educativos, 300 minutos; música variada, 1810 minutos, cultura física, 660 minutos; radioteatro, 960 minutos; música popular brasileira, 740 minutos; programas de auditório, 270 minutos; variedades, 940 minutos”.<sup>22</sup>

Logo, além do tempo dedicado especialmente à música popular, existia ainda o espaço de “música variada”, em que o samba também era tocado. E, cada vez mais, os compositores de samba e os intérpretes de suas músicas participavam dos programas de auditório.

Junto ao crescimento da radiodifusão, em 1932, os desfiles das escolas de samba passam a ser organizados para competição. O samba desce o morro, e ganha um público diversificado, ingressando no “heterogêneo e vasto mercado do consumo cultural”.<sup>23</sup>

Durante o Estado Novo, a preocupação em construir uma imagem que evidenciasse o valor do “mundo do trabalho” é cada vez maior e, para tanto, o tratamento apologético dado à figura de Getúlio Vargas e o culto à figura do trabalhador traduz-se, entre outros artifícios, pela instituição de uma série de festividades como por exemplo: as comemorações do 1º de maio; do aniversário do Presidente; do dia da Independência; e o aniversário do Estado Novo, entre outras datas. Neste esforço, além de influenciar diretamente as áreas ligadas à saúde, à alimentação, e educação do trabalhador, a preocupação do Estado com a dimensão cultural é grande. Busca-se valorizar o nacional e reverenciar certos valores. Na área musical esta preocupação é traduzida pelo “reconhecimento do valor e do poder de sugestão da música popular”.<sup>24</sup>

São conhecidas as ações da censura, moldando certas composições aos padrões de valores difundidos pelo Estado, mas Vargas procurou agir também de forma menos repressiva. Quanto a isso, o governo tratou de tomar uma série de medidas que beneficiaram aqueles indivíduos

---

ligados ao samba e à música popular brasileira em geral. Getúlio procurou, sem dúvida, tornar-se simpático entre os sambistas.

Ainda deputado, Getúlio viu o decreto-lei 5.492 de 16 de julho de 1928, de sua autoria, ser aprovado. Esta decreto determinava o “pagamento de direitos autorais para todos que explorassem a música comercialmente”.<sup>25</sup> Em 1933, cinco emissoras de rádio saíram do ar, em protesto contra a nova legislação que aumentava o valor pago a título de direitos autorais de 90 para 500 mil réis por mês, pelas músicas executadas. As negociações entre emissoras e SBAT (Sociedade Brasileira de Autores Teatrais), tiveram uma intervenção direta do Ministro da Justiça, que conduziu a uma solução conciliatória, ao fixar em 300 mil réis o dito valor.<sup>26</sup>

Em 1939, o governo instituiu oficialmente o Dia da Música Popular Brasileira, comemorado em 3 de janeiro. Finalmente, em 1940, a Rádio Nacional é encampada, reestruturando-se para adequar-se às necessidades do governo e transformando-se no principal canal de divulgação de música popular do país.

Coube ao Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP), organizar e promover “certames e festividades populares que projetaram vários sambistas, a partir de 1940, estimulando ainda mais adesão da classe ao ideário estadonovista.”<sup>27</sup>

Nem todos, porém, estavam satisfeitos com o crescimento da divulgação, via rádio, da música popular, em especial o samba. Em 1938, Luís da Câmara Cascudo, por exemplo, escreveu:

“(...) aqueles que esperavam ter no rádio um elemento educador estão se desiludindo. As estações emissoras brasileiras, com raras exceções, cumprem um programa de perfeita banalização musical, irradiando, com lamentável insistência, sambas e sambas, sambas e sambas (...) O samba tem a sua função e a sua

---

beleza segura. Mas, sem auxílio do espírito, e com as finalidades meramente “emissoras”, sem direção, sem escolha de linguagem e de moral, o rádio está, como o esporte, deseducando e preparando uma dúzia de futuros gozadores.”<sup>28</sup>

Como o crescente aumento da audiência radiofônica, cresce também a divulgação dos sambas. Neles, os lugares de boêmia são recorrentemente cantados. O mais importante desses lugares, a Lapa, além de ser um dos pontos de encontro para a “troca” de sambas, servia também como inspiração para os compositores. Se o morro é, para os sambistas, um importante contato com suas raízes culturais, é no asfalto e na boêmia da Lapa que, muitas vezes, encontram uma roda que corresponde a sua postura de vida. A Lapa também é negra e pobre e está em uma zona marginal ao centro da cidade.

A obra de Wilson Batista é para nós bastante significativa, pois trata-se do compositor de seu tempo que mais cantou o bairro da Lapa.<sup>29</sup> Como sua história de vida se cruza com a da Lapa em vários pontos, vale a pena resumi-la. Negro, nascido em Campos, estado do Rio, em 1913, chegou ao Rio já como compositor. Trabalhou, mas é claro por muito pouco tempo, como acendedor de lampiões da Light. Vivia da venda de seus sambas, de “expedientes” e da ajuda de amigos, num estilo comum a muitos sambistas da época. Chegou à Lapa em 1930 e foi morar no coração do bairro, na rua Joaquim Silva, onde permaneceu por quatro anos.<sup>30</sup> Freqüentador assíduo da boêmia do bairro, amigo dos chamados “irmãos Meira”, dois malandros que atuavam na Lapa, foi preso algumas vezes e entre as acusações da polícia encontra-se, inclusive, uma por roubo. Em sua forma de trajar-se e de encarar a vida assumia uma “postura malandra”. Talvez apenas o samba o diferenciasse.

Em seus escritos para um livro de memórias inacabado, Wilson Batista mostra a cara da sua Lapa:

“Vou procurar meu amigo Erasmo na Lapa, uma Lapa cheirosa, de lindos cabarés, com cantores

---

de cantores tangos argentinos e malandros de camisas de seda japonesa e anel de brilhante no dedo. Mulheres de suares ... tudo é alegria, tudo é boêmia, tudo é perfume(...) Era assim a Lapa... Os malandros se vestiam com grandes alfaiates que costuram também para altos políticos. Nas madrugadas quentes os automóveis de capotas arriadas trazem turistas de todos os bairros para se divertirem na Lapa.”<sup>31</sup>

A Lapa de Wilson Batista não diferia muito das descrições dos intelectuais que já tivemos oportunidade de mencionar. Os ingredientes básicos da boêmia encontram-se aí enunciados: mulheres, cabarés, malandros... Porém seu olhar está situado em um local bem diferenciado. Não é um turista que passa pela Lapa ocasionalmente para conferir de perto a fama do bairro; está dentro dele. Sua situação limítrofe de sambista que tem como estilo de vida próximo à boêmia malandra, deixa-o bastante a vontade para não ser um visitante ocasional, mas também distinguir-se do “autêntico” malandro.

Nos sambas, Wilson Batista descreve uma Lapa idealizada, mas com uma preocupação profunda em preservar o bairro ante uma iminente morte ou queda no esquecimento. Em “Largo da Lapa”, gravado em 1942, época em que o bairro já passava pela fase marcada como de fim da “idade do ouro”, conforme a cronologia dos memorialistas, o compositor tenta resgatar uma imagem positiva da Lapa. Para isso lista alguns fatores que tornavam o bairro tão freqüentável como outro qualquer: sua origem religiosa, um local sem violência e a vantagem de ser um ótimo local de encontro:

Foi na Lapa que eu nasci  
foi na Lapa que eu aprendi a ler  
foi na Lapa que eu cresci  
e na Lapa eu quero morrer  
A Lapa também tem a sua Igreja

---

pra que toda gente veja  
onde eu fui batizado  
A Lapa onde já não há conflito  
fica no 5º Distrito  
aonde eu fui criado  
um samba, um sorriso de mulher  
bate-papo de café,  
eis aí a Lapa.”<sup>32</sup>

Em “História da Lapa”, o compositor vira a história pelo avesso e encontra uma forma de tornar a Lapa ilustre. Resgata seus personagens ligados à cultura popular – os malandros em particular – como se fossem heróis, mas tenta também inserir o bairro na cronologia da história “oficial”.

“Lapa minha Lapa querida  
Miguelsinho, Camisa Preta,  
Meia-Noite e Edgar...  
Lapa, minha Lapa boêmia  
a Lua só vai para casa  
depois do sol raiar  
Falta uma torre na Igreja  
vou lhe contar meu irmão,  
foi no tempo de Floriano,  
foi um tiro de canhão.  
Naquele dia o nome da Lapa  
encheu-se de Glória  
deixou seu nome na história.”<sup>33</sup>

A torre da igreja a que Wilson Batista se refere, a da Igreja de N.S. da Lapa, na verdade nunca chegou a ser terminada. Mas, a valentia do bairro cantada aí era com certeza mais digna

---

do que a atribuída aos malandros em seus golpes e rixas.

O bairro da Lapa também foi cantado por outros compositores ilustres do mundo do samba. Noel Rosa, Geraldo Pereira, Herivelto Martins, Benedito Lacerda, entre outros, fazem parte desta lista. Em “A Dama do Cabaré”, Noel Rosa trata de um dos maiores atrativos do bairro boêmio: a presença das mulheres. Trabalhadoras dos cabarés ou das pensões são na verdade o chamariz principal para a presença tão pontual dos homens ao bairro.

“Foi num cabaré da Lapa, que eu conheci você  
fumando cigarro... entornando champanha no seu  
soirré  
dançamos um samba... trocamos um tango por uma  
palestra  
Só saímos de lá meia hora depois de descer a  
orquestra  
Em frente à porta um bom carro nos esperava  
mas você se despediu e foi pra casa a pé  
No outro dia lá nos Arcos eu andava à procura da  
dama do cabaré  
Eu não sei bem se chorei no momento em que lia  
a carta que recebi (não me lembro de quem)  
Você nela me dizia que quem é da boêmia  
usa e abusa da diplomacia mas não gosta de  
ninguém”.<sup>34</sup>

Se a boêmia não permite criar vínculos entre as pessoas, parece ser bem diferente quando se trata de criar vínculos com o local. Noel Rosa não tem origem tão humilde, não era negro e nunca morou em uma favela, mas em comum com os outros sambistas, tinha o hábito de freqüentar a Lapa.

---

Em samba gravado já em fins da década de 40, Herivelto Martins e Benedito Lacerda reverenciam a Lapa destas noitadas do samba, como um local de importância capital para o Distrito Federal. Talvez percebendo o fim da “idade do ouro”, resgatam a Lapa:

“A Lapa  
Está voltando a ser a Lapa!  
A Lapa,  
Confirmando a tradição!  
A Lapa é o ponto maior da mapa  
Do Distrito Federal!  
Salve a Lapa!”<sup>35</sup>

Os sambas e textos literários que propagam uma Lapa essencialmente boêmia, tem suas linhas repletas de citações às mulheres do bairro, à vida noturna e à figura do malandro, talvez o personagem que melhor represente o bairro na memória coletiva. É esta figura, recorrentemente evocada e associada automaticamente ao bairro, que nos interessa agora.

O malandro “(...) chapéu de lado/tamanco arrastado/lenço no pescoço/navalha no bolso (...)”<sup>36</sup> tem em figuras como Wilson Batista, Geraldo Pereira, Ismael Silva, Moreira da Silva, entre outros, divulgadores associados a sua imagem. Principais vozes do samba malandro das décadas de 30 e 40, seus estilos de vida ajudaram a perpetuar este tipo.

O sambista Moreira da Silva, divulgador do samba de breque, considerado uma das figuras tipicamente cariocas, constantemente vê-se associado à antiga malandragem da Lapa. Justifica-se essa associação pelo seu modo de vestir malandro, pelas letras de suas músicas e por um discurso em que afirma ter cursado a escola de malandragem na “Universidade da Lapa”.<sup>37</sup> Ele próprio, porém, se considera um “falso malandro”, já que sua malandragem estaria muito mais na “ginga” do que em um estilo de vida. Afinal, apesar de viver na Lapa, Moreira alega que era um funcionário público, portanto, segundo ele, trabalhava.

---

A denominação malandro, desde muito, esteve ligada ao samba. Pelo menos, desde os anos 20, os negros sambistas dos bairros do Estácio, Cidade Nova, Saúde, Morro da Favela, Gamboa, Catumbi e Morro de São Carlos, já carregavam a designação de malandros. Com a mudança do samba para uma cadência sincopada, o que ocorre simultaneamente à difusão deste tipo de música, os sambistas passam a carregar cada vez mais a designação, tanto a partir da imprensa, como do público que ouvia suas canções.<sup>38</sup>

Nos anos 30, a imagem do malandro já está plenamente difundida. A malandragem e a boêmia fazem parte do “samba malandro”, marcado pelo personagem principal e por suas aventuras em meio ao cotidiano da cidade. Porém, o samba malandro é a caixa de ressonância de uma conduta marginal para o governo do Estado Novo – o não-trabalho – e de locais também marginais. Se a malandragem e a boêmia estão juntas, a Lapa não fica de fora, pois a lógica do samba, que muitas vezes canta o bairro, é essencialmente a lógica do samba, que muitas vezes canta o bairro, é essencialmente a lógica do samba malandro. Assim, se o malandro era uma ameaça ao ideário estadonovista, o governo não deveria poupar esforços para combatê-lo:

“O dever e o direito de trabalhar não comportavam idealizações alternativas para se alcançar um mundo melhor. Era preciso combater tanto o subversivo, identificado como o inimigo externo, como o estrangeiro de pátria e de idéias, quanto o malandro, o inimigo interno que se definia como avesso ao trabalho e às leis e regras da ordem constituída. Ambos eram ameaças contagiosas ao ideal de disciplinamento do trabalhador.”<sup>39</sup>

No campo da música, o samba malandro encontrou uma saída para sobreviver ao passar a cantar o “malandro regenerado”. É certo que alguns compositores realmente regeneraram seus malandros ou voltaram-se para o samba apologético durante o Estado Novo. Além da forte censura prévia que sofriam as obras musicais, outros ingredientes ajudaram nas reformulações:

---

as maiores oportunidades de divulgação das músicas e o dinheiro pago pelo DIP nos programas e festejos oficiais. Mas, para aqueles que não se renderam definitivamente a uma postura de conformação às novas normas, restou mais uma vez a utilização da criatividade, como faz notar Cláudia Mattos:

“Na verdade, o que ela [a música popular] faz é incorporar uma postura crítica mais realista e mais cortante, tendo para isso que se converter ainda mais decisivamente ao jogo da ironia, da ambigüidade, da linguagem da fresta. Enquanto o samba-canção se deleita num masoquismo conformista de inspiração formal e ideológica romântica, enquanto Ari Barroso e outros cantam a excelência da brasilidade estadonovista, o samba malandro conserva, mesmo nos anos 40, sua ginga libertária de autêntica inspiração popular.”<sup>40</sup>

Como exemplo claro deste jogo de ironia, temos o samba “Senhor delegado”, de Antônio Lopes e Jaú, onde o bairro da Lapa é o palco de um conflito entre um freqüentador – que jura não ser malandro – e a polícia.

“Eu já fui malandro  
Hoje estou regenerado  
Os meus documentos  
Eu esqueci mas foi por distração  
Comigo não  
Sou rapaz honesto  
Trabalhador, veja só minha mão

Sou tecelão

---

Se ando alinhado  
É porque gosto de andar na moda, pois é  
Se piso macio é porque tenho um calo  
que me incomoda na ponta do pé  
Se o senhor me prender  
Vai cometer uma grande injustiça na Lapa  
Amanhã é domingo  
tenho que levar minha patroa à missa na Penha”.<sup>41</sup>

Malandro dissimulado, malandro pseudo-regenerado, seu território continua sendo o bairro boêmio da Lapa, aqui em oposição à religiosidade da Penha. Portanto, se a figura do malandro apropriada pelos sambistas, ao tornar-se “regenerado”, conseguiu burlar os ouvidos da censura, por outro lado, o próprio governo por vezes apropria-se também de sua imagem. Aí, é claro, não interessa o malandro enquanto não-trabalhador, mas sim a esperteza típica do personagem.

O escritor e ator Mario Lago conta, em entrevista, que em uma peça sua, “Mamãe eu Quero”,<sup>42</sup> o quadro em que Getúlio Vargas aparecia conversando com um malandro não sofreu corte da censura. O malandro ensinava ao presidente vários golpes, mas no final da aula, antes de lhe mostrar um golpe infalível recebeu uma rasteira de Getúlio. Ao perguntar a Vargas como aprendera o tal golpe, recebeu como resposta: “Ah, eu faço essas coisas desde pequenininho”. Na mesma peça existia outro quadro que satirizava o Ministro do Trabalho. Este não passou de forma alguma.

Ao apropriar-se da figura do malandro, o governo procurava demonstrar sua profunda identidade com o elemento popular. Não é casual, por conseguinte que, após a aproximação com os EUA, na fase da política de boa-vizinhança, a figura que caracterizará o Brasil internacionalmente será, ao lado da baiana imortalizada por Carmem Miranda, o personagem de Walt Disney, Zé Carioca, criado especialmente para o momento. O papagaio Zé Carioca vestia-se como um autêntico malandro e sua esperteza, jeito de falar e andar, aproximavam-no ainda mais da figura do malandro.

---

O Estado Novo reprimiu o culto ao malandro enquanto figura representativa do não-trabalho, porém, utilizou-se de sua imagem estética para promover-se. O malandro boêmio, não era mais da Lapa e nem da cidade do Rio de Janeiro. Resignificado e “politizado”, passou a servir aos “interesses nacionais”. O malandro da Lapa era do Brasil.

- 
- 1 Perrot, Michelle. “Na França da Belle Époque, os apaches, primeiros bandos de jovens”. In *Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
  - 2 Idem, *ibidem*, p. 313.
  - 3 Ver por exemplo a entrevista ao Pasquim, mais tarde publicada no livro *As Grandes Entrevistas do Pasquim*. 2<sup>a</sup>. ed, Rio de Janeiro, Codecri, 1976. A auto-biografia foi publicada conforme narração a Sylvan Paezzo, com o título *Memórias de Madame Satã*. Rio de Janeiro, Lidador, 1972.
  - 4 *Memórias de Madame Satã*, *op. cit.*,
  - 5 Idem, *ibidem*, p. 1.
  - 6 Idem, *ibidem*, p. 2.
  - 7 Idem, *ibidem*, p. 14.
  - 8 Idem, *ibidem*, p. 17.
  - 9 Idem, *ibidem*, p. 47.
  - 10 Idem, *ibidem*, p. 44.
  - 11 Idem, *ibidem*, p. 4.
  - 12 Bakhtin, Michail, *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento. O Contexto de François Rabelais*, São Paulo, Hucitec/UNB, 1987, pp. 5-8.
  - 13 Idem, *ibidem*, p. 8.
  - 14 Sobre o episódio ver Campos, Alice Duarte Silva de (e outros). *Um Certo Geraldo Pereira*. Rio de Janeiro, Funarte, 1983. pp. 194 e ss.
  - 15 *As Grandes Entrevistas...*, *op. cit.*, p. 158.
  - 16 Mattos, Cláudia. *Acertei no Milhar. Samba e Malandragem no Tempo de Getúlio*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
  - 17 Idem, *ibidem*, p. 22.
  - 18 Idem, *ibidem*, p. 21.
  - 19 Idem, *ibidem*, p. 32.
  - 20 Idem, *ibidem*, p. 28.
  - 21 Cabral, Sérgio. *No Tempo de Almirante: uma História do Rádio e da MPB*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990, p. 50.
  - 22 “Notícias da Rádio Brasileira”. In *Jornal do Comércio*. Rio de Janeiro, 10/08/45. Apud Saroldi, Luis Carlos (e outros). *Rádio Nacional: o Brasil em Sintonia*. 2<sup>a</sup>. ed, Rio de Janeiro, Funarte/Martins Fontes, 1988.
  - 23 Mattos, Cláudia, *op. cit.*, pp. 34-35.
  - 24 Gomes, Ângela de Castro. *A Invenção do Trabalhismo*. Rio de Janeiro, Vértice/IUPERJ, 1988, p. 265.
  - 25 Cabral, Sérgio, *op. cit.*, p. 116.
  - 26 Idem, *ibidem*, pp. 115-116.
  - 27 Mattos, Cláudia, *op. cit.*, p. 90.
  - 28 Apud Cabral, Sérgio, *op. cit.*, p. 133.
  - 29 Sobre a relação de Wilson Batista com a Lapa, ver Gomes, Bruno Ferreira. *Wilson Batista e sua Época*. Rio de Janeiro, Funarte, 1985.
  - 30 Idem, *ibidem*, pp. 13-28.
  - 31 Idem, *ibidem*, p. 20.
  - 32 Utilizo aqui as transcrições de Gomes, Bruno, *op. cit.*, p. 107.
  - 33 Idem, *ibidem*, p. 107.

- 
- 34 Conforme transcrição de Máximo, João & Didier, Carlos. Noel Rosa. Uma Biografia. Brasília, UNB, 1990, p. 316.
- 35 “A Lapa”, gravado por Francisco Alves, em 1950.
- 36 Do samba “Lenço no Pescoço” de Wilson Batista.
- 37 “O Falso Malandro – Entrevista com Moreira da Silva”. Veja. São Paulo, 7 de abril de 1982, p. 6.
- 38 Mattos, Cláudia, op. cit., pp. 41-42.
- 39 Gomes, A.C. A Invenção do Trabalhismo, op. cit., p. 266.
- 40 Mattos, Cláudia, op. cit., pp. 112.
- 41 Conforme transcrito por Mattos, Cláudia, op. cit., pp. 112-113.
- 42 “Estado Não dá Samba – Entrevista com Mário Lago”. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 1º de novembro de 1937. (Caderno B Especial, p. 12).

---

## **CONCLUSÃO**

---

As imagens sobre uma cidade e seu povo não se cristalizam apenas a partir de um traçado urbano, prédios ou movimento. Dependem também, e em grande parte, das simbologias recorrentemente empregadas para definir seu caráter. Neste sentido, a marca do Rio de Janeiro parece estar associada à boêmia: para o bem, como a cidade alegre, cosmopolita, com um povo esperto, festivo e acolhedor; ou para o mal, como a cidade do ócio, da malandragem, dos excessos e do perigo.

Em recente matéria – e talvez não por acaso de um jornal de São Paulo – um jornalista, ao buscar saídas para o estado de insegurança frente à violência urbana em que vive a cidade do Rio de Janeiro, sugere um caminho como solução:

“É uma revolução cultural que se impõe. Uma revolução de costumes, de hábitos, de comportamentos. Uma revolução capaz de enxugar o caldo de cultura que favorece a violência, o desprezo pela lei e o desrespeito aos direitos: a velha malandragem, o jeitinho e a esperteza que os cariocas elegeram como “virtudes” da cidade não merecem, a esta altura, mais que a lata do lixo. Será preciso reorganizar valores – o que sem dúvida levará tempo. Tanto quanto foi necessário para que as coisas chegassem onde chegaram.”<sup>1</sup>

Mais forte que as condições sociais “objetivas”, é um certo “espírito” da cidade e de seus habitantes que carrega a culpa por seu grande mal. Em nosso trabalho, buscamos contribuir para o entendimento da permanência e reforço de imagens como essas, que deram à cidade uma certa identidade. O canal escolhido para entendermos esta construção foi a Lapa, que encarnou, mais que qualquer outro bairro da cidade, a marca da boêmia. Tal identidade da cidade construiu-se ao longo de um espaço grande de tempo, da mesma forma que a eleição da Lapa como símbolo do Rio boêmio não se fez da noite para o dia.

---

Por isso, procuramos destacar como os anos 60 foram fundamentais para a formulação de uma periodização da Lapa boêmia, que aponta para os anos 30 e 40 como “tempo áureo” do bairro. Naquela época, os bares e cabarés da Lapa foram freqüentados por cariocas e turistas de diversas origens sociais. Mas, para toda uma geração de intelectuais e políticos em início de carreira, foi um lugar de sociabilidade fundamental. São alguns desses homens de letras que, na década de 60, trataram de revalorizar a memória do bairro, destacando o lado positivo do lazer noturno e da vida boêmia.

E não é casual que isso tenha acontecido nos anos 60, quando a perda da função de capital parece retirar do Rio sua característica mais marcante, estimulando a busca, no passado, de traços que redefinissem a identidade carioca. Porém, também os traços então invocados não surgiram do vazio. Revalorizar o lado boêmio do Rio, conotando-o positivamente, era uma resposta a um discurso que apontava para o parasitismo da cidade/capital e de seus habitantes. Esse discurso teve, nos anos 20, uma fase fundamental de afirmação, principalmente a partir dos ataques de setores da intelectualidade modernista paulista disputando uma hegemonia cultural, antes indiscutivelmente possuída pelo Rio de Janeiro. Na verdade, uma cidade de excessos, da perda de controle, ameaçava de forma avassaladora os valores da “ordem” e do “trabalho”, tão caros a tal discurso. A Lapa, emerge como representante privilegiada desses excessos, por vivenciar em seus espaços uma “carnavalização” cotidiana. Desta forma, pode ser tomada como o paradigma da ameaça.

Não só os intelectuais ou o Estado disputaram espaço na formulação de uma identidade para a “cidade boêmia”, fosse ela festejada ou reprimida. É na cultura popular, em especial nos sambas, que a Lapa e seu principal personagem – o malandro – encontrarão um canal privilegiado de difusão. Para o bairro, os sambas tem uma importância fundamental, pois foram eles os responsáveis pela guarda e propagação de sua memória. Por outro lado, são também os sambas que tornam o malandro um personagem inesquecível e sempre atual. O próprio Estado se dá conta da importância deste nível de propagação de simbologias, atuando no sentido de controlar – via censura ou cooptação – a produção dos sambistas. O resultado seria a

---

incorporação da figura do malandro ao leque de símbolos da nacionalidade. Não por acaso, Zé Carioca, o malandro bem comportado, tornou-se o “embaixador cultural” do Brasil. Em sua figura está explícita uma “carioquice” que, ao menos para consumo externo, torna-se referência nacional.

---

1 Folha de São Paulo. São Paulo, 02 de outubro de 1994. (Revista de Folha, p. 78)

---

**FONTES E BIBLIOGRAFIA**

---

## MEMÓRIAS E CORRESPONDÊNCIAS

ANDRADE, Mário de. **Cartas a Manuel Bandeira**. São Paulo, Ediouro, s.d.

COARACY, Vivaldo. **Memórias da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1965.

DAMATA, Gasparino. **Antologia da Lapa: Vida boêmia no Rio de Ontem**. Rio de Janeiro, Leitura, 1965.

DEODATO, Alberto. **Roteiro da Lapa e Outros Roteiros**. Belo Horizonte, Itatiaia, 1960.

GERSON, Brasil. **História das Ruas do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Souza, s.d.

HOLANDA, Nestor de. **Memórias do Café Nice: Subterrâneos da Música Popular e da Vida Boêmia do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Conquista, 1969.

IRAJÁ, Hernani de. **Adeus Lapa**. Rio de Janeiro, Record, 1967.

LAGO, Mario. **Na Rolança do Tempo**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1976.

MADAME SATÃ. **Memórias de Madame Satã**. (Conforme narração a Sylvan Paezzo). Rio de Janeiro, Lidador, 1972.

MARTINS, Luís. **Noturno da Lapa**. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1964.

---

## PUBLICAÇÕES OFICIAIS

BRASIL (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). **Área Central da Cidade do Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, IBGE, 1967.

----- **Recenseamento do Brasil. Realizado em 01/09/1920**. Rio de Janeiro, Typ de Estatística, 1923. (Vol. II – 1ª Parte “População do Rio de Janeiro – Distrito Federal);

----- **Urbanização do Rio de Janeiro: decreto nº 7.064 de 31/07/41 – Aprova o Plano de Urbanização da Esplanada Resultante do Desmonte do Morro de Santo Antônio**. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1942.

DODSWORTH, Henrique de Toledo. **A Avenida Presidente Vargas: Aspectos Urbanísticos, Jurídicos, Financeiros e Administrativos de sua Realização**. Rio de Janeiro, Jornal do Comércio, 1953.

**O Rio de Janeiro e seus Prefeitos: Evolução Urbanística da Cidade**. Rio de Janeiro, Pref. Mun., s.d.

Prefeitura do Distrito Federal. **Recenseamento do Rio de Janeiro (Distrito Federal), realizado em 20 de setembro de 1906**. Rio de Janeiro, Oficina de Estatísticas, 1907;

PREFEITURA DO DISTRITO FEDERAL (Departamento de Geografia e Estatística). **Censo das Favelas: Aspectos Gerais**. Rio de Janeiro, DGE, 1949, pp. 5 e 6.

SILVA, Fernando Nascimento (org.). **O Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos: Formação e Desenvolvimento da Cidade**. Rio de Janeiro, Record-Governo do Estado da Guanabara, 1965.

---

## LITERATURA JURÍDICA E POLICIAL

ALMEIDA, Reynaldo Lyrio de. **Guia do Policial. Coletânea de Legislação Penal e Contravencional, para Uso dos Policiais de Todas as Categorias.** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1948.

ALONSO, Aníbal Martins. **Organização Policial: História, Legislação, Administração.** Rio de Janeiro, Freitas Bastos, 1959.

FRANCO, Ari de Azevedo. **Aspectos Legais e Sociais da Contravenção da Vadiagem.** Rio de Janeiro, Alba, 1930.

MENDONÇA, Burguy. **Aspectos Legais e Sociais do Problema da Vadiagem.** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1939.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA E NEGÓCIOS INTERIORES. **Portarias do Chefe de Polícia (Janeiro de 1937 a maio de 1949).** Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1949.

PEDREIRA, Rolando. **Lições de Polícia Prática.** Rio de Janeiro, Gazeta Policial, 1935.

ROMÉRO, André. **Instruções Policiais (Para Guardas Rondantes).** Rio de Janeiro, Polícia Municipal, 1935.

---

## PERIÓDICOS

**Folha da Lapa.** Rio de Janeiro, 1991-1992.

**Gazeta Policial.** Rio de Janeiro, 1931.

**O Globo.** Rio de Janeiro, 1990.

**Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 1990-1992.

**A Noite.** Rio de Janeiro, 1930-1940.

**A Notícia.** Rio de Janeiro, 1930-1940.

## ENTREVISTAS

AGUIAR, Anésio Frota. **Entrevista concedida a Muza Clara Chaves Velasques e Beatriz Kushinir**, entre 13 e 19 de dezembro de 1989.

LAGO, Mário. “Estado não dá Samba”. **Entrevista concedida ao Jornal do Brasil.** Rio de Janeiro, 1º de Novembro de 1987.

MADAME SATÃ. Entrevista concedida ao Pasquim. In **As Grandes Entrevistas do Pasquim.** 2ª. ed., Rio de Janeiro, Codecri, 1976.

MOREIRA DA SILVA. “O Falso Malandro”. **Entrevista concedida à Veja.** São Paulo, 7 de abril de 1982.

---

## PROCESSOS CRIMINAIS

. João Francisco dos Santos (vulgo Madame Satã) e outros, 1952. AN, caixa 979, N°481/51, galeria a.

.João Francisco dos Santos (vulgo Madame Satã), 1942. Arquivo Nacional (AN), caixa 739, N° 265/46, galeria a.

.Joaquim Marques de Oliveira (vulgo Leão Coiceiro), 1934. AN, caixa, N., galeria a.

.Otávio José Pinto (vulgo Meia-Noite), 1932. AN, caixa, N., galeria a.

## BIBLIOGRAFIA

ABREU, Maurício. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Iplanrio-Jorge Zahar, 1987.

AQUINO, Lia. **Contribuição ao Estudo das Habitações Populares. Rio de Janeiro: 1886-1906**. Rio de Janeiro, Sec. Mun. de Cultura, 1986.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 2<sup>a</sup>. ed., São Paulo, Edusp, 1987.

CABRAL, Sérgio. **No Tempo de Almirante: uma História do Rádio e da MPB**. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1990.

CAMPOS, Alice Duarte Silva de (e outros). **Um Certo Geraldo Pereira**. Rio de Janeiro, Funarte, 1983.

- 
- CANCELI, Elizabeth. **O Mundo da Violência. A Polícia da Era Vargas.** Brasília, Edunb, 1993.
- GIRARDET, Raul. **Mitos e Mitologias Políticas.** São Paulo, Cia. das Letras, 1987.
- GOMES, Ângela de Castro. **A Invenção do Trabalhismo.** São Paulo, Vértice / Iuperj, 1988.
- . “Essa gente do Rio... Os intelectuais cariocas e o modernismo”. **In Estudos Históricos.** N° 11. Rio de Janeiro, FGV, jan/jun 1993.
- GOMES, Bruno Ferreira. **Wilson Batista e sua Época.** Rio de Janeiro, Funarte, 1985.
- HOBSBAWM, Eric & RANGER, Terence. **A Invenção das Tradições.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1984.
- LUSTOSA, Isabel. **Brasil Pelo Método Confuso: Humor e Boêmia em Mendes Fradique.** Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1993.
- MATOS, Cláudia. **Acertei no Milhar: Samba e Malandragem no Tempo de Getúlio.** Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1982.
- MATTOS, Marcelo Badaró. **Vadios, Jogadores, Mendigos e Bêbados no Rio de Janeiro do Início do Século.** Niterói, UFF, 1991. (Dissertação de Mestrado)
- MÁXIMO, João & DIDIER, Carlos. **Noel Rosa: uma Biografia.** Brasília, UNB, 1990.
- MOTTA, Marly Silva da. **A Nação Faz Cem Anos: a Questão nacional no Centenário da Independência.** Rio de Janeiro, Cpdoc/FGV, 1992.

- 
- MOURA, Gerson. **Tio Sam Chega ao Brasil: a Penetração Cultural Americana**. São Paulo, Brasiliense, 1986.
- MURGER, Henry. **Scènes de La Vie de Bohème**. Paris, Garnier Frères, s.d.
- PERROT, Michelle (coord.). **História da Vida Privada: da Revolução Francesa à Primeira Guerra**. São Paulo, Cia. das Letras, 1991.
- . **Os Excluídos da História: Operários, Mulheres e Prisioneiros**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1988.
- SAROLDI, Luis Carlos (e outros). **Rádio Nacional: o Brasil em Sintonia**. 2<sup>a</sup>. ed., Rio de Janeiro, Funarte/Martins Fontes, 1988.
- SCHWARTZMAN, Simon (e outros). **Tempos de Capanema**. São Paulo, Edusp/Paz e Terra, 1984.
- SEIGEL, Jerrold. **Paris Boêmia: Cultura, Política e os Limites da Vida Burguesa. 1830/1930**. Porto Alegre, L&PM, 1992.
- SEVCENKO, Nicolau. **Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República**. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- SOARES, Luis Carlos. **Rameiras, Ilhoas, Polacas... A Prostituição no Rio de Janeiro do Século XIX**. São Paulo, Ática, 1992.
- TREBITSCH, Michel. “**Avant-Propos: la chapelle, le chan et le microcosme**”. In Cashiers de L’Institut D’Histoire du Temps Present. N° 20. Paris, IHTP, mars 1992.

---

VELLOSO, Mônica Pimenta. “A ‘cidade-voyer’: o Rio de Janeiro visto pelos paulistas”. In **Revista Rio de Janeiro. Nº 4**, Niterói, UFF, dez. de 1986.

